Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18909 4$00

TERÇA-FEIRA 4 NOVEMBRO 1975

Comandante Martins Guerreiro ao "DL"

VI GOVERNO NÃO É UM GOVERNO REVOLUCIONÁRIO

...MAS TEM DE CUMPRIR A SUA MISSÃO: "DIGERIR" AS CONQUISTAS ALCANÇADAS

Entrevista nas pág. centrais

Pinheiro de Azevedo hoje em Faro

O Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, deslocou-se hoje, a meio da manhã, a Faro, na sequência do programa de visitas a várias regiões do País com o objectivo de contactar com as populações e inteirar-se dos problemas regionais. Pinheiro de Azevedo, que viajou acompanhado do secretário de Estado do Ambiente, arquitecto Ribeiro Teles, foi recebido em Faro pelo brigadeiro Pezarat Correia, dirigindo-se de imediato para o Governo Civil e, daí, para uma visita rápida às instalações do Gabinete do Planeamento da Região do Algarve. Este Gabinete está directamente dependente do Primeiro-Ministro que, com a sua visita, quis inteirar-se dos seus problemas, dinamizando-o. Depois do almoço, oferecido por Pezarat Correia, Pinheiro de Azevedo iniciou uma sessão de trabalho que neste momento está a decorrer e se prolongará até às 17 horas. Pelas 18 horas, o chefe do Executivo dirigir-se-á, numa breve alocução, à população de Faro, (julga-se que falará das janelas do edifício do Governo Civil) regressando depois a Lisboa.

Entretanto, tal como aconteceu no Porto no passado dia 25 de Outubro, também agora o P. S. e o P. P. D. convocaram uma manifestação para as 18 horas, com o fim de apoiar o VI Governo e o Primeiro-Ministro. Mário Soares e Sá Carneiro, secretários-gerais daqueles dois partidos, deslocam-se propositadamente a Faro.

Desconhece-se se os simpatizantes do C. D. S., aderirão à manifestação, mas em contacto esta manhã com a sede do partido, em Lisboa, obtivemos a informação de que competirá à Comissão Distrital de Faro, daquela organização assumir a posição mais conveniente. Todavia, acrescentaram, se a visita do almirante Pinheiro de Azevedo representa uma «tentativa de reforço

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

UM NOBEL EM LISBOA

Pág. central

Destinavam-se à África do Sul

EXPLOSIVOS DE LISBOA APREENDIDOS NO SENEGAL

Segundo uma informação proveniente de Dakar. O navio «Gordonia», hasteando bandeira panamiana, com 55 toneladas de minas antipessoal de fabrico francês, a bordo embarcadas em Lisboa e destinadas à República da África do Sul, foi apreendido pelas autoridades do Senegal. Este navio entrara em Lisboa em 5 de Setembro último tendo saído a 20 com destino à Cidade do Cabo.

Em contacto com a firma Explosivos da Trafaria S. A. R. L., referida como expedidora desta carga foi-nos dito que não podiam dar qualquer informação pois isso era-lhes interdito «pelas autoridades compradoras e pelo Governo português». O nosso informador sublinhou ainda que quaisquer notícias «poderiam fazer perigar importantes negócios», mas não precisou quais.

De acordo com uma fonte de informação digna de todo o crédito sabe-se também que a administração da sociedade de explosivos portuguesa responsável pela carga se encontra bastante preocupada com esta apreensão.

Num momento extremamente delicado para o País, em que as relações internacionais, especialmente com os países do Terceiro Mundo, têm que ser defendidas a todo o custo, há negócios que, por mais vantajosos que sejam não podem fazer-se sob pena de gerarem enormes complicaçoes.

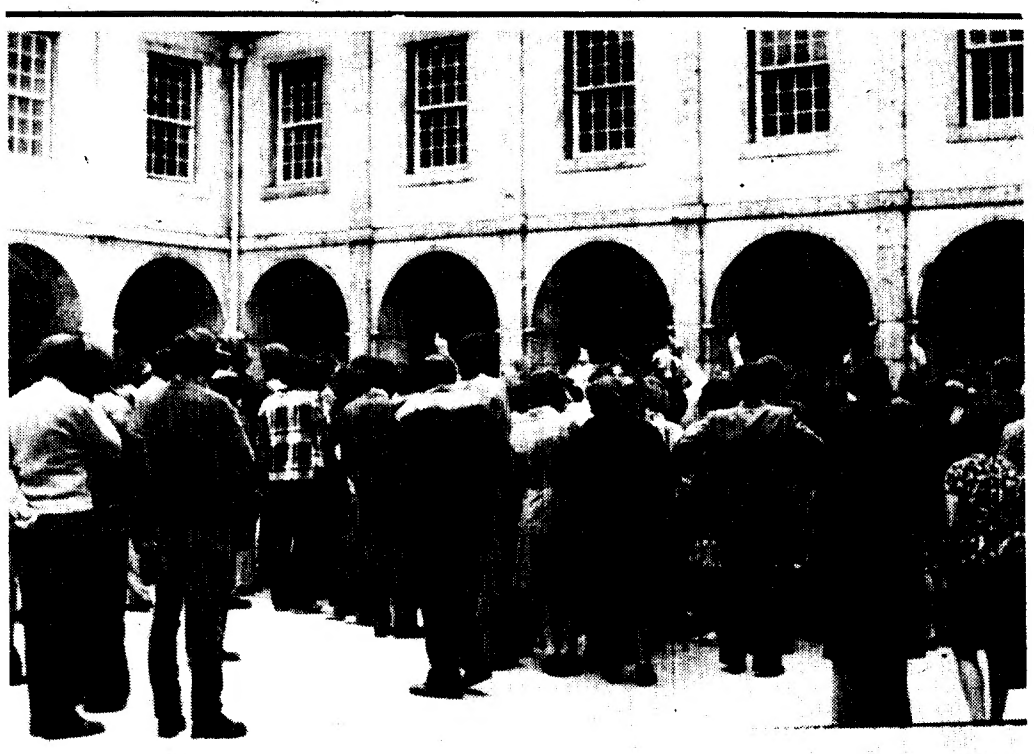
Afinal as minas foram carregadas cá? Foram fabricadas em Portugal? Ou utiliza-se o Porto de Lisboa para embarque de material destinado a um país que viola as fronteiras de territórios sob responsabilidade da bandeira portuguesa?

Não poderemos vir a ser acusados de os combatentes dos Movimentos de Libertação em Angola poderem ser vítimas de acidentes de guerra motivados por material fornecido por nós?

Claro que há o problema dos trabalhadores dessas indústrias da sobrevivência dessas firmas. Toda a gente sabe que uma indústria de armamento num País é um dos sintomas da sua independência, toda a gente compreende que os nossos excedentes de guerra e a produção das nossas fábricas de armamento têm que ser vendidos. Mas não haverá clientes que, pelo menos, não estejam em beligerância directa com os povos que nós pretendemos descolonizar?

E ainda a propósito de armas, onde estão as armas e as munições que se encontravam dentro de um Boeing americano estacionado na Portela?

Por que mãos passa isto tudo? Admitindo que todo este material para se movimentar necessite de documentos, quem cauciona todas estas perigosas manobras? O Povo português tem obrigações de saber pois não pode ver-se subitamente envolvido em conflitos perigosos cuja origem só mais tarde descobrirá.



O povo absolveu na rua...

O «estratagema» do 2.º Juízo Correccional do Tribunal da Boa Hora não surtiu efeito e o dr. Orlando Melro, juiz do mesmo, não teve outra alternativa que não fosse adiar, para 9 de Dezembro, o julgamento de Maria Rodrigues, que em Maio deste ano ocupou uma casa clandestina na Penha de França (Praça Aniceto Rosário). A Comissão de Moradores, naquela altura, comportava-se distintamente perante casos iguais. A actual, como força do Poder Popular, reage de acordo com os interesses do Povo e, esta manhã, mobilizou centenas de pessoas para assistirem a um julgamemo que não se efectuou de harmonia com os preceitos «legalistas» para se efectuar em Tribunal Popular.

O juiz daquele Correccional decidiu julgar a ocupante numa sala de 3 por 4 metros. Perante essa manobra, que procurava evitar a presença de po-

Continua na pág. 18

NA POLÍCIA JUDICIÁRIA

Mais seis processos contra o "DL"

Os peritos-inquisidores que o dr. Almeida Santos nomeou, dentro do seu Ministério, para denunciarem nos jornais tudo aquilo que, no entender do M. C. S., possa constituir «atentado» à Lei de Imprensa dedicam comprovadamente uma especial atenção às páginas do «Diário de Lisboa». Em consequência, acabam de participar à Polícia Judiciária mais 14 (catorze) supostas infracções, organizadas em seis novos processos, obrigando o nosso director adjunto, José Cardoso Pires, a depor naquela Polícia nas manhãs de ontem e hoje.

Entretanto, temos conhecimento de que o primeiro processo organizado contra o «DL» já teria sido remetido a tribunal.

Nacional

ENTRE OUTRAS DECISÕES DO CONSELHO DE MINISTROS

Os foros finalmente extintos

Através do Ministério da Comunicação Social recebemos o seguinte comunicado:

«O Conselho de Ministros reuniu em S. Bento (residência do Primeiro-Ministro) com a presença de todos os titulares, à excepção dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, que se fizeram substituir pelos secretários de Estado Medeiros Ferreira e Gomes Mota.

O Governo dedicou a primeira parte da sessão a um debate sobre a situação política do País, tendo apreciado, nomeadamente, a crise de autoridade, as acusações que lhe têm sido feitas no domínio da descolonização, o problema da informação, em geral e os acontecimentos ocorridos no «Século» em especial.

Após generalizado debate, foram tomadas, entre outras, as seguintes resoluções:

. 1.º — Solicitar do Conselho da Revolução uma reunião conjunta com o Governo, para discussão da crise de autoridade a todos os níveis, e informação ao Governo das posições e medidas concretas destinadas a resolvê-las, que o Conselho da Revolução tenciona tomar, nomeadamente em ordem a garantir eficácia, à determinação do Conselho da Revolução no sentido da imediata entrega, voluntária ou compulsiva de armas de guerra ilicitamente detidas por indivíduos ou grupos privados.

O Governo considerou oportuno realçar que a exiquibilidade compulsiva das leis que vota ou das resoluções que aprova, dependem das forças militares e paramilitares, braço armado do povo.

2.º — Esclarecer, uma vez mais, que a condução da política de descolonização sem excluir, evidentemente a relativa a Angola e Timor, compete, imediatamente, por lei constitucional, à Presidência da República, e por lei ordinária, à Comissão Nacional de Descolonização, pelo que são descabidas as críticas que, nesse domínio, têm sido dirigidas ao Governo, como aliás, implícita ou explicitamente, àquelas entidades, visto que tem sido unânime o reconhecimento das mais altas instâncias internacionais com responsabilidades em matéria de descolonização, sem excluir a ONU, a OUA e o Comité dos 24, das correctas posições do nosso País, enquanto potência administrante. O Governo julgou oportuno solidarizar-se com as medidas tomadas e anunciadas pelas instâncias competentes, em matéria de descolonização, e repudiar como contra-revolucionárias e antinacionais as críticas que lhe têm sido dirigidas em termos que ultrapassam os limites da boa-fé e do realismo mais elementares.

3.º — Solicitar ao ministro da Comunicação Social que diligencie pela rápida reestruturação do sector da Informação em geral, e da Imprensa em especial, sem prejuízo das diligências em curso de consulta dos trabalhadores, visto que só no âmbito dessa reestruturação pode conseguir-se uma solução global integrada e não casuísta, dos problemas e situações que têm obstado à objectividade, isenção partidária e pluralismo da Informação.

4.º — Aceitar a demissão dos dois membros do conselho de administração da Sociedade Nacional de Tipografia, S. A. R. L., proprietária do «Século» e diligenciar pela sua rápida substituição.

5.º — Reconhecer que a solução do problema da designação da direcção do «Século» — como aliás de outros órgãos de Informação — deve ser reconduzida às vias legais em vigor, enquanto não forem alteradas, na sequência do reconhecimento do princípio do respeito pela legalidade revolucionária.

6.º — Secundar a garantia já dada pelo sr. ministro da Comunicação Social de que, quaisquer que venham a ser as deliberações a tomar em matéria de reestruturação financeira dos órgãos de Informação, não estão em causa os salários dos trabalhadores.

. 7. Determinar que se proceda a um rigoroso inquérito aos factos ocorridos no «Século», em ordem a clarificar factos e responsabilidades, já que, sem prévia averiguação, não pode o Governo pronunciar-se e tomar posição sobre versões contraditórias, que inclusivamente põem em causa a legitimidade e a correcção das forças militares que intervieram no conflito que opõe trabalhadores a trabalhadores, intervenção, aliás, que o Governo não solicitou.

O Conselho de Ministros retomou os trabalhos às 22.30 horas, tendo tomado mais as seguintes resoluções e deliberações:

. 1. Como ponto prévio e no seguimento das acções desenvolvidas pelas comissões de saneamento e de inquérito dos T.L.P., o Conselho de Ministros decidiu propor a constituição de uma comissão militar com amplos poderes para averiguações no domínio da escuta telefónica. A referida comissão funcionará na dependência directa do Conselho de Ministros, e as suas conclusões serão objecto de ampla divulgação pública.

2. Foi aprovado um projecto de decreto-lei dos ministérios das Finanças e do Comércio Externo que revê e altera a incidência das sobretaxas sobre determinadas importações, de 20 e 30 por cento, estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 271/A/75, de 31 de Maio.

As alterações agora introduzidas consistem quer na sujeição de novos produtos àquelas sobretaxas, quer na exclusão de outros, quer na passagem de produtos sujeitos a uma das taxas para a lista correspondente à outra.

Este diploma insere-se na preocupação de corrigir em termos hábeis, as dificuldades decorrentes da rápida deterioração das balanças comercial e de pagamentos, e não dispensa outras medidas a tomar em breve neste domínio, na linha das anunciadas medidas de austeridade.

3. Foi aprovado na especialidade o decreto-lei — já aprovado na generalidade — que unifica as carreiras médicas assistencial e docente e confere a todos os hospitais centrais gerais, a função de praticarem assistência, educação médica a todos os níveis e investigação científica.

4. Foi aprovado um projecto de decreto-lei do Ministério dos Transportes e Comunicações que altera algumas disposições do mesmo código, que vigora, praticamente sem alterações, desde 1943.

As medidas introduzidas tendem à correcção da sua natureza eminentemente repressiva, e à introdução de amplas garantias de defesa. Bastará acentuar que, pelo regime actual, só no caso de aplicação da pena de exclusão é facultado recurso.

Em separado, o Governo proferiu uma resolução no sentido de ser constituído um grupo de trabalho para estudar a revisão da legislação penal, disciplinar e processual do pessoal da marinha mercante, e eventual transferência para os tribunais comuns da jurisdição actualmente atribuída aos tribunais marítimos.

5. Um projecto de decreto-lei do M.E.I.C. autoriza a liquidação dos encargos referentes a subsídios para frequência de cursos de aperfeiçoamento para a regência do ciclo complementar do ensino primário e trabalhos de orientação pedagógica prestados por professores das escolas primárias anexas às escolas do Magistério Primário nos anos de 1966 a 1973.

6 — Um projecto de decreto-lei do Ministério dos Transportes e Comunicações transfere para a Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses os poderes de intervenção da Direcção-Geral de Transportes Terrestres na realização do empreendimento ferroviário de Sines, bem como as posições contratuais, relativas ao mesmo empreendimento, assumidas por aquela Direcção-Geral. O diploma inclui ainda normas relativas às expropriações de terrenos necessários para instalações ferroviárias.

7 — Um outro projecto de decreto-lei do Ministério dos Transportes e Comunicações revoga o parág. 1. do artigo 73/0 da lei orgânica da Administração Geral do Porto de Lisboa e o parág. 1 do artigo 55/0 da lei orgânica da Administração dos Portos do Douro e Leixões, por forma a que o despacho do M. A. I. de 2.7.975 que fixa em 45 horas semanais o limite máximo da duração do trabalho no âmbito da administração central, local e regional, possa aplicar-se ao âmbito da administração dos referidos portos.

8 — Um projecto de diploma do Ministério das Finanças prorroga até 31 de Dezembro do ano corrente o prazo fixado no número 1 do artigo 3/0 do Decreto-Lei n.º 135/A/75, de 15 de Março, relativamente às mútuas de seguros.

9 — Foi discutido e aprovado na especialidade o decreto-lei já anteriormente aprovado na generalidade, que extingue o regime foreiro em relação aos prédios rústicos. O foreiro passará a proprietário pleno. E o Estado assegura aos ex-titulares do domínio directo que auferam rendimento inferior ao salário mínimo nacional, com a pensão vitalícia de valor não superior ao foro que auferiam, e que se mostre necessária para que aquele rendimento não fique abaixo daquele salário mínimo.

10 — Um projecto de diploma do M. E. I. C. cria o Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, integrado na Universidade Técnica de Lisboa, e o Instituto Superior de Educação Física do Porto, integrado na Universidade do Porto.

Em consequência, extingue o Instituto Nacional de Educação Física, a Escola de Instrutores de Educação Física de Lisboa e a Escola de Instrutores de Educação Física no Porto.

Os Institutos Superiores de Educação Física são escolas de ensino superior.

11 — Um diploma do Ministério do Comércio Externo e Turismo autoriza o ministro mediante despacho a prorrogar para além da data prevista no artigo 23.º do Decreto-Lei n.º 48912 de 18/3/969, a época de funcionamento das zonas de jogo temporário.

O diploma introduz medidas de adequação do regime destas zonas de jogo à referida prorrogação de prazo.

C.D.I. e P.I.D.E. fazem intercâmbio no sector do ensino

A somar a uma rede de informadores que o C.D.I. já possuía no I.S.C.E.F. (Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras), no Liceu Padre António Vieira, no Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Medicina, *Costra André*, o secretário de Estado da Instruçãt e Cultura, em 1970 ou 1971, pediu à P.I.D.E./D.G.S. uma relação dos estudantes das três Universidades «potencialmente perigosos». Pedido satisfeito, os dados transitaram para o C.D.I.

O nosso colega «O Século» tevela ainda que os vigilantes («gorilas») das Faculdades passaram a colaborar na detecção de actividades estudantis.

Todas as informações sobre a Universidade eram bem pagas pelo M.E.N. A título de exemplo: *José Manuel de Sousa* director do C.D.I. faria bom dinheiro com os panfletos dos estudantes progressistas da Universidade, comprando-os a 10 escudos e recebendo por eles o dobro.

Informa ainda «O Século» da existência de um Secretariado de Informação e Propaganda Universitária (S.I.P.U.), orientado por *José Luís Pechirra*, subsidiado directamente pelo gabinete de *Hermano Saraiva*. Os Serviços Sociais da Universidade eram a cobertura do S.I.P.U.; a residência Monti Oliveti (destacadamente) um dos centros coordenadores das operações de recolha de propaganda antifascista a circular nos meios estudantis. Depois era dirigida para José Manuel de Sousa, director do C.D.I. O S.I.P.U. chegou mesmo a editar o boletim «Vértice» (cerca de meia dúzia de exemplares vieram a lume).

Continuando a socorrer-nos das informações de «O Século»: por volta do ano de 1969, ao acto de matrícula foi acrescentado o preenchimento de uma ficha destinada ao C.D.I., que servia para manter actualizado o «curriculum político» de cada estudante. Este ficheiro deve ter reunido ao todo cerca de 70 000 fichas de estudantes. Além deste havia um particularmente selectivo que recolhia elementos já existentes nos ficheiros da P.I.D.E.D.G.S., L.P., P.S.P., processos disciplinares, reitorias e outros recolhidos por colaboradores do C.D.I. Estabelecia-se assim o intercâmbio informativo entre C.D.I. e P.I.D.E./D.G.S.

No arquivo do C.D.I. trabalhava mesmo o agente da ex-P.I.D.E./D.G.S., *Bernardino da Cunha Azevedo*, responsável nesta organização pelo sector de escutas telefónicas e intercepção postal.

Ganhou tal força e capacidade interventiva a existência do C.D.I. que, não poucas vezes, interferiu na homologação ou não dos corpos gerentes da associação de estudantes e outros organismos associativos.

Demitido

Por despacho do ministro da Agricultura e Pescas, publicado na folha oficial, foi demitido da função pública o dr. Francisco da Costa Silvério, chefe de secção do quadro do Instituto de Reorganização Agrária.

C.R. PROCESSA "A LUTA"

O Conselho da Revolução acaba de tomar todas as «necessárias diligências» a fim de demandar judicialmente o jornal «A Luta». Também o general Pinto Ferreira acusa o mesmo jornal, numa carta dirigida aos jornais «República», «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «Diário de Notícias» e O Século», de «notícias fantasiosas, mentirosas e tendenciosas».

As razões destas tomadas de posição devem-se, no que diz respeito ao C. R., à publicação nesse jornal de uma notícia, datada do dia 3 do corrente mês, intitulada «Noventa mil contos para ouvir as nossas conversas?» e que tratava do assunto referente a escutas telefónicas. Essa notícia levou o Conselho da Revolução, por intermédio do comandante Almeida Contreiras demandar judicialmente o jornal «A Luta» por motivos de «notícia falsa, mistificadora e caluniosa».

Por outro lado as razões da atitude assumida pelo general Pinto Ferreira devem-se a um artigo publicado por esse mesmo jornal no dia 18 de Outubro no qual se podia ler que «o pessoal da G. N. R. estava solidário com a P. S. P. no afastamento de Pinto Ferreira desta corporação».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

EDITAL N.º 123/75

Eu, Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber nos termos e para os efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril de 1970, que, pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, foi determinado o estabelecimento de zona de protecção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, classificada como imóvel de interesse público, situada na Avenida Marquês de Tomar nesta cidade, conforme limites indicados na planta topográfica que junto se afixou.

A área abrangida por essa zona de protecção fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os art.os 25.º, 26.º, 45.º e 46.º do Decreto n.º 20985 de 7 de Março de 1932, o Decreto n.º 38888 de 29 de Agosto de 1952, o Decreto-Lei n.º 28468 de 15 de Fevereiro de 1938, o Decreto-Lei n.º 39600 de 3 de Abril de 1954 e o n.º 2.º do § 1.º do art.º 19.º do Decreto n.º 46349 de 22 de Maio de 1965.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias contados da data da afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidade ou inutilidade da constituição da servidão resultante do estabelecimento da referida zona de protecção ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade. Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção-Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara Municipal, no prazo referido.

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 30 de Outubro de 1975.

O Presidente

Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

ATENÇÃO MÍOPES

OUTRA NOVIDADE

AS LENTES DE CONTACTO MOLES HIDROFLEX-MINI PODEM SER AGORA ADQUIRIDAS TAMBÉM EM SETE CORES

Ver bem sem óculos só é possível com as novas lentes de contacto moles, flexíveis, sendo um êxito comprovado para quem os usa, pois a sua extrema maciez elimina todos os problemas de adaptação.

Devem ser usadas por automobilistas e desportistas sem receio de as perder, assim como por todas as pessoas que frequentam ambientes saturados e ainda pelas que não se adaptam às lentes rígidas.

Também com as lentes rígidas podem obter-se bons êxitos quando devidamente adaptadas.

Para alterar a cor dos olhos e corrigir simultâneamente os defeitos visuais devem ser usadas lentes de contacto cosméticas.

Para mais informações dirija-se à ÓPTICA VISUAL, LDA.—Rua das Portas de Santo Antão, 27-2.º

ATENÇÃO: Entrada pela Espingardaria
Tel. 365515

Administração-Geral do Porto de Lisboa

EDITAL

INQUÉRITO ADMINISTRATIVO

Nos termos do n.º 1 do artigo 199.º do Decreto-Lei n.º 48 871, de 19 de Fevereiro de 1969 é, por esta forma, notificada ESCODEL — ESTRUTURAS E CONSTRUÇÕES METÁLICAS DESMONTÁVEIS, LD.ª, que teve a sua última sede conhecida na Avenida 5 de Outubro, 269-1.º, em Lisboa, e cujos corpos sociais se ausentaram para parte incerta, na sua qualidade de adjudicatária da empreitada desta Administração-Geral para «CONSTRUÇÃO DE UM TELHEIRO NO POÇO DO BISPO» para, no prazo de vinte dias contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a reclamação apresentada por FOSEL — ARMAZÉM DE MATERIAIS TÉCNICOS, LD.ª com sede na Rua do Desterro, 10, igualmente, em Lisboa, no valor de 1 379 277$60, sob pena de não o fazendo a mesma se ter por aceite e deferida.

A documentação que acompanhava a aludida reclamação poderá ser vista nesta mesma Administração - Geral, Serviço de Contencioso, durante as horas normais de expediente.

O Administrador-Delegado, substituto do Presidente do Conselho de Administração

Jorge Luís Sotto-Mayor de Araújo Rego

post scriptum

Uma vergonha para a revolução

Acabo de assistir na TV, ao 1.º programa da serie «Programa Militar». Trata-se, certamente, de nova iniciativa, que se segue, de forma consequente, à lavagem ao cérebro dos soldados, sargentos e oficiais iniciada com a intoxicante transmissão da ambígua mensagem do sr. Presidente da República. Depois da liquidação do departamento de dinamização revolucionária das F. A., a 5.ª Divisão, depois do assalto da direita aos órgãos de Informação, aí está o órgão de comunicação social de maior impacto na opinião pública, ao serviço da confusão ideológica, visando desarmar aqueles que, no interior das Forças Armadas, combatem contra os saneamentos à esquerda, contra os comandos reaccionários, contra o R. D. M. fascista, pela aliança com o povo trabalhador.

No início do programa o texto descreve os seus próprios autores: «a reacção inteligente aparece com face progressista». Mas já não engana ninguém a reacção nas F. A.

(...) Defende a unidade e a disciplina. Antes de falar de unidade vejam como o povo vê, caso a caso. O povo vê com preocupação a vigilância, como o conceito de «disciplina» e «unidade», serve para dar cobertura ao ataque aos quartéis progressistas, às calúnias ao RALIS e ao RASP, ao encerramento do CICAP, onde existem disciplina e unidades revolucionárias.

A reacção certamente que esfregaria as mãos com a neutralização dessas e doutras unidades revolucionárias e bastante força faz nesse sentido.

Mas há outras unidades onde há «disciplina» estilo R. D. M. Onde os reaccionários e contra-revolucionários comandam. São unidades tão «disciplinadas» que, ao que parece, certos fascistas as colocam na mesa de encontros políticos como um «argumento», sem sequer perguntar a opinião daqueles que, eventualmente, serão carne para canhão. Sobre essas, nem o P. P. D. nem a «Luta», nem o ELP nem o «Expresso», lançam as suas calúnias e manobras divisionistas.

É um pouco mais desavergonhada do que seria de esperar, a utilização, como exemplo, de um exército de um país socialista dos nossos dias. Não sabem, srs. militares da direita, como não corresponde à vossa disciplina esse exército, o da Jugoslávia, quando povo resistia ao opressor nazi-fascista? Esse exército que é hoje uma imagem de verdadeira ordem, a ordem socialista, eram então os guerrilheiros, os resistentes, o povo em armas.

Mal estamos quando o exército não é a imagem do povo na sua luta a cada passo. (...)

O programa militarista que nos foi apresentado é uma vergonha para a nossa revolução!

Filipe Dinis — Lisboa

Confiança nos que ficam

No curto espaço de tempo de 10 meses (Janeiro a Outubro deste ano) quatro turnos de incorporação militar foram licenciados, estando prevista a passagem à disponibilidade de mais um turno, o 1.º de 74, já para princípios de Dezembro. Se pensarmos que cada turno comporta cerca de trinta mil homens verifica-se que, neste ano de 1975, o segundo da Revolução, se ausentaram para sempre das fileiras do povo fardado cerca de 150 mil homens.

Cento e cinquenta mil vozes que não soarão mais nos plenários das unidades. Cento e cinquenta mil soldados que foram, essencialmente, quem fez a Revolução do 25 de Abril. Cento e cinquenta mil G-3 que não serão mais empunhadas contra a reacção. Ausência maciça que certos meios têm qualificado como autêntico saneamento à esquerda...

Como militar recém-licenciado resta-me a esperança — que torno extensiva a todo o último reduto de 73 — que a «malta» de 74 e 75 saberá defender os reais interesses do Povo Português, quer nos plenários de unidade, nas ADUs, quer na eventual (não desejada) necessidade de uma actuação militar directa e eficaz.

Com um voto de confiança na gente que fica nas fileiras (...) cedo o meu lugar àqueles a quem, a partir de agora, de armas na mão, compete defender as vitórias que a Revolução das Flores nos permitiu alcançar.

Joaquim dos Santos Silva — Ex-1.º cabo Op. Telimpressor da E. P. T.

UNIDADES!

Através do v. jornal, gostaria de expressar se possivel, a minha admiração ao P. S., P. P. D. e C. D. S.. Na verdade estes partidos dão provas duma maturidade política muito grande, ao esquecerem ideologias e unindo-se numa quando se trata de fazer força pela direita, em contraste com certa esquerda que mostra ser ingénua e que, por vezes, se torna ridícula.

Quando seria de esperar a união destas forças, venos algumas não aderirem a manifestações, dizendo-as partidárias, só porque nelas se integra determinado partido. O ataque à reacção fica em segundo plano.

Outra questão: o P. S. fala na escalada da direita, culpando o P. C. do facto. Tem o P. S. o meu apoio, pois na realidade é aquele partido que últimamente tenho visto em manifestações ao lado do C. D. S., bem como contar com o apoio deste e vice-versa na Assembleia Constituinte.

Temos pois que quando isto sucede, ou seja quando dois partidos de ideologias diferentes (?) apoiam o mesmo, alguma coisa vai mal no P. S.

Abílio Lopes — Lisboa

POLÍTICA ESCREVE-SE COM P

O DOUTRINARISMO EXTREMISTA

FERNANDO PITEIRA SANTOS

Na esquerda revolucionária, na F.U.R., e aquém e além da F.U.R., tanto importa seja no M.E.S., como na L.U.A.R. ou no M.R.P.P., na F.S.P. ou na U.D.P., qualquer esforço humilde de reflexão autocrítica é sempre voluntariosamente postergado, quando não é claramente esmagado pelas teorias da culpabilidade objectiva (ou mesmo subjectiva) por desvio ideológico ou vício de ligação de origem de classe. Com incontestável comodidade, e com confrangedor simplismo, reduz-se, expeditivamente, o crítico bem intencionado, ou o contestatário ocasional, a pertinaz adversário, e daí, num passo breve, numa pirueta da argumentação, a inimigo contumaz. A exacerbação do «ideológico» nutre-se da incapacidade política e ideológica de vencer, convencendo. Resulta da incapacidade de demonstrar a justeza da decisão política, pelo exercício concreto, pela prática política.

Há que reconhecer que se importou «ideologia» e «professores de revolução», aumentando, com risco para o desenvolvimento do «processo revolucionário», o número dos que falam com suficiência chocante, sentenciosamente, de um país que desconhecem e que avançam propostas, no plano táctico e no plano estratégico, que noutros locais e noutras condições, sofreram a condenação do insucesso ou se viram contestadas pela conjugação de factores que em Portugal não têm correspondente real ou paralela incidência. Greve defeito do doutrinarismo de esquerda é a mecânica repetição de esquemas teóricos elaborados nouro lugar e noutro tempo, sob o influxo de outras circunstâncias, reflectindo conjunturas assaz diferentes. Esse tipo de juízo por analogia, esse mecanismo repetitivo que é a negação da «análise concreta das situações concretas», que ignora as leis da dialéctica e a história real, está na origem de muitos erros de apreciação e de consequentes definições erradas de orientação política.

Como exemplos desta tendência errada, e extremamente prejudicial no nosso entusiástico, mas débil e contraditório «processo revolucionário», poderíamos citar diversas «palavras de ordem» sem conteúdo político-revolucionário, só radicais no plano do verbalismo estéril. E aqui, neste abismo do verbalismo estéril, se podem encontrar: as propostas «revolucionárias» e propostas «contra-revolucionárias».

Quando *o Poder* que encaminha, com dificuldades reais, hesitações, contradições, o «processo revolucionário» é contestado, coloca-se aos revolucionários mais lúcidos a exigência de analisar seriamente se essa contestação significa uma crítica que irá contribuir para a dinâmica do «processo revolucionário», ou se contestando o *poder possível* não se vai criar o *vazio de poder* de que, em última instância, poderá vir a tirar partido a «contra-revolução». Opor ao *poder revolucionário* contestado (e, não é de excluir, que com alguma razão), uma diligência para criar um *contrapoder,* ou *contrapoderes,* poderá ser, em condições bem concretas, uma astúcia para abrir a brecha que o «inimigo» (político, ideológico e de classe) não deixará de utilizar.

A teoria «de esquerda», ou «esquerdista», ou «esquerdizante», que reduz o nosso drama histórico a dois desfechos possíveis: «reacção» e «revolução», poderá ser sugestiva na sua elementar simplificação, mas elimina os mediatismos, as transitividades, os itinerários, que a luta política e que a luta de classes terão que percorrer. E mais: torna impossível, em termos úteis, o juízo político das situações de mediação. A «esquerda doutrinária», na sua incapacidade teórica, não é capaz de avaliar o carácter e o significado da acção do «VI Governo Provisório».

E isto porque condicionada ao dilema: «reacção» ou «revolução», não pode conceber como «não-reaccionário» o Governo que não considera «revolucionário». Na realidade um governo «não-revolucionário» pode assumir a direcção viável do combate contra a «reacção» em condições concretas, tais como as que determinaram uma conjuntura em que a luta contra a intencional «desestabilização» exige um esforço de «estabilização», orientado para uma «acumulação de forças» que permita defender as conquistas das classes trabalhadoras, consolidar o poder-de-Estado pré-revolucionário, defender a independência nacional.

Mas o «extremismo-doutrinário» só se refere a este critério de «independência nacional» como argumento contra forças e correntes que considera enfeudadas a interesses estrangeiros. Fá-lo polemicamente. Cada partido, pré-partido ou grupo, tudo sacrifica ao combate polémico, à competitividade ideológica. Todos são, em maior ou menor grau, extremos defensores do princípio aberrante de que a Revolução é favorecida por uma transposição sociológica do fenómeno da cissiparidade. Não compreendem que há diferença entre a depuração, no interior de um partido, e a divisão que debilita um exército político.

Acresce que para as divisões e para as separações, para as questões individuais e humorais, e, também, para as questões de diferente apreciação táctica e/ou estratégica, se procuram logo fundamentos ideológicos tornando irremediáveis, ou pelo menos profundas, diferenças ocasionais de opinião.

O esforço doutrinal, ideologicizante, da «esquerda extremista» no nosso país, afigura-se-nos, teoricamente minguado, flutuante e fátuo. Carece de originalidade intelectual, e, também, de raiz portuguesa Reproduz ideias, repete soluções, imita esquemas, num mimetismo que é a negação do «marxismo» e do «leninismo». Podem esses partidos, pré-partidos e grupos conquistarem o «seu» major ou o «seu» capitão, recrutarem e cultivarem o «seu» MFA, as «suas» comissões de moradores ou de trabalhadores, mas não poderão oferecer a *este País* e às classes trabalhadoras de *este País um projecto nacional e revolucionário.*

Essa é a limitação do «doutrinarismo extremista». A sua limitação (quase voluntária) o seu drama (com certeza involuntário). Energias revolucionárias, entusiasmos sinceros, oferecem-nos o espectáculo da impotência (ou do desespero heróico), na impossibilidade de avançar soluções numa perspectiva revolucionária, socialista, portuguesa. A limitação e o drama consistem nesta contradição: os que querem avançar para a «revolução» só têm como «revolução» para oferecer a *este País,* a *este povo,* a «tradução» de outras revoluções. E no caso de, por circunstâncias adversas, ou de por razões de tempo e de modo, a nossa «revolução» ter de seguir um caminho original, eles estão condenados a desconhecê-la e não só serão constrangidos a contestá-la, mas também virtualmente, a terão de negar. O «doutrinarismo extremista» considera a «revolução portuguesa» como um esquema teórico. Daí, ver-se obrigado a travar quixotescos combates com os «moinhos» da «contra-revolução», enquanto a «contra-revolução» real, sinuosa e subversiva, ganha terreno, avança, ataca, ofende.

O «doutrinarismo extremista» pode, no plano ideológico e no plano da agitação de massas, desarmar a «revolução» perante a «contra-revolução». Desde já, e concretamente, empobrece o «processo revolucionário» excluindo as «mediações» (dialécticas) e as «soluções de alternativa». Quando tudo se reduz, na proposta que nos é feita, a um dilema «reacção» ou «revolução» é grande o número dos que receiam optar ou se recusam a optar. A «revolução» não é só uma escolha dilemática, é — ou deverá ser — uma pedagogia.

TRABALHADORES ESTRANGEIROS EM FRANÇA

Paul Dijoud, secretário de Estado, encarregado dos trabalhadores imigrantes, esteve em Lyon, no Centro de Acolhimento, Informação e Orientação dos Imigrantes, que faz parte da rede nacional. Criada por uma circular ministerial de 30 de Maio de 1973, esta rede comporta oitenta e um escritórios situados em departamentos onde há uma forte implantação estrangeira.

Paul Dijoud lembrou a dupla orientação da política de imigração definida pelo Governo: o controlo dos fluxos migratórios **a fim de evitar, em períodos de dificuldade, que novos trabalhadores imigrados penetrem no novo território para nele procurarem empregos permanentes que nem sempre podem ser oferecidos a estrangeiros por vezes instalados há muito tempo em França**; a radical mudança de **vida dos migrantes que contribuem para a nossa actividade económica, tanto no plano do alojamento como no da alfabetização, da formaçao e dos elos com a sua cultura de origem.**

O secretário de Estado aproveitou a ocasião para dar o pontapé de saída à campanha nacional organizada entre 8 e 14 de Dezembro, a fim de sensibilizar os franceses para com os problemas e as preocupações dos trabalhadores estrangeiros. **A imigração,** lembrou ele, **foi suspensa e assim continua, no próprio interesse dos imigrados, para evitar o regresso a uma situação anárquica neste domínio. Mas, para assegurar aos trabalhadores que ficam a igualdade total das condições de vida e dos direitos sociais, será preciso organizar novas estruturas, de que o escritório de promoção cultural será a primeira ilustração. Trata-se não só de permitir aos imigrados manter os elos com a sua cultura de origem, mas também facilitar os seus contactos com os franceses.**

A união departamental C. G. T. publicou um comunicado em que pedia que fosse posto fim **às discriminações feitas aos trabalhadores imigrados.** Por seu lado, a união departamental C. F. D. T. criticava o **carácter repressivo** do Centro de Acolhimento de Luon, afirmando que as fichas de identidade realizadas por es e centro haviam sido reclamadas pela prefeitura por ocasião do atentado contra o vice-cônsul da Jugoslávia. Os dois sindicatos deploram também que não seja, segundo eles, o patronato nem o Estado quem paga as realizações levadas a efeito pelo secretariado do Estado.

Paul Dijoud considerou **particularmente injustos** esses ataques, acrescentando **Em suma, censuram-nos por não fazermos em seis meses o que os nossos detractores não puderam fazer em vários anos.**

©«Le Monde»

Nacional

Na rua, contra o imperialismo

«Contra o imperialísmo», era o lema. Por isso, num dos cartazes se lia «Portugal, Angola, Timor, o mesmo combate». Referimo-nos à manifestação ocorrida ontem em Lisboa, convocada pela F.U.R., e que reuniu milhares de pessoas, as quais gritaram em coro, junto ao Palácio das Necessidades, «abaixo Melo Antunes» e «Melo Antunes, lacaio do imperialismo».

Isto porque, nessa altura, falava um representante do órgão coordenador do M.P.L.A. na Europa, que dizia: «pelas palavras de Melo Antunes e de Vítor Crespo, a intenção do VI Governo é clara: pelo imperialismo».

Dois batedores motorizados, da Polícia, abriam o cortejo, impedindo que o trânsito automóvel prejudicasse a manifestação. Logo a seguir, protegido por um cordão de segurança, um carro decorado com dois grandes «posters» com o retrato de Carlota, a guerrilheira do M.P.L.A. morta há dias em combate contra as forças da U.P.A/F.N.L.A. Depois, todos.

Cartazes davam o tom: um ridicularizava (e acusava) Kissinger. Outro apontava para a unidade revolucionária. Um outro provava a presença do M.U.T.I. (Movimento Unitário de Trabalhadores Intelectuais para a Revolução). A abrir, um grande cartaz amarelo: «Abaixo o imperialismo. Portugal, Angola, Timor, o mesmo combate».

Saindo cerca das 20 horas do Cais do Sodré, de onde estava previsto que saisse às 19.30, a manifestação só muito depois chegaria às Necessidades, onde um comício breve faria o ponto das intenções que moviam toda aquela multidão.

Pelo caminho, as palavras de ordem: «Todo o poder ao M.P.L.A.», «VI Governo, não! Governo Revolucionário, sim!», etc.

À passagem por Santos, gritou-se, então: «Morte ao E.L.P. e a quem o apoiar!» Das vozes que, fazendo seu esse «slogan», passaram pelo repórter, sobressaía, pela violência com que nascia, a de um operário, portador de um autocolante referindo o 11 de Novembro e exigindo «todo o poder ao M.P.L.A.» e um outro colante com o busto de Vasco Gonçalves.

Depois, ainda: «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos!».

Mais depressa passava o tempo que o espaço. Longe ainda da sua meta, a manifestação enchia de vida a Avenida 24 de Julho. Entretanto, distribuiam-se comunicados e vendiam-se colantes e jornais.

Um dos comunicados era o do Comité de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas, denunciando o acumular de «sintomas (...) que permitem concluir com absoluta segurança que está a ser montado um poderoso dispositivo contra-revolucionário cujo objectivo é o desencadeamento de uma acção militar violenta contra as forças progressistas». Outro, assinado pela L.C.I. e intitulado «Por uma Angola independente e socialista», denunciava o imperialismo representado pela U.N.I.T.A. e pela F.N.L.A., o fascismo do E.L.P. e a invasão de Angola pela África do Sul.

O COMÍCIO

À porta do Palácio das Necessidades estava já um operador de cinema, de «Arriflex» em punho. Era a C.B.S. em reportagem. A seu lado uma equipa de jornalistas franceses, de onde saíu esta frase, acompanhada com um dedo apontado ao Palácio: «C'est un cemitière, lá. Il y en a que des fantômes» (Aí é um cemitério. Só lá estão fantasmas).

Nessa altura o cortejo subia os últimos cem metros que faltavam para atingir o objectivo. Os milhares de pessoas assobiavam a «Internacional».

Logo após a chegada, falou o primeiro orador, anunciado como «um camarada representante da Fretilin». Munido de um megafone potente, o revolucionário timorense diria: «A luta do povo de Angola e do povo de Timor Leste é a mesma: contra o imperialismo».

Um momento da marcha de ontem à noite

Acrescentaria, depois: «A Fretilin, face à indefinição do Governo português, protesta». Essa indefinição a que o representante da Fretilin se referia é a do VI Governo, de não reconhecer que há invasão do território de Timor por forças estrangeiras.

Ao terminar a sua intervenção, o camarada timorense diria, ainda:

. «O povo de Timor Leste, sob a direcção da sua vanguarda revolucionária, a Fretilin, está disposto a lutar até ao último homem e até à última bala!».

Falou em seguida um elemento do M.P.L.A., do órgão coordenador do Movimento na Europa. Disse nomeadamente:

. «O 25 de Abril, importante marco, significou apenas a queda do colonial-fascismo».

Depois de denunciar o criminoso imperialismo em Angola, em Timor e em Portugal, e de o apontar como inimigo comum nestas três frentes, o membro do M.P.L.A. acentuou:

. «Em Angola havia necessidade de optar entre o imperialismo e o único partido progressista. O Governo português não o fez». (Aqui, o povo interrompeu: «Governo Revolucionário, sim! VI Governo, não!»).

Foi então que referiu os nomes de Melo Antunes e de Vítor Crespo. Aí, a multidão assobiou, apupou e gritou «abaixo!».

No final, o representante do M.P.L.A. vincou bem que o seu partido «proclamará a independência em 11 de Novembro». O povo: «Todo o poder ao M.P.L.A.»

Por último, usou da palavra um representate do órgão de Informação em luta, que referiu as atitudes «contra-revolucionárias e burguesas» do VI Governo, tomadas através de Ferreira da Cunha, secretário de Estado da Informação (o povo: «fascista!») e de Almeida Santos, ministro da Comunicação Social (e todos: «fora!»).

Ouviu-se ainda, em coro: «Imprensa revolucionária ao serviço da classe operária!». O orador referiu-se à luta de «O Século», e ouviu a multidão: «Reaccionários fora dos jornais!»

. No final, foi aprovada por (enorme) aclamação, a seguinte moção:

. «O povo trabalhador presente na manifestação contra as manobras do imperialismo em Portugal, Angola e Timor, convocada pela F.U.R. (Frente de Unidade Revolucionária), considerando:

. «1. A intensificação das manobras do imperialismo, conluiado com o VI Governo Provisório, que visam impedir a libertação dos povos de Portugal, de Angola e Timor;

. «2. A recusa obstinada do VI Governo em reconhecer o M.P.L.A. e a Fretilin como únicos movimentos de libertação e vanguardas que hoje conduzem as lutas dos povos de Angola e de Timor, respectivamente;

. «3. O silêncio cúmplice do VI Governo perante as descaradas invasões de Angola por forças do Zaire e da África do Sul, a intervenção dos colonial-fascistas do E.L.P. em Angola e de tropas da Indonésia em Timor-Leste;

. «4. As graves ameaças que pesam sobre o povo português de um golpe militar fascista que poderá ser desencadeado a partir de manobras militares previstas para os dias 7,8 e 9 deste mês.

Decide:

. «1. Condenar o VI Governo pela sua política reaccionária e de obediência aos interesses do imperialismo, e muito especialmente o ministro dos Negócios Estrangeiros, o neo-colonialista e agente do imperialismo Melo Antunes;

. «2. Apoiar intransigentemente o M.P.L.A. e a Fretilin, únicos legítimos representantes dos povos de Angola e de Timor, e que conduzem a luta heróica destes povos pela sua libertação;

. «3. Exigir ao VI Governo o iediato reconhecimento do M.P.L.A. e da Fretilin como únicos representantes dos povos angolano e timor;

. «4. Exigir ao VI Governo a transferência de todo o poder para o M.P.L.A. na data da independência de Angola;

. «5. Apelar aos soldados, marinheiros e a todos os militares progressistas e revolucionários para que impeçam as manobras militares provocatórias e golpistas previstas para os dias 7,8 e 9 de Novembro».

N.G.S.

Retornados podem receber em moeda portuguesa juros dos seus depósitos

. O problema dos retornados de Angola é uma herança do fascismo, previsto sim mas só até certo ponto. Dizemos até um certo ponto porque, tal como as coisas estão a passar-se, entrámos no domínio do absurdo e parece não faltar gente interessada em «retornar» toda a população de Angola. Há quem não só nada faça para impedir o êxodo da população portuguesa de Angola como ainda estimule esse êxodo, na medida em que essas pessoas contam como os retornados para as suas actividades contra-revolucionárias, para inverter o processo português e dirigi-lo de novo no sentido do capitalismo.

Só assim se compreende que não sejam amplamente divulgadas as decisões do Governo angolano que visam beneficiar e defender os direitos dos cidadãos portugueses, inclusivamente os que neste momento se encontram ausentes de Angola.

Assim, foi recentemente publicado um Decreto n.º 130/75, que aumenta a taxa do juro das insttituições de crédito mas, tendo em atenção os indivíduos que abandonaram Angola, um segundo Decreto (131/75) permite transferências automáticas a favor dos titulares das contas residentes no exterior dos juros líquidos dos depósitos a prazo.

O objectivo deste decreto é evitar não só os levantamentos como tentar novos depósitos a efectuar no Banco de Angola em Lisboa, das enormes somas de dinheiro angolano que muitos retornados detêm paralisado e sem qualquer utilidade.

Isto significa que, ao contrário do que a reacção e os colonialistas propalam, o Governo angolano, neste caso o MPLA, pretendem garantir e respeitar os depósitos das pessoas ausentes.

Esta medida do Governo angolano pode representar a revolução dos problemas económicos de muitos milhares de retornados para quem as dificuldades económicas consistiam na impossibilidade de cambio do dinheiro. A garantia dos depósitos efectuados e a possibilidade de receber automaticamente os juros em moeda portuguesa, são a prova evidente de que o Governo angolano respeita os interesses dos cidadãos que aplicam o seu dinheiro naquele país.

Cooperativas do Norte atentas ao Poder Popular

. PORTO, 4 — Depois de amanhã, à noite, terá lugar uma reunião para a qual foram convidados todos os trabalhadores, sócios e dirigentes das cooperativas do Norte, convocada pelo Secretariado Regional do Norte das Cooperativas, «atendendo à gravidade da situação político-militar do País e aos perigos que ameaçam as organizações populares de base e outras estruturas do poder popular».

A reunião terá lugar na Cooperativa do Povo Portuense, à Rua do Paraíso, tendo aquele Secretariado proposto para a ordem dos trabalhos os seguintes temas: institucionalizar a Assembleia Regional do Norte das Cooperativas; e eleger o Secretariado Permanente, de cinco elementos como órgão representativo e executivo da vontade da Assembleia, credenciado com poderes de intervenção sempre que acontecimentos graves surgidos inopinadamente requeiram uma tomada de posição imediata.

Prevê-se ainda instituír comissões de sector (produção, consumo, habitação, agrícola e cultural) e apoiar a participação do Secretariado no Conselho Municipal do Porto e a integração das cooperativas nas assembleias populares, designadamente na Assembleia Popular do Porto, em organização.

FACULDADE DE LETRAS

Está aberto concurso documental para preenchimento de vagas nos seguintes domínios da licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras do Porto: Problemática das Ciências Sociais e Humanas, Matemática das Ciências Humanas, Métodos e Técnicas de Investigação em Filosofia e História da Filosofia, Problemática da Psicologia, Métodos e Técnicos de Investigação e Psicologia, Epistemologia das Ciências Humanas, Teoria e Prática Política, Estética, Instituições e Ideologias Políticas, Antropologia Comparada, Sociologia da Criação Artística, Psicologia Social e Diferencial, Teorias da Informação e Mass Média, Teorias das Relações Económicas, da Personalidade e Técnicas de Psicologia.

Os candidatos deverão enviar «curriculum vitae» e demais elementos que julguem de interesse para a Comissão de Contratação de docentes daquela Faculdade até ao dia 15 do corrente.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES DOS DISTRITOS DE LISBOA, SANTARÉM E PORTALEGRE

CONVOCATÓRIA

O Sindcato de Cerâmica, Cimentos e Similares, convoca todos os Delegados Sindicais para uma importante reunião na sua sede Rua Actriz Virgínia 18-1.º Dt.º pelas 19 horas do dia 5/11/75.

ORDEM DE TRABALHOS

Análise e discussão do plano económico que está a ser elaborado pelo VI Governo.

Lisboa, 4 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO

Nacional

ANGOLA

Não se prevê acordo na reunião de Kampala

. LUANDA, 4 — (Do «Diário de Luanda» em exclusivo para o «DL» e das agências R/FP/ANOP) — O cessar-fogo em Angola, anunciado pelas autoridades portuguesas estacionadas naquele território e em Campala por círculos afectos à O.U.A., parece não estar a verificar-se. As notícias das diferentes frentes de combate eram, contudo, esta manhã, escassas, sendo difícil verificar se as tréguas estariam ou não em vigor. Destaca-se, no entanto, que ainda ontem tanto o M.P.L.A. como a F.N.L.A. desmentiram que tivessem aceite o cessar-fogo proposto pelo presidente Idi Amin.

Entretanto, em Campala, a reunião do «bureau» da 12.ª Conferência da O.U.A. deve encerrar hoje, a menos que as negociações em curso abram novas perspectivas à solução do problema angolano. Esta possibilidade, porém, não está presentemente a ser considerada nos meios do M.P.L.A. Neste encontro estão presentes elementos do M.P.L.A., F.N.L.A. e U.N.I.T.A., além de uma delegação portuguesa chefiada pelo ministro da Cooperação.

Destaca-se ainda que, até esta manhã, não se verificara qualquer alteração às posições previamente assumidas pelo M.P.L.A., e as quais se traduzem na recusa de qualquer acordo com a F.N.L.A. e a U.N.I.T.A. Embora as agências internacionais interpretem a deslocação de Lopo do Nascimento, membro do Colégio Presidencial do M.P.L.A., a Campala como uma possível alteração na política deste movimento relativamente às forças rivais, em Luanda garante-se que a posição do M.P.L.A. se mantém inalterável, pelo que não se prevê que a O.U.A. logre um acordo antes do 11 de Novembro.

Entretanto, embora as notícias das frentes de combate sejam escassas, sabe-se que se mantêm sem alterações apreciáveis as posições das forças em confronto. No Sul, junto a Moçâmedes, as F.A.P.L.A. estão desde ontem a conter uma tentativa de avanço dos mercenários rumo ao Lobito, enquanto na zona do Caxito a F.N.L.A. continua encurralada nas posições para as quais foi obrigada a recuar na última semana.

DISCURSO DE LÚCIO LARA

Incluído dentro da cerimónia de encerramento da Semana de Mobilização da Juventude, levada a efeito pelo M.P.L.A., Lucio Lara, membro do Comité Central daquele Movimento, proferiu em Luanda um discurso em que referiu as agressões estrangeiras contra Angola e frisou a atitude ambígua do Governo Português. Disse Lucio Lara, aludindo à actual situação:

«Nós tivemos agora uma experiência em Moçâmedes e no Lubango, onde o nosso povo e a nossa juventude tiveram de recuar, tiveram que recuperar forças para fazer face a um inimigo que não esperavam. Esse inimigo é uma associação heterogénea, é uma associação de patifes, uma associação de bandidos, os do E.L.P., o chamado Exército de Libertação de Portugal, enquadrados por técnicos militares da África do Sul, com material da África do Sul e com os lacaios e fantoches atrás, a carregar os obuses: a U.N.I.T.A. e a F.N.L.A.

Cada uma delas canta a vitória cada uma delas diz que tomou Sá da Banderia, cada uma delas diz que tomou Moçâmedes e, afinal, mais não fizeram que carregar os obuses aos sul-africanos e ao E.L.P.

Nós não podemos, diante desta assembleia da juventude, deixar de exprimir aqui o nosso espanto pela atitude vergonhosa do Governo português, que perante esta agressão, perante a agressão de uma facção do seu povo, que é o chamado Exército de Libertação de Portugal, que está a tramar em Espanha, em França, na Rodésia, na África do Sul e no Brasil, a queda do regime português, está a tramar esta queda a partir também de Angola, não resistimos a um silêncio cumplice das autoridades portuguesas. Nós isto não percebemos, não percebemos que a oito dias da independência de Angola, uma independência que se afigura difícil, uma independência cheia de problemas, de responsabilidades, que cabem na sua maior parte ao Governo Português, nós não percebemos este silêncio, que permite que o Mundo ignore o que está neste momento a acontecer no Sul de Angola e no Norte de Angola, em que exércitos estrangeiros pretendem substituir-se ao Exército Português ,que fez a guerra colonial».

Entretanto informa a agência «Associated Press», citando um jornal de Joanesburgo, que o M. P. L. A. deu ordens para que todas as pessoas relacionadas com a África do Sul abandonem Angola.

Citando círculos diplomáticos de Luanda, o jornal acrescenta que essas pessoas têm de partir nos primeiros aviões disponíveis a sair de Angola.

Todos os jornalistas estrangeiros ligados a África do Sul, que se deslocaram a Luanda para fazer a cobertura da independência de Angola no próximo dia 11, foram obrigados a abandonar a capital angolana, à excepção dos dois que continuam detidos: Roger Sargent do «Johannesburg Rand Daily Mail» e Chris Van der Merwe, do «Johannesburg Sunday Times».

SAIDA DOS AMERICANOS

Em Luanda o pessoal do consulado norte-americano recebeu ordens para deixar Angola, devendo ter partido à meia-noite de ontem.

Um número reduzido de funcionários, entre os quais o cônsul, Robert Hulslander, permanecerá em Luanda para cuidar dos assuntos respeitantes aos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá.

O consulado já havia prevenido todos os norte-americanos que deviam abandonar o território.

Segundo a agência Associated Press, na capital angolana tem-se verificado uma crescente propaganda antiamericana.

Festa no Adoque pela Reforma Agrária

Um grupo de trabalhadores da Emissora Nacional em colaboração com a CRARA, promove amanhã, dia 5, às 21 e 30, no teatro Ádóque, uma festa de apoio à Reforma Agrária. Participam na festa a Banda da Marinha, os Mineiros de Aljustrel, coro dos Trabalhadores de Pias, Paulo de Carvalho, Tonicha, Ary dos Santos, Carlos do Carmo, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, Samuel, José Viana, António Montez, Ermelinda Duarte e outros elementos da companhia do Ádóque.

REFORMA AGRÁRIA

C.R.A.'s denunciam entraves e calúnias

. Com o objectivo de desmontar toda uma campanha tendenciosa que se observa diariamente em certos órgãos de Informação, os directores dos Centros da Reforma Agrária de vários distritos do País concederam, ontem, uma conferência de Imprensa. Estavam presentes elementos de Alcácer do Sal, Beja, Évora, Portalegre, Castelo Branco e Lisboa.

Os assuntos abordados centraram-se nos seguintes pontos: a cobertura que a Imprensa tem feito da Reforma Agrária, a análise da situação, os entraves postos pelo Governo e a actuação das forças armadas em face dos problemas levantados pela ocupação de terras. Começou por falar Belo Moreira, director do Centro de Évora, que criticou a Imprensa, que, com excepções de alguns casos não procurarem informar devidamente dos factos junto dos técnicos dos Centros deturpando muitas vezes o conteúdo da Reforma Agrária.

Carlos Cabral, director do Centro de Alcácer do Sal referiu-se especialmente a um artigo do jornal «A Luta», que deturpa de uma forma caluniosa o caso do rebentamento de uma bomba nas instalações do Centro de Alcácer do Sal na sequência do qual se deu uma movimentação de trabalhadores e a ocupação de uma casa. Aquele órgão da Informação, porta-voz do Partido Socialista, diz num artigo inserido nas suas páginas que «a bomba foi um pretexto para ocupar a casa do cavaleiro João Núncio». Carlos Cabral afirmou que, depois de uma entrevista com a duração de cerca de trinta minutos, com o director do Centro, o jornalista enviado pela «Luta»publicou um artigo perfeitamente calunioso «omitindo as declarações do director para mostrar a única verdade que lhe interessava apresentar — a verdade da classe que defende, ou seja, dos grandes agrários». Com toda esta política de desinformação, segundo Carlos Cabral, «A Luta» tenta criar um clima propício através da manipulação dos ceareiros e pequenos agricultores para atacar os Centros da Reforma Agrária.

Fernando Ferreira, do Centro de Elvas, a propósito do saneamento de dois elementos do Centro Regional de Portalegre, denunciou o conluio entre «O Ministério da Agricultura, as Forças Armadas locais e os reaccionários para destruir a Reforma Agrária». Nesse sentido desmascarou a posição assumida pelo comandante Cirne, ligado aos latifundiários do distrito de Portalegre. A esta manobra responderam os trabalhadores do Centro visado que convocaram um plenário onde compareceram cerca de 6 mil trabalhadores rurais. Nessa reunião foram aprovadas várias moções, o saneamento dos técnicos reaccionários e um voto de desconfiança ao ministro da Agricultura, eng. Lopes Cardoso. Os trabalhadores decidiram então ocupar o Centro e exigir aos elementos saneados que se comprometessem a não aceitar o saneamento.

O representante do Centro de Beja, abordou os incidentes do dia 24 de Outubro quando um grupo de pequenos agricultores se dirigiu ao Centro para apresentar as suas reivindicações. «Contrariamente ao que possa parecer esta tomada de posição não foi motivada por uma tomada de consciência respeitante à falta de organização da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores. Para além das reivindicações de classe, manipulados por grandes agrários, preocuparam-se em dirigir insultos ao governador civil e a outras forças progressistas que sempre defenderam os trabalhadores rurais». Toda esta manobra partiu de agitadores do Partido Socialista» (frisou o elemento do Centro de Beja).

Por sua vez, um membro do Centro de Castelo Branco focou o atraso da Reforma Agrária no distrito onde vários factores têm impedido que se desenvolva um trabalho significativo. Citou a emigração, o caciquismo dos latifundiários e da Igreja. Quanto ao apoio das Forças Armadas, o técnico de Castelo Branco, enumerou o interesse manifestado por alguns militares especialmente soldados, furrieis e alferes pela Reforma Agrárie em contraste com a atitude dos comandos que estão nitidamente ao lado dos latifundiários. No que toca ao comandante propriamente dito tem atrás de si um passado bastante duvidoso. Pertenceu à Legião Portuguesa — segundo informação do membro do Centro de Castelo Branco.

. No decorrer do encontro com os órgãos da Informação foram referidos os entraves postos pelo aparelho de Estado à Reforma Agrária não havendo uma definição da política governamental. Os Centros lutam com falta de meoos técnicos e humanos ao nível mais elementar. Aquilo que se pretendia, como declarou Carlos Cabral, «que era partir o velho aparelho de Estado fascista injectando estruturas novas» não se conseguiu porque os Centros são vítimas de um boicote sistemático. Belo Moreira agarrando neste tema criticou não só o VI Governo mas também todos os anteriores. No Ministério de Oliveira Baptista notou-se, todavia, um esboço correcto que foi quebrado. Os directores dos Centros apontaram as medidas mais urgentes para se avançar com a Reforma Agrária. Focaram as dificuldades de empréstimo aos pequenos agricultores, a não existência de uma política de preços planificada antes de se iniciarem as campanhas, a falta de um executivo nas cooperativas e unidades colectivas em funcionamento, a reconversão da indústria para debelar a crise neste sector ligado à agricultura.

Sobre este ponto fundamental, acrescentou João Crisóstomo, do Centro de Évora algumas palavras. Adiantou que os subsídios do trigo ainda não tinham sido pagos e que os pequenos agricultores continuam a vender os produtos aos intermediários estando portanto sujeitos à lei de oferta e da procura.

O ministro da Agricultura ainda não definiu nada de concreto. Apenas fez algumas declarações demagógicas. Entretanto no distrito de Portalegre há 3400 hectares de terra expropriada por legalizar pois o ministro não assinou o despacho. Há trabalhadores que são chamados aos quartéis a prestar declarações. Há latifundiários que praticam impunemente actos de sabotagem. Há provocações a trabalhadores e aos Centros de Reforma Agrária. Há herdades ocupadas no distrito de Portalegre que têm sofrido ataques armados por parte dos grandes agrários. Há técnicos progressistas saneados. E ainda por cima há jornais que vomitam calúnias e deturpam a luta revolucionária dos trabalhadores rurais. Até quando?

Vítor Alves
"A MINHA FRENTE É O MINISTÉRIO"

«A única Frente que eu coheço desde o dia 19 de Setembro é a frente do Ministério da Educação, que é uma frente enormíssima» — afirmou ao Rádio Clube Português, o ministro da Educação e investigação Científica, major Vítor Alves, oficial do chamado «Grupo dos Nove», a propósito da existência de uma Frente Militar Única, cujos objectivos seriam o combate ao fascismo e ao social-fascismo.

O major Vítor Alves, interrogado à entrada de uma reunião de Conselho de Ministros, disse ainda, referindo-se a questões do seu Ministério, que hoje se iria discutir a chamada «integração das carreiras médicas», isto é, o ensino nos hospitais, e a criação d Instituto Superior de Educação Física.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convoca-se o camarada Delegado Sindical para um Plenário a realizar na próxima 4.ª feira, dia 5 de Novembro, pelas 21.00 horas, na VOZ DO OPERÁRIO, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Apresentação dos novos Corpos Gerentes.

2.º — Análise da situação política e reflexos.

a) — Acções a desenvolver.

3.º — Aplicação da portaria.

NOTA: É necessária a apresentação do cartão de Delegado Sindical.

Lisboa, 29 de Outubro de 1975.

A DIRECÇÃO

Nacional

SÃO "INOPORTUNAS" — DIZ O COPCON

Manobras adiadas "sine die"

. Dúvidas quanto à oportunidade da realização de manobras militares neste momento: esta é a tónica de um comunicado distribuído ontem pelo Comando Operacional do Continente, que confirma a existência de um planeamento de «exercícios militares de conjunto com as forças do Exército das quatro regiões militares e dos outros dois ramos das Forças Armadas. em todo o País». A realização e o carácter dessas movimentações militares, marcadas para os próximos dias 7, 8 e 9, foram postos em causa pela Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas e pelos S.U.V., sob a classificação de «contra-revolucionárias» e «golpistas».

As denúncias da C.V.R.F.A. e dos S.U.V. foram motivo suficiente para uma inesperada deslocação do Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo a Belém, na manhã de ontem, quando foi recebido pelo Presidente da República e Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Francisco da Costa Gomes.

Apesar do comunicado do COPCON não fazer referências às datas previstas para as manobras, fontes militares classificadas como «absolutamente fidedignas» garantiram à ANOP, ontem à noite, que os exercícios foram adiados «sine die».

O COMUNICADO DO COPCON

1. Sob o título «Golpe Militar Reaccionário em Preparação», foi transmitido em algumas estações emissoras de Rádio e publicado na edição de 3 do corrente do «Diário de Notícias», um extenso comunicado da denominada «Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas».

2. Devido ao alarme e à intranquilidade que o teor do comunicado publicado possa causar e não pretendendo, de forma alguma, desmobilizar a vigilância das massas populares que deve ser permanente e atenta em processo revolucionário, é dever deste Comando informar o Povo com verdade.

3. Isto porque o comunicado da dita Comissão, partindo de alguns elementos coligidos sobre o planeamento de um exercício militar, falseia enormemente a verdade dos factos, fazendo acusações graves, gratuitas e irresponsáveis a chefes militares. Esta a acção nociva da «desinformaçao», veiculada, paradoxalmente através de órgãos de Informação que, na sua boa-fé e na ânsia de elucidar o grande público, levam a este apenas uma enorme ansiedade e angústia.

4. Assim, a verdade é que, estando realmente a ser planeados exercícios militares de conjunto com as forças do Exército das 4 regiões militares e dos outros 2 ramos das Forças Armadas em todo o País, tais exercícios se destinam apenas a avaliar a capacidade de movimentação e manobra de forças e acção de comando no terreno com vista à actuação contra uma hipotética invasão. O tema táctico dos exercícios é vulgar numa actividade militar normal, podendo restar apenas a dúvida sobre a oportunidade da realização daquele.

5. O comunicado superior dos exercícios caberá ao COPCON e a preparação do tema e das forças deveria estar concluída até 8 do corrente, o que não significa que os exercícios se realizem em 7, 8 e 9 de Novembro, mas sim, quando e se for considerado oportuno por este Comando. A Região Militar de Lisboa também participa com as suas unidades nos exercícios e é a ela que caberá a defesa e o controlo da cidade e não a forças de outras Regiões Militares ou Forças Militarizadas.

6. No dia 27 do mês passado, houve realmente uma reunião preparatória no I.A.E.M., na qual estiveram presentes o Chefe do Estado-Maior e um oficial superior deste Comando, não se tendo verificado a fantasiosa presença, assinalada no documento publicado, do brigadeiro Charais, general Pinho Freire, brigadeiro Pires Veloso e major Loureiro dos Santos. Nem de forma alguma estão ligados ao planeamento o coronel Ramires de Oliveira e o major Espírito Santo. É também totalmente destituída de fundamento a hipótese de ligação dos generais Kaúlza de Arriaga, Bettencourt Rodrigues e Galvão de Melo ao grupo de trabalho. Dos nomes indicados no referido comunicado, o único correcto é o do tenente coronel Oliveira Carvalho, oficial de alta craveira técnica que, por tal motivo, colabora com este Comando no planeamento dos exercícios.

7. A transferência recente de militares da Casa da Reclusão da Trafaria para Caxias, não «pode ser entendida como medida destinada a facilitar os contactos entre os principais conspiradores». Tal transferência foi feita por ordem pessoal do comandante da R.M.L. e atendendo às precárias condições de segurança oferecidas actualmente pela Casa da Reclusão, conforme foi oportunamente anunciado. Entre os dois perigos, escolheu-se aquele que parece o menor.

8. Estão em curso averiguações sobre notícias referentes a procedimentos que teriam lugar no Reduto Norte de Caxias e os 2 elementos do M.D.L.P. detidos em Braga e transportados para Caxias, foram já interrogados por elementos do Serviço de Informações.

9. Não dispõe este comando de informações concretas sobre o problema de Angola nem, portanto, sobre as hipóteses formuladas pela «Comissão de Vigilância», por fugir ao seu âmbito de actuação.

10. Este comando considera que não é utilizando uma linguagem alarmista de esquerda, misturando factos autênticos já verificados com hipóteses arquitectadas em meras notícias recebidas a esmo e lançando comunicados daquele teor através dos permeáveis órgãos de Informação, que se presta o melhor serviço à causa da Revolução Portuguesa. Tal atitude, pelo contrário, fazendo radicalizar posições de direita, provoca o afastamento de todos aqueles que não são, nem de longe, inimigos da Revolução, criando um abismo entre facções que pode tornar-se intransponível e de forma alguma desejável para o Povo Português.

OTELO NO R.I.O.Q.

No âmbito dos contactos com unidades do COPCON, o general Otelo Saraiva de Carvalho deslocou-se ontem ao R.I.O.Q. — Regimento de Infantaria Operacional de Queluz — onde esteve reunido informalmente com oficiais, sargentos e praças.

Ao longo da sua exposição, o comandante do COPCON, afirmou considerar o R.I.O.Q. uma unidade de extensa confiança, conscientemente inserida no processo revolucionário, ao longo do qual tem desenvolvido um exemplar e não propagandeado trabalho operacional e de ligação estreita com as massas populares, tendo abordado entre outros, os seguintes assuntos:

. Novo conceito de disciplina militar, baseado na confiança política e na competência profissional; papel dos partidos políticos na revolução, simpatizando com todos os que estão interessados, verdadeiramente, na construção da verdadeira sociedade socialista; em Portugal, o caminho a seguir para o Socialismo passará forçosamente pelos órgãos unitários de base, como são as Comissões de Trabalhadores e as Comissões de Moradores, de acordo com o Documento Guia Aliança M.F.A.-Povo, aprovado em assembleia do M.F.A.; apelo aos militares que irão passar à disponibilidade para que nas suas terras e nos seus locais de trabalho continuem a desenvolver um trabalho revolucionário, devendo construir cada ex-militar um agente catalizador de vontades para a construção da Revolução Socialista.

OPINIÃO DA L.U.A.R.

Governo concretiza plano de restauração capitalista

. «O VI Governo, na lógica da sua opção de classe, concretiza um plano de restauração do capitalismo, assente na «ordem» e na «disciplina» — diz a LUAR, num comunicado ontem emitido, a propósito da actual situação e das incidências políticas dos acontecimentos mais recentes na cena pública portuguesa. A organização começa por lembrar uma posição assumida quando o VI tomou posse: então denunciara a sua «natureza real» e do seu projecto. Agora — diz — «os acontecimentos que seguiram vieram confirmar a nossa análise e demonstrar que, na realidade, as forças políticas e sociais sobre as quais se baseia o actual Poder de Estado, correspondem aos interesses globais do capitalismo e do imperialismo e não poderão governar sem uma prática repressiva sobre o movimento de massas, que abala até aos alicerces as estruturas da sociedade burguesa.»

. «Um meio-termo social-democrata, uma opção reformista canalizada para um longíquo «socialismo», como seria a perspectiva orientadora do P. S. e do Grupo dos Nove, confirmou-se nos factos das últimas semanas que não é possivel no nosso País» — considera o texto. Há uma referência expressa a Mário Soares: «Mário Soares teve que procurar apoio nas forças políticas de direita e nas camadas sociais que se erguem em pânico face à avançada revolucionária e socialista» — diz a LUAR. Sobre Melo Antunes: «Melo Antunes polarizou todos os sectores conservadores e tradicionalistas existentes no Exército, que assim redobram de agressividade.» Sobre os dois: «Ambos se vêem envolvidos pelas forças desagregadoras que despertaram e que os poderão vitimar, a eles próprios, a médio ou longo prazo». Porém, distingue a LUAR: «Ambos representam correntes qualitativamente diferentes — o que se deve ter em conta.»

«Uma situação como esta que vivemos em Portugal implica responsabilidades imensas para as forças revolucionárias». Daí a LUAR «considera que se torna urgente e vital que as forças de vanguarda ultrapassem dogmatismos e sectarismos. A FUR é um primeiro passo nesse sentido. Mas, para isso, torna-se necessária a definição de uma alternativa clara, assente num projecto bem definido em que se ponham as questões da base social a trazer para a revolução e das alianças de classe necessárias a que ela se crie. Projecto absolutamente autónomo e demarcado quer da social-democracia do P. S., quer do reformismo burocrático e centralista do P. C.. Só assim a esquerda revolucionária poderá contribuir para a criação da vanguarda de classe necessária, polarizando as potencialidades revolucionárias das massas, e assumindo a responsabilidade histórica da direcção política do processo.»

OBEDECENDO A "PROPORÇÕES"

Nomeada a C.A. de Évora

. Está nomeada a Comissão Administrativa para a Câmara Municipal de Évora, na sequência de diligências efectuadas para o efeito, uma vez que a anterior apresentou o seu pedido de demissão. Esta Comissão foi constituída de acordo com o Partido Comunista Português e o Partido Socialista, ficando respeitada a proporcionalidade eleitoral, tendo sido indicados três e quatro nomes, respectivamente. Isto se fica a saber de um comunicado emitido pelo Governo Civil do distrito.

Dois dos elementos da Comissão foram indicados pelas juntas de freguesia urbanas e rurais. Entretanto, foi necessário que aos elementos indicados pelas freguesias rurais fossem juntos mais dois, pelo facto de o Partido Socialista ter discordado das designações, por considerar que os nomes eram afectos ao Partido Comunista ou ao Movimento Democrático Português, alegando que isso viria a alterar a proporcionalidade dos resultados obtidos nas últimas eleições. Ficou igualmente acordado que compete à nova Comissão Administrativa estabelecer as relações convenientes à nova Comissão de Moradores, de modo a conseguir-se as soluções mais adequadas para os problemas do Concelho. O presidente da Comissão Administrativa foi indicado pelo Partido Socialista eo vice-presidente pelo Partido Comunista.

A constituição é a seguinte: Humberto Carlos Pereira Paixão (func. da Caixa de Previdência); vice-presidente, Arlindo Gonçalves de Carvalho (Técnico da D. G. dos Desportos); vogais: Afonso de Carvalho (professor liceal); António José Melgão (comerciante); António Justo Gomes Pires (metalúrgico); Joaquim Rosa Ferreira (funcionário de seguros); José Azeda Godinho (pedreiro); José Dener Almeida Pontes (bate-chapas); Rui Araújo' Cordeiro (func. da Siemens).

CARTA ABERTA

Entretanto, assim que tomou conhecimento da nomeação da Comissão Administrativa, o Sindicato dos Profissionais de Comércio e Serviços do Distrito de Évora divulgou uma «Carta Aberta ao Senhor José Luís Cardoso, capitão e Governador Civil», na qual contesta a decisão, ao citar que: «Recuando uns tempos na história destes 19 meses de 'Revolução', lembramo-nos das suas palavras aquando da sua tomada de posse no cargo que hoje ocupa: 'Os sindicatos para mim estão sempre em primeiro lugar em todas as tarefas que tenha que desenvolver e, só depois, virão os partidos políticos...'»

. Na carta aberta, a decisão é tomada como sendo uma «traição aos trabalhadores» que afirmam não aceitá-la, «venha do senhor, do capitão ou do Governador Civil».

Refere-se a seguir: «É muita coisa junta, senhor capitão, o que se está a passar com os sindicatos. Desde a prisão de um dirigente do Sindicato do Comércio, no Porto, passando pela provocação reaccionária do 'revolucionário' Tomás Rosa processando o presidente da Federação dos Metalúrgicos e indo até à prisão, pela Polícia Judiciária, de trabalhadores afectos ao Sindicato dos Rodoviários de Lisboa».

Afirmando que a «carta aberta» não pretende insinuar que também o Governador Civil de Évora está a ser vítima do avanço da direita sobre o aparelho administrativo do País e advertindo que os signatários não têm pretensões a lugares, a «carta aberta» lembra que «Portugal não deveria ser só dos doutores, mas daqueles que não escrevendo em aparos de ouro, fazem a escrita limpa». É lembrado ainda que «os sindicatos não se compadecem com pedidos de desculpa de última hora. Representam os trabalhadores cujo poder deve pertencer-lhe e não aceitam fantochadas nem manobras cozinhadas nas suas costas por lacaios oportunistas para quem o Povo é 'escumalha' e só demagogicamente é adulado para depois ser 'usado' mais facilmente».

C.P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 13 de Novembro de 1975, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do restaurante e cantina da estação de Torre das Vargens.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 10 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Torre das Vargens
Entroncamento
Serviço Comercial da Região Norte
PORTO (SÃO BENTO)

Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros, dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração do restaurante e cantina da estação de Torre das Vargens».

Dr. António José Simões Monteiro

FALECEU

Alcina Simões Monteiro, António João Simões Monteiro e sua mulher, António Jorge Simões Monteiro sua mulher e filhos e restante família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas da Igreja de Fátima, Capela 2, para o cemitério de Benfica. Pelas 10 horas será celebrada missa de corpo presente no referido templo.

Nacional

Folha oficial

. Acabade ser confirmada, pelo Conselho da Revolução e Ministério dos Negócios Estrangeiros, a nomeação do tenente-coronel Hugo Santos (um homem do 25 de Abril) para o cargo de adido das forças armadas junto da Embaixada de Portugal em Bucareste. Cargo criado pelo decreto 273-A/75, de 2 de Junho, é já exercido há algum tempo pelo tenente-coronel Hugo Santos.

///

O conjunto monumental do Terreiro do Paço (estátuas e fachadas) vai ter obras de conservação: para tal, abriu concurso na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

///

Um decreto assinado pelo Presidente Costa Gomes, cria no Ministério do Trabalho o lugar de secretário-geral, de categoria correspondente à letra B. O secretário-geral dirigira como órgão de apoio técnico do Ministério. O lugar será preenchido por nomeação, de entre os diplomados com curso superior adequado.

///

O ministro do Equipamento Social e Ambiente nomeou secretária pessoal Maria Isabel Esteves da Silva Garcia.

///

Ana Maria Topinho Pereira Caldas: contratada (a título provisório) para exercício de funções de equiparada a assistente no Conservatório Nacional.

///

Ainda Conservatório Nacional: José Estevão Cangarato Sasportes foi contratado (a título provisório) para exercer funções de professor equiparado a auxiliar. Sasportes é jornalista chefe de Redacção do «Jornal Novo».

M.E.S.: Congresso em Dezembro

. O Movimento de Esquerda Socialista vai realizar em Lisboa nos dias 6, 7 e 8 de Dezembro o seu II Congresso Nacional Ordinário.

A realização do Congresso e as datas foram decididas no decurso da 5.ª Assembleia Nacional de militantes do Movimento realizada em Lisboa na passada sexta-feira.

Esta sessão teve centenas de participações. Um comunicado entretanto emitido pelo Secretariado Nacional da organização diz que «foi largamente discutida a situação política nacional, incidindo no fundamental sobre as questões militar, do movimento popular de massas, da organização e táctica para levar a ofensiva popular à vitória». Mais, «verificou-se, da análise da correlação de forças ao nível militar e popular, existirem boas condições para a vitória da ofensiva popular e triunfo da Revolução Socialista».

A nota do Secretariado Nacional do MES diz ainda que «ficou reforçada a unidade e coesão do Movimento em torno das tarefas essenciais da actual fase do processo revolucionário».

O repórter de serviço

JOSUÉ DA SILVA

FAZER A GUERRA CIVIL

. «Nós, os retornados, é que vamos fazer a guerra civil...»

. A frase, proferida junto ao Pic-Nic, no Rossio (onde é que havia de ser!), com todo o desplante e algo de fanfarronice bacoca, nem sequer nos surpreendeu. Porque já temos escutado muita coisa destas na boca das gentes vindas de Angola. Porque reconhecemos que existe, de facto, um clima propício a tais fanfarronadas. Porque embora não os tivessem no sítio para ficar em Angola e lutar pelas suas convicções (fossem elas quais fossem) ou por aquilo que consideravam **seu**, regressam cheios de ódio contra uma coisa chamada «25 de Abril». Claro que se não tivesse havido um 25 de Abril de 1974, haveria algo pior mais ano, menos ano.

Mas isso são ilações. O concreto é que neste momento não falta quem trabalhe em profundidade para acirrar os ânimos dos retornados. Há cerca de duas semanas, elementos que se diziam afectos ao P.S. andaram na zona de Oeiras, um sábado pela noite, batendo pelos de gente vinda de Angola com esta palavra de ordem:

. «Venham ajudar-nos. Temos de ocupar os postos das Caixas de Previdência, quando não, ocupam-nos os comunistas.»

. Houve quem cedesse, houve quem os mandasse àquela parte — o que nos confirma que nem todos os retornados estão dispostos a alinhar na sabujice de um jogo cujos fins não deixam dúvidas a ninguém.

Claro que não existia razão para alarme, nem os comunistas queriam ocupar coisa nenhuma. Era uma maneira de saber quantos responderiam à chamada com quantos se poderão contar num dado momento. Passa-se a mão pelo lombo dos retornados no intuito de os aliciar para o tal clima de guerra. E isto faz-se impunemente, enquanto se exige em alta gritaria que se tirem as armas ao povo. Enquanto se tenta roubar ao povo, quilo que ele já conquistou. Enquanto certos caixeiros viajantes de gravata «à sueca» procuram vender o que resta do País ao capitalismo internacional. Enquanto se falseia a verdade, se saneia à esquerda, se apoiam movimentos reaccionários e se perseguem os autênticos contra-revolucionários. E os retornados, os **tais** dos muitos que pretendem **fazer a guerra**, dizem, como ouvi hoje de manhã, a meu lado, no comboio do Estoril:

. «Vamos caçar neles como quem caça coelhos.»

. Talvez nem tanto. Um homem só vale o que valerem as suas convicções. Mas o perigo está presente — e, se bem que evidentíssimo, parece que ninguém se interessa em esconjurá-lo. Pelo contrário, até o alimentam. De qualquer modo, ainda há quem esteja atento e vigilante.

«Olha, pá, eu recebo nesta altura dois subsídios e tenho um emprego de fachada que me dá mais sete contos, além da casa de borla. Trabalhar para aumentar a produção deste país de merda? Que trabalhem os vermelhos.»

. Lá, diziam **os pretos**. Cá, mudam a cor do alvo. Por acaso este retornado é quase meu vizinho. Sempre que me vê, chovem as provocações — feitas em grupo, porque, já o constatei, o homem isolado é um cordeirinho. Alguém lhe disse que eu era jornalista. E noutro dia, com mais quatro companheiros amigos da pândega, atirou-me pela janela do carro:

. «Hás-de escrever lá no teu pasquim que eu tenho uma corda bem guardadinha.»

. Retorquimos com a célebre frase de Cambronne e o carro arrancou. Mas percebemos a alusão. Eu não tenho corda. Nenhum de nós a tem. Mas também não temos outra coisa: medo

Teatro infantil no Bairro Alto

O grupo «Os Cómicos», companhia de Teatro que está instalada no Teatro do Bairro Alto, na Rua Tenente Raul Cascais, 1, A-B, em Lisboa, anuncia para breve a presença do grupo «O Bando», com teatro infantil, na sua sala.

Trata-se de mais uma iniciativa que, dada a falta de teatro para crianças neste País, merece ser devidamente destacada.

É de notar que iniciativas como esta têm partido, na sua maior parte, das companhias de teatro não comercial...

AROUCA
Rua Alfredo Vaz Pinto

NOVA AGÊNCIA

Arouca possui a partir de agora uma nova agência da Caixa Geral de Depósitos, que vai beneficiar toda a população local.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

FLUMEN

Trabalho

SUSPENSOS 18 TRABALHADORES

O Governo determina inquérito ao "Século"

. Os trabalhadores da Sociedade Nacional de Tipografia, proprietária do jornal «O Século», decidiram em plenário suspender 18 empregados da empresa, 8 dos quais saneados definitivamente.

Os trabalhadores suspensos ou saneados (afectos ao P.S. e ao M.R.P.P.), participaram activamente em todo o processo desencadeado nos últimos dias naquele matutino que levou à demissão da ex-direcção e chefia da redacção. Para sair do impasse a que se tinha chegado foi eleito em plenário para o cargo de director, o tipógrafo Francisco Lopes Cardoso, solução que também não agradou à facção do «grupo do referendo», que queria impor para director Roby Amorim (agora saneado).

Entretanto, dois administradores por parte do Estado apresentaram a sua demissão, o que viria a ser aceite mais tarde em Conselho de Ministros, o qual determinou ainda a abertura de um rigoroso inquérito aos acontecimentos ocorridos naquele jornal. Os restantes administradores — capitão Sequeira e Eduardo Pinheiro — tentam ainda encontrar uma plataforma de entendimento nesta crise.

Segundo nos informaram, deverão ser eleitos ainda hoje, por escrutínio secreto, os novos membros do Conselho de Redacção de «O Século» e um elemento para a respectiva chefia.

Entretanto, emitiram comunicados de apoio aos trabalhadores da S.N.T., organizados em torno da Comissão de Luta, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Açucareira e a Comissão de Moradores de S.João. Também os delegados sindicais dos trabalhadores gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes se congratulam «com a nomeação do camarada Lopes Cardoso para director do jornal» e apelam à vigilância de todos os trabalhadores em caso «de acção reaccionária manipulada do exterior contra os trabalhadores deste matutino».

FERREIRA DA CUNHA CONTINUA EM CAUSA

Apesar de ter expirado, ontem, às 20 horas, o prazo que foi posto ao ministro da Comunicação Social, Almeida Santos, para afastamento do tenente coronel Ferreira da Cunha, actual secretário de Estado da Informação, que tem vindo a ser acusado de ligações com uma organização de tipo «pidesco», o C.D.I., não houve hoje, qualquer oposição à sua entrada (se é que entrou) no respectivo Ministério.

Entretanto, foi convocado um plenário dos trabalhadores do Ministério da Comunicação Social, que se efectua hoje às 17.30, e tem como objectivo debater novas formas de luta no sentido do afastamento de Ferreira da Cunha, do cargo que ocupa.

Para esse plenário, os trabalhadores da Comunicação Social convocam todos os órgãos de Poder Popular, nomeadamente os dos órgãos da Informação, Comissões de Trabalhadores, Moradores e organizações de soldados e marinheiros, que deverão assistir na qualidade de observadores.

SANIMAR

"GRUPO DE QUARENTA E TRÊS" ESCLARECE AS SUAS POSIÇÕES

O «grupo de quarenta e três trabalhadores» da Sanimar, que esteve em causa numa recente conferência de Imprensa dos restantes funcionários daquela empresa, enviou-nos oseguinte esclarecimento que publicamos na íntegra:

. «A actual C. T. não é representativa para os trabalhadores da Sanimar por terem saído da mesma representantes de vários sectores, por não concordarem com os métodos antidemocráticos seguidos por aquela C.T., na medida em que apenas reflecte a vontade de grande parte dos trabalhadores devidamente manobrados pela imposição de determinados elementos da C:T. através de calúnias e difamações nunca comprovadas, tanto que o **intitulado presidente da C. T.** (José Jorge R. Oliveira Castro) é um indivíduo que foi **democraticamente** demitido das suas funções por ter perdido a confiança dos trabalhadores que em princípio o elegeram e posteriormente o demitiram; facto este que é contestado pelo indivíduo em causa, dizendo por palavras suas que **não aceita a sua demissão,** continuando as suas manobras no meio dos trabalhadores menos esclarecidos revelando-se como um autêntico **antidemocrata, ditador e pseudo-revolucionário,** impondo as suas ideias e formas de proceder.

Em conferência de Imprensa foi afirmado que o grupo grevista dos 43 é constituído por privilegiados dentro da empresa. Pergunta-se, onde está o privilégio para quen necessita do emprego para garantir a sua subsistência? Acontece que é os ditos «privilegiados» que não se deixam manobrar facilmente por estarem devidamente esclarecidos e conscientes da sua luta, sabendo de antemão o que espera a todos os trabalhadores da Sanimar que mais não é que o descalabro da empresa e o consequente desemprego segundo a actuação da actual C. T. não representativa de todos os trabalhadores da Sanimar.

Assim, os 43 acusam mais uma vez a C. T. da manobrar a seu belo prazer através da insinuação nos espíritos simples e honestos dos trabalhadores do sector fabril, impondo as suas ideias que mais não são senão as directrizes de uma cúpula sectária e oportunista que mais não tem feito se não cavar um fosso entre trabalhadores.

A C.T. diz ter o apoio da maioria dos trabalhadores mas isso não passa de pura demagogia, pois efectivamente ela não conta com o apoio dos trabalhadores esclarecidos mas sim dos manobrados por ela através dos meios conhecidos por todo o povo português.

Esta C. T. não é mais que uma cúpula ávida de poder ditatorial dentro de uma empresa de grande estabilidade económica, o que por si só prova das suas intenções.

Finalmente perguntamos:

. Seremos lacaios por recusarmos a Sr.ª D. Maria Lúcia da Cruz Bispo que trocou o seu lugar na C. T. pelo de procuradora e depois abandonou este cargo para subir a administradora»?

As contas em dia

NOTAS OFICIOSAS

. Nos velhos tempos, era assim: aparecia uma nota oficiosa e os jornais tremiam, puxavam para a primeira página, por causa da obrigatoriedade de publicação. Diferença principal: eram menos abundantes e menos extensas, as notas de então.

Agora sim. A gente é obrigada a publicar todas as notas oficiosas que aparecerem e mil quinhentas palavras é o limite para que não seja o povo a entrar com o pilim... Bem, mas à frente. Como se trata de uma secção de trabalho, o desejável é que todas as notas oficiosas venham com o limite máximo, porque assim se prova que nesses «templos» se trabalha a bom trabalhar.

E, depois há uma vantagem: só os ministérios são quinze. Mais as secretarias de Estado. Mais os gabinetes todos que têm direito a pôr o pé em nota oficiosa. Isso quer dizer, nem mais nem menos, que qualquer dia o leitor, entre outros anúncios, poderá ter muitas notas oficiosas.

Além disso, não será «violentado» com a falta de respeito pelos venerandos governantes. E, ainda, se nos ministérios se trabalha mais, nos jornais arrancaremos com a cola e a tesoura, excelentes páginas, cheias de «bon esprit», repletas de ciência, e sempre ao lado dos trabalhadores.

Em certas camas o sono será mais regalado.

R:. V.

TORRALTA

Reestruturar o turismo mas garantir o trabalho

. «Para se dar uma solução rápida e eficaz ao problema do turismo é indispensável a criação de uma Organização Nacional de Turismo que englobe todas as empresas do ramo, já nacionalizadas ou com intervenção do Estado, além do que não é de dispensar a integração complementar na Organização de outras empresas que porventura possam enquadrar-se no contexto» — afirmam num comunicado as comissões de trabalhadores do grupo Torralta a propósito da reestruturação, que cada vez se torna mais urgente, do turismo em Portugal.

Os trabalhadores da Torralta-Club Internacional de Férias, SARL «estão empenhados na construção de um verdadeiro socialismo que forçosamente será obra das massas trabalhadoras».

«Têm conhecimento — prossegue — que diversos organismos e entidades elaboraram e entregaram aos Ministérios e Secretarias competentes, trabalhos no sentido de uma rápida reconversão do turismo a nível nacional. Interrogam-se pela ausência de debruçamento, continuidade e resoluções a esses trabalhos».

Ao estruturar essa Organização Nacional de Turismo terá de se tomar em conta e assegurar o «pleno emprego e o aproveitamento da capacidade produtora dos trabalhadores por ela envolvidos».

AS HERDADES DA TORRALTA

«O Ministério da Agricultura terá de tomar em mãos o sector de Agro-Pecuária da Torralta e proceder à sua integração no contexto da Reforma Agrária» — prosseguem num outro documento as Comissões de Trabalhadores da Torralta referindo-se às ocupações das herdades que pertenciam a este grupo económico.

Efectivamente, uma das últimas hipóteses apontadas, sugere que a «empresa se dedique única e exclusivamente à exploração hoteleira o que mereceu o apoio por parte de todas as comissões de trabalhadores. Tal processo de reconversão estará implicitamente ligado com medidas urgentes a serem tomadas por parte do Governo em relação aos diversos sectores que a compõem».

Tal medida devidamente planeada e estruturada seria a possibilidade de continuação dos abastecimentos aos complexos hoteleiros que não só é benéfica para a Torralta, que assim se poderá dedicar única e exclusivamente à actividade para a qual tem mais aptidões, como representa um grande passo para a afirmação no País, da Reforma Agrária, pela qual todos os trabalhadores se batem.»

. «Finalmente — conclui o comunicado — exigimos a intervenção do sr. ministro da Agricultura no sentido de apoiar a imediata nacionalização e reorganização não só da Torralta, mas de todas as empresas integradas no mesmo contexto, e que seja concedido o necessário apoio em investimento por parte do secretário de Estado dos Investimentos Públicos e em crédito por parte da banca nacionalizada.»

TITO DE MORAIS NO EMPREGO

. O eng.º Manuel Alfredo Tito de Morais, dirigente do PS e fundador da ASP (Acção Socialista Portuguesa, embrião do PS), foi nomeado Secretário de Estado do Emprego.

Tito de Morais tem 65 anos, nasceu em Lisboa, e formou-se em engenharia electrónica pela Universidade de Gardi, na Bélgica.

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

HORÁRIO DE ABERTURA

A partir do próximo dia **3 de Novembro** o horário praticado nos serviços do Sindicato, quer para o Ensino Oficial quer para o Ensino Particular passa a ser o seguinte:

Todos os serviços excepto o **Contencioso** funcionam de 2.ª a 5.ª-**feira**.

1) Serviço de Informações (apoio a sócios)	Local: Rua das Gaivotas, 6 (ao Conde Barão) Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 22.30 horas
2) Serviço de Pré-Contencioso	Local: Rua do Conde Redondo, 22 1.º Horário: das 10.30 às 13 e das 15 às 19 horas
3) Serviço de Contencioso	Local: Rua do Conde Redondo, 22, 1.º Horário: 3.as e 6.as-feiras das 19 às 21 horas **Nota:** Só mediante credencial do Pré-Contencioso poderão os sócios ser atendidos neste serviço.
4) Tesouraria	Local: Rua do Conde Redondo, 22, 1.º Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 18 horas
5) Serviço de actualização de Ficheiros e Emissão de cartões	Local: Rua das Gaivotas, 6 (ao Conde Barão) Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 18 horas

NOTA IMPORTANTE

Se é a primeira vez que se dirige ao seu Sindicato com uma certa questão, deverá apresentá-la no **Serviço de Informação.**

Os funcionários deste serviço verão depois a melhor forma de tratar o problema e porão o sócio em contacto com o serviço mais adequado.

Pel'A COMISSÃO DIRECTIVA

Horários e Tarifas de Passageiros

Os Caminhos de Ferro Portugueses atendem diariamente os seus pedidos de Informações pelos telefones:

Lisboa 32 62 26, das 8 às 24 horas (4 linhas)

Porto (S. Bento) 31 16 16, das 7 às 24 horas (3 linhas)

Porto (Campanhã) 55 56 99 das 7 às 24 horas

Caminhos de Ferro Portugueses

Trabalho

ESCRITÓRIOS

LISTA A VENCE AS ELEIÇÕES

A Lista A venceu as eleições para a Comissão Directiva Provisória, que ontem se realizaram durante todo o dia na sede do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa.

Estavam inscritos para votar 3804 sócios. Este número resulta do facto de na última assembleia geral ter sido aprovado que só poderiam votar os trabalhadores presentes na assembleia.

Foram à urna depositar o seu voto, 2718 trabalhadores. A Lista A, unitária, conseguiu 1591 votos, a Lista B (afecta ao P. S.) 1001 e a Lista C, que alguém identificou com a F. U. R. mas imediatamente desmentido pelos seus elementos, obteve 126 votos.

Termina, assim, um dos períodos mais agitados na vida do Sindicato de Escritórios. Logo no próprio dia em que a ex-direcção foi eleita começaram os incidentes e a contestação. Os ex-dirigentes, mal souberam os resultados, assaltaram o sindicato quando lhe tinha sido garantido a passagem do mandato. Constituída por militantes do P. S. e M. R. P. P., a ex-direcção seguiu uma linha partidária e sectária, precisamente aquilo de que tanto acusavam a direcção anterior à sua tomada de posse, palavra de ordem da sua campanha eleitoral e que conseguiu aliciar ainda muitos trabalhadores mal esclarecidos. Seguiu-se a suspensão de 13 trabalhadores do Sindicato. Aqui começa a luta. Os delegados sindicais começaram, na sua maioria, a não apoiar, a direcção. Surgem as assembleias gerais, verdadeiras maratonas, em que a ex-direcção se viu obrigada a abandonar a mesa e mais tarde foi demitida.

NOTAS OFICIOSAS

Do Ministério do Trabalho recebemos mais uma nota oficiosa que temos de publicar ao abrigo do art.º 15 da Lei de Imprensa:

Tendo em vista manter o público correctamente informado dos assuntos que, pela sua importância ou especial caracterização, podem ter repercussões na opinião pública e evitar especulações infundadas por parte de quem, mesmo estando de boa-fé, não tem conhecimento exacto dos factos, entende o ministro do Trabalho comunicar o seguinte:

1. Por despacho ministerial de 3 de Outubro, foi solicitado da Comissão Ministerial de Saneamento e Reclassificação (C.M.S.R.), na parte que agora interessa salientar, o envio de «relatório das suas actividades acompanhado de quadro sinóptico dos processos terminados e respectivos despachos finais e ainda, a indicação dos processos pendentes.

2. Da exposição apresentada pela C.M.S.R. no dia 22 de Outubro, no seguimento do citado despacho, não consta qualquer informação dos processos pendentes tal como havia sido solicitado.

3. Uma leitura atenta da exposição e do relatório nessa data apresentado leva à conclusão fácil de que a omissão é intencional.

Por outro lado, e na sequência das instruções do chefe de gabinete transmitidas no cumprimento de indicação expressa do ministro, no sentido de ser comunicada a lista dos funcionários do Ministério do Trabalho com processo de saneamento pendente:

a) Já remetido à Comissão Interministerial de Reclassificação (C.I.R.)

b) Ainda em curso

A resposta entregue pela C.M.S.R. em 27 de Outubro, foi de recusa formal em cumprir os citados despachos, com fundamento na rigorosa confidencialidade dos processos relativamente a terceiros, conceito em que incluía o ministro.

No início das suas funções, o ministro pretendeu inteirar-se do volume de trabalho produzido pela C.M.S.R. e, por conseguinte, da profundidade e extensão do saneamento do sector do aparelho do Estado corporizado no Ministério do Trabalho, e, a partir das conclusões a tirar da informação da C.M.S.R., introduzir ou não modificações no funcionamento da mesma.

Tem de considerar-se que, neste ponto, o solicitado foi satisfatoriamente executado.

No entanto, pretendeu-se saber ainda a identificação dos funcionários sobre os quais recaía processo de saneamento em curso, tendo em vista saber se em alguns casos seria possível acelerar o andamento dos respectivos processos — atentas às consequências que, não raras vezes, recaem sobre os agregados familiares dos respectivos funcionários —, mas sobretudo determinar quais os funcionários que, em princípio não deveriam ser objecto de escolha para cargos que implicasse um maior grau de confiança pessoal ou política.

Trata-se de um objectivo inteiramente legítimo, que, por consequência, legitima as ordens transmitidas.

5. Ao pretender apoiar a determinação, deverão cumprir os despachos ministeriais no disposto no n.º 1 do art. 16.º do Decreto-Lei 123/75, de 11 de Março, que estabelece:

«Os processos instaurados por aplicação deste diploma são rigorosamente confidenciais em relação a terceiros...»

A C.M.S.R. transmite uma falsa ideia do cuidado que certamente tem posto na interpretação e aplicação dos textos legais que regem a sua actividade.

Na verdade, e para encurtar razões, o ministro do Trabalho não pode ser considerado «terceiro», porquanto:

a) O ministro enquanto tal é membro componente de um órgão de soberania de Estado, o qual, no âmbito das suas atribuições elabora e aprova a legislação por que se rege a actividade de saneamento a cargo das respectivas comissões ministeriais. É este órgão (colegial) que estabelece os poderes e deveres dos órgãos encarregados de aplicar a legislação prevista para a consecussão de certos objectivos;

b) No âmbito das suas atribuições, é o Conselho de Ministros quem delibera sobre a composição e funcionamento das respectivas comissões de saneamento que, precisamente, as colocou na dependência dos respectivos ministros, aos quais terão de prestar contas da sua actividade:

c) Por sua vez o próprio Conselho de Ministros prevê (Art.º 3.º do Decreto-Lei 123/75 de 11 de Março), que na aplicação da medida de transferência estabelecida no art.º 2 seja, em certos casos, ouvido previamente o ministro respectivo. Como se compreenderá as razões de confidencialidade dos processos, se não existem para o caso da aplicação da medida de transferência, também não ocorrem quanto às medidas de demissão, aposentação compulsiva, ou suspensão;

d) E ainda de referir que o art.º 12 atribuiu competência ao Conselho de Ministros para conhecer, em certos casos dos recursos interpostos de sanções aplicadas ao abrigo do Decreto-Lei 277/74, de 25 de Junho.

e) O conceito de «terceiro» engloba todo e qualquer sujeito estranho à relação jurídica processual que compreende, como é óbvio, todos os intervenientes na instrução e apreciação, em muitos casos decisiva, das medidas punitivas a aplicar.

Ora, como resulta dos art.ºs 3, n.º1 e 10, n.º 1, do Decreto-Lei n.º 123/75, é da competência ministerial a apreciação das medidas previstas no art.º 2.º, bem como a suspensão de funcionários submetidos ao regime de saneamento, pelo que é inconcebível considerar o ministro como «terceiro».

A mesma conclusão resulta das disposições legais que atribuem competência para a aplicação de sanções e ainda de todas as que se referem ao funcionamento das C.M.S.R. no âmbito do gabinete do ministro de que se salientam as nomeações e exonerações por despacho ministerial.

6. Em consequência dos factos que se acabam de expor, cessaram as suas funções de vogais na C.M.S.R. os licenciados Maria Célia Ramos e Álvaro Cameira por despacho do ministro do Trabalho.

Aos mesmos funcionários foi instaurado processo disciplinar fundamentado na recusa ilegal de cumprimento de ordens superiores legítimas.

7. Aproveita-se a oportunidade para informar que o presidente da futura C.M.S.R., inexistente neste momento, será nomeado pelo Conselho da Revolução nos termos da legislação em vigor.

Igualmente se informa que na nomeação dos vogais da futura C.M.S.R. se pensa propor aos trabalhadores do Ministério, se assim o entenderem, a eleição de pessoas de entre as quais serão feitas as nomeações para os cargos dos já referidos vogais da C.M.S.R.

Idêntico procedimento se pensa ser de adoptar relativamente ao pessoal adstrito à C.M.S.R. para apoio técnico e administrativo que eventualmente se mostre necessário afectar à C.M.S.R., nada impedindo que os actuais colaboradores desta comissão sejam eleitos pelos trabalhadores.

Do Ministério do Trabalho recebemos ainda outra nota oficiosa, que publicamos ao abrigo do artigo 15.º da Lei de Imprensa:

Foi assinada em 29 de Outubro, conforme nesse próprio dia o telejornal transmitiu, a Portaria de Regulamentação de Trabalho para os Trabalhadores das indústrias de Calçado, Artigos de Pele e seus Sucedâneos (malas e correias, luvas marroquinaria e afis) e curtumes (com excepção do pessoal representado pelos Sindicatos de Operários da Indústria de Curtumes), em virtude de as negociações entre as entidades patronais e sindicais terem apenas atingido um acordo parcial.

Procurou-se a verticalização destes sectores, com uma audição das entidades sindicais que terminou na noite de 28 de Outubro e considerando que se impõe uma reestruturação do sector para o que já existem estudos.

Indicam-se alguns pontos na nova regulamentação, cuja publicação será feita no mais curto lapso de tempo.

a) A Portaria terá efeitos a partir de 1 de Setembro de 1975;

b) O novo período normal de trabalho é de 45 horas semanais (com excepção dos empregados de escritório que têm 42 horas);

c) O novo período normal de trabalho entra em vigor no primeiro dia útil de Novembro;

d) O trabalho domiciliário fica proibido, com expressa ressalva daqueles que actualmente trabalham neste regime;

e) Eliminaram-se categorias, como as de pré-operário de 3.º e 4.º ano.

f) Procurou-se dignificar o trabalho feminino através da redução da diferença salarial em relação ao trabalho masculino.

COMISSIONISTA PRECISA-SE

FIRMA DO NORTE PRETENDE VENDEDOR COMISSIONISTA PARA LISBOA E SUL DO PAÍS PARA MATERIAL DE QUEIMA DE GÁS PROPANO. DE PREFERÊNCIA COM CONHECIMENTOS DESTE TIPO DE MATERIAL.

RESPOSTA A MATOS & FIGUEIREDO, LDA.
RUA PINTO BESSA, 290 — PORTO

O SEGURO MORREU DE VELHO

«Medidas de austeridade na actividade seguradora — redução de remunerações» — é um dos pontos de uma proposta aprovada, por maioria numa assembleia geral dos trabalhadores da Companhia de Seguros Ourique. A redução de remunerações estabelece como salário máximo os vinte contos mensais ilíquidos. Remunerações superiores a este quantitativo são reduzidas a partir de 1 de Novembro.

Parte do texto da proposta: «Considerando que a crise económica sempre tem sido utilizada pelo poder político para tentar travar as lutas dos trabalhadores pela melhoria das suas condições de vida; o custo dessa crise deveria ser pago pela burguesia, pondo em causa os seus privilégios e os das camadas superiores da pequena burguesia; a injustiça de se pedirem sacrifícios aos trabalhadores quando a burguesia continua a viver lautamente à sua custa; os salários auferidos pelos tecnocratas e quadros de seguros é resultado da sua eficiência como capatazes e servidores do capital, não tendo qualquer relação com o trabalho que executam».

METALÚRGICOS NA JUDICIÁRIA

Da ANOP: «A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Metalúrgicos emitiu um comunicado no qual começa por recordar o processo movido pelo ministro do Trabalho, Tomás Rosa, aos dirigentes sindicais do sector «por terem dito e provado que Tomás Rosa está ao lado dos patrões, é mentiroso, cobarde, divisionista e contra-revolucionário».

E o comunicado termina com o seguinte apelo aos trabalhadores metalúrgicos: «Amanhã, dia 4 de Novembro, às 10 horas, os dirigentes metalúrgicos vão à Polícia Judiciária prestar declarações. Contamos com a vossa presença. Saudações sindicais».

SANEAMENTO NOS T L P

Os trabalhadores dos T.L.P. foram convocados pela respectiva Comissão, para se concentrarem em massa, amanhã, às 9 horas, na Rua de S. José, em frente ao Palácio dos C.T.T., com o objectivo de exigirem o saneamento imediato dos cinco ex-directores fascistas. Trata-se do caso de cinco ex-directores que, apesar de afastados do serviço continuam a auferir os seus ordenados, numa altura em que se dá conta da falta de dinheiro nos T.L.P.

ANOP CONTRA FERREIRA DA CUNHA

Os trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa — ANOP — reuniram em plenário para discutirem a actual situação da empresa, e as pressões a que têm sido submetidos, nos últimostempos, por órgãos do Poder. Foram discutidas as formas de luta que irão ser adoptadas para enfrentar essas pressões.

Os trabalhadores da ANOP decidiram, no plenário, solidarizar-se inteiramente com os seus camaradas trabalhadores do Ministério da Comunicação Social, em luta contra o secretário de Estado, Ferreira da Cunha, sobre o qual têm sido publicadas provas de ter pertencido ao C.D.I., organismo superpolicial criado por Marcelo Caetano.

I T T «FALHA». SEGUNDA VEZ

A administração da I.T.T., pela segunda vez consecutiva, não cumpriu o pagamento de salários na Rabor, segundo denuncia a Intercomissões de Trabalhadores do grupo I.T.T., num comunicado que salienta «a inoperância do poder político-admnistrativo na resolução do problema daquela multinacional».

As irregularidades no pagamento de salários, da Rabor, e da Oliva, já se arrasta desde Setembro, altura em que o pagamento só foi possível através do aval do Ministério da Indústria, após diligências daquela organização de Intercomissões.

Face à inoperância do aparelho de Estado para a resolução do problema, os trabalhadores do grupo I.T.T. reafirmam que «não é possível caminhar para uma sociedade socialista enquanto se permitir que a multinacional I.T.T. vá sabotando o processo revolucionário».

Nacional

COMANDANTE MARTINS GUERREIRO AO "DL"

DIGERIR AS CONQUISTAS DA PODE SER A MISSÃO DESTE

«Pensar-se nesta questão de base social de apoio ao VI Governo em termos numéricos, não há dúvida que é grave. Pensa-se: temos 50 por cento para aqui, 60 para acolá, temos a maioria... Analisa-se estaticamente, ou pensa-se estaticamente, um processo revolucionário profundamente humano e, claro, cometem-se erros muito graves. E esse foi um dos erros maiores que os chamados «Nove» cometeram na análise que fizeram do apoio que teriam nas Forças Armadas e mesmo do apoio que teriam ao nível nacional» — afirmou em determinado passo da significativa entrevista que nos concedeu, o comandante Martins Guerreiro, conselheiro da Revolução, de 35 anos de idade. Capitão-tenente graduado em capitão-de-fragata, engenheiro de construção naval, chefe do Gabinete do C.E.M.A., Martins Guerreiro num encontro informal que durou largo tempo, falou-nos da disciplina nas Forças Armadas, nos SUV e no seu significado, no VI Governo e sua viabilidade, no AMI, nas modificações do C.R. e na possível saída para a crise em que vivemos há meses.

Disciplina consciente

Começamos pela questão da disciplina:

. «Nós, na Armada, já antes do 25 de Abril fizemos alguns debates sobre a questão da disciplina e chegamos sempre à mesma conclusão — a disciplina tem que assentar numa base de confiança recíproca entre quem manda e quem é mandado. Sem esta confiança a disciplina é meramente exterior, formal, isto é, exactamente aquilo que nós não queríamos. Assim, nós pretendíamos, já antes do 25 de Abril, substituir a disciplina formal, exterior, automatizada, mecanizada, por uma disciplina consciente, interior, em que o indivíduo soubesse as razões porque é disciplinado. Trabalhamos nesse sentido logo desde o início fazendo debates em que se defendia a razão de ser da transformação das FF.AA., e foi isto que transmitimos aos sargentos e praças. Eu lembro-me que, logo após o 25 de Abril, tivemos alguns incidentes, devido à disciplina à antiga, aos comandos em transformação, etc.. Ainda tive que intervir em mais de um caso. Houve, no entanto, uma clarificação de posições, e estruturou-se o M.F.A., criando-se organizações associativas dos sargentos e das praças. A coisa foi debatida em plenário de praças da Armada e chegou-se a uma conclusão quanto ao modo como entendíamos a questão da disciplina. Por isso mesmo a Armada tem conseguido manter uma certa coesão interna e funciona dentro de um critério de disciplina, não à antiga, mas de uma disciplina de carácter revolucionário, consciente — embora a gente saiba que isso não se consegue de um momento para o outro. Enfim, aqui na Marinha a coisa consegue-se manter com uma certa unidade.

— *No entanto, nos outros ramos das Forças Armadas parece não ser exactamente isso o que se passa...*

— «Ao nível dos outros ramos a coisa é algo diferente, pois ao princípio mantiveram o critério de disciplina à antiga e funcionaram nesse sentido. Não tiveram logo o problema de frente e não lhe deram a resposta adequada. Assim o processo revolucionário foi evoluindo e aquela confiança política que se deveria ter estabelecido entre as bases e os comandos não se estabeleceu, antes pelo contrário, essa confiança desapareceu sobretudo a partir do processo dos «nove». Claro que já vinha sendo minada desde os tempos do ex-general Spínola, mas com os «nove» desapareceu ainda mais. Desaparecendo essa confiança não há dúvida que os problemas de disciplina se agravaram extraordinariamente. E a verdade é que ainda não conseguiram criar uma estrutura que apoie o novo conceito de disciplina consciente. Apesar de hoje haver debates quanto ao conceito de disciplina, apesar de no Conselho da Revolução se ter chegado a acordo que o novo conceito de disciplina se deve basear na construção da confiança recíproca de quem obedece e de quem manda, apesar disso, não existem no Exército estruturas de apoio a este novo conceito. Os comandos, embora concordem por vezes com este conceito de disciplina e autodisciplina baseada na confiança, depois na prática acabam por ter desvios em virtude de toda aquela formação que tiveram anteriormente. Daí todo este movimento de «indisciplina» que existe a nível das FF.AA.. Claro que o fenómeno não tem só esta causa. É um fenómeno com razões muito profundas. É toda a transformação sociopolítica que está por detrás disto».

S.U.V. NÃO É QUESTÃO DE INDISCIPLINA

— *Sr. comandante, talvez viesse a propósito falar dos S.U.V.. Alguns sectores do oficialato das Forças Armadas contestam os S.U.V., acenando com o fantasma da indisciplina e esquecendo tudo o que aconteceu até ao seu aparecimento. Como vê o fenómeno S.U.V.?*

. — «Eu não considero a questão do S.U.V. como uma questão de indisciplina ou não. Fundamentalmente é um fenómeno político que tem como uma das causas do seu aparecimento a tal falta de confiança em relação à direcção político-militar do processo e em relação a sectores intermédios dessa direcção. Não é portanto uma questão de indisciplina. Pelo contrário — é fundamentalmente diferente e remeto-a para o que lhe disse atrás. O facto de não se terem criado estruturas do M.F.A. capazes, competentes, ao nível das Forças Armadas, facilitou o aparecimento dos S.U.V., e o facto de se terem feito manobras de cúpula ainda mais fez explodir este movimento de base.

— *Mas, insisto, há sectores que não se cansam de considerar os S.U.V. como altamente perigosos para a Revolução, pois minam por completo a eficácia das FF.AA....*

— «Neste processo revolucionário não é perigoso. Se o interpretarmos no aspecto militar, no campo de eficiência das FF.AA., aí tenho que dizer, como técnico militar, que este movimento perturba extraordinariamente a capacidade militar das unidades porque deixa de haver uma linha de funcionamento, para um mínimo de eficiência de resposta militar. Não há dúvida que um grande número de unidades terão muitas dificuldades. Para haver capacidade de resposta militar tem que haver uma disciplina, que nós pretendemos revolucionária, e que, neste momento, não é uma coisa nem outra — não há disciplina revolucionária nem a outra. Mas que isto pode contribuir para que se crie dentro das FF.AA. uma disciplina revolucionária e, portanto, para que depois já não esteja mais em causa a possibilidade de resposta militar, e não só isso, mas também resposta política, disso não tenho dúvida. Na verdade, no aspecto político também me parece que isto contribui para que o desenrolar do processo se encaminhe de facto num sentido de esquerda. Mas isto é apenas o modo como eu interpreto o fenómeno S.U.V. e nada mais».

VI GOVERNO: UMA CERTA PAUSA

— *Contestados ou aplaudidos a verdade é que os S.U.V. parecem ser um elemento determinante para a actual situação político-militar, servindo de teste, por exemplo, para o VI Governo. Acha que este Governo tem viabilidade?*

. — «Quanto a mim penso que tem. Claro que numa determinada situação, num determinado contexto, poderá já não ter. Nesta fase parece que sim. O VI tem uma determinada missão a cumprir e parece-me que talvez não seja muito curial impedi-lo de a cumprir.

O que é conveniente, isso sim, é que o VI não tome posições que vão contra as conquistas da Revolução, pois que me parece será a missão deste Governo é digerir um bocado o que foram as conquistas da Revolução. Faz-se uma certa pausa, digere-se melhor isto, vão-se acumulando novas forças para depois se avançar, em vez de continuarmos a avançar muito e deixarmos as coisas para trás mal consolidadas, mal estabilizadas. A sua missão, para mim, seria um bocado esta: permitir-se acumular novas forças para depois se avançar, provavelmente já não com todo este VI Governo, com toda a sua linha e toda a sua plataforma. Neste sentido o VI tem a viabilidade. Claro, se acontecer que em vez de se consolidarem as conquistas se comece até a andar para trás, então o VI Governo não cumpriu a sua missão. Mas que se lhe dê oportunidade, pois não me parece correcto que seja atacado antes de ter tempo para provar isso. Porém, atenção, que não haja os tais desvios à direita. E para que não os haja é importante que as forças de esquerda estejam vigilantes e possam impedir, digamos, tendências que existam nesse sentido».

HÁ QUEM QUEIRA APROVEITAR-SE DO A.M.I.

— *Mas a questão da vigilância não se põe apenas em relação ao VI Governo, pois este não aparece por acaso e não vive isolado. Por exemplo, como se pode controlar a formação do A.M.I. e o recrutamento de militares licenciados que podem vir a estar ao «serviço» do VI e das forças que o apoiam, reprimindo as forças que o criticam?*

. — «Ora aí está um dos tais pontos. Quando se criou o A.M.I., enfim, criou-se com uma determinada finalidade, que era a tal estabilização de que já lhe falei. Uma força estratégica, digamos assim. Nesse sentido, a criação do A.M.I. não está mal, mas depois, quando há forças interessadas em que o A.M.I. seja utilizado como uma força de repressão essencialmente de direita para reprimir a esquerda, aí deve ser limitado, deve ser impedido de se desviar do que é a sua intenção inicial».

— *Como, se é um facto que há forças que estão a tentar fazer esse aproveitamento...*

— «Na verdade, concretamente não posso apontar ninguém, mas que há forças que parecem fazê-lo, isso é evidente. Sim, sim, por certos sintomas, por certos indícios e manifestações, isso é evidente. Nesse sentido as forças de esquerda mais coerentes ou mais determinadas têm de estar vigilantes de modo a conseguirem evitar possíveis desvios que venham a acontecer. Por exemplo, a questão do recrutamento de indivíduos licenciados teve inicialmente como objectivo uma coisa que até parece que está certa — arranjar um grupo de homens, uma ou duas companhias que pudessem agora em Angola, nesta última fase, ajudar a cobertura e protecção das nossas tropas. Um grupo de homens com preparação especial para fazer isso, uma vez que há dificuldade aqui em enviar homens para Angola, não parecia mal. Mas uma vez cumprida essa missão julgo que voltariam à situação inicial — isto é, terminado o contrato voltariam à vida civil. Mas, se a coberto disso se incorpora muito mais gente para, em vez de cumprir essa missão, se criar uma força que ao fim e ao cabo será uma força de repressão, então cá está o tal desvio grave que é preciso evitar».

— *Sr. comandante, também me parece que isto não pode ser encarado isoladamente. Ou não será que o A.M.I. é resultante de uma pressão que se vem fazendo há longo tempo e já levou a uma modificação qualitativa e quantitativa do C.R. e do M.F.A.? Isto é — o aparecimento do A.M.I., e a possibilidade de o vigiar, não deverá ser visto dentro do contexto dos saneamentos à esquerda que se têm verificado ultimamente quer nas Forças Armadas quer nas forças civis por muito que alguns oficiais afirmem não ter havido saneamento nem viragem à direita...)?*

. — «Bom, não podemos pôr as coisas em termos muito simples de saneamentos à esquerda, viragens à direita, etc. Houve efectivamente alteração. Seria uma ingenuidade pretender ignorá-la. No C.R. além da alteração da quantidade para tornar «aquilo» mais operacional (essa redução era necessária, mas não suficiente), houve uma certa modificação também nas próprias correntes e ideias ali expressas. Talvez não se possa classificar isso de um salto de qualidade, mas houve uma transformação no C.R. ao nível de correntes, ideias e influências, ou melhor, de expressão relativa dessas várias tendências. Houve uma modificação, que é sobretudo mais sensível ao nível do Exército, embora também não se possa pensar que a representação do Exército é toda de determinado sentido. Não senhor, a representação do Exército continua a ser em várias direcções, mas de qualquer maneira houve uma corrente, uma tendência muito claramente expressa até aqui dentro do Exército que agora, não está representada, pois foi de certa maneira afastada. Claro, sei bem que dizem que essa tendência pode continuar a ser útil ao M.F.A., que não precisa de estar no C.R. para trabalhar para a Revolução.... Mas a verdade é que essa tendência, agora afastada, se numericamente podia não ser muito importante, no aspecto político é bastante significativa e até agora foi muito importante no processo revolucionário. Engana-se quem pensa que ela pode ser ignorada. Nesse aspecto há, portanto, uma modificação».

— *A verdade é que apesar das alterações continuamos a viver em crise que, de resto, até parece estar a acentuar-se. Como se poderá sair deste impasse? Parece provado que a tese de que um governo «com o apoio de uma base social alargada» tudo resolveria foi por água abaixo.... Qual a via, pois para a saída da crise»*

OS «NOVE» VIRAM TUDO EM TERMOS ESTÁTICOS

— «Isso é um problema difícil.... Pensar-se nesta questão de base social de apoio em termos numéricos, não há dúvida que é grave. Pense-se: temos 50 por cento para aqui, 60 para acolá, temos a maioria.... Analisa-se estaticamente, ou pensa-se estaticamente, um processo revolucionário profundamente humano, e, claro, cometem-se erros muito graves. E esse foi um dos erros maiores que os chamados «Nove» cometeram na análise que fizeram do apoio que teriam nas Forças Armadas e mesmo do apoio que teriam ao nível nacional. Viram tudo isto em termos estáticos. Ora, isto é um processo essencialmente dinâmico e não há dúvida que as forças mais activas, que mais mexem, nunca são propriamente maiorias, são sempre minorias, embora devam ter a confiança e o apoio de sectores mais vastos. Penso que a via de saída se ao fim e ao cabo não é pensar apenas em termos de minorias activas e activistas que tudo fazem e tudo determinam sem ter atenção a realidade de um mundo maior, também não é pensar isto em termos estáticos, agarrando-se às maiorias, ignorando propositadamente quem foram os activistas e afastando-os até, eu dá-me a impressão que, quem tem de conduzir o processo, que acaba por o fazer mover, sempre a minoria. No entant essa minoria, quer-me parece não pode encaminhar o pr cesso sem ter em atenção u realidade que consiste nos i teresses do país de uma man ra geral e de certas limitaçõ que existem, certas defo mações que vêm de trás».

E depois de uma breve inte rupção:

. — «Quanto a mim, esta m noria, que ao fim e ao ca é quem se esforça, não po ser voluntarista, tem de s realista, tem que reconhece realidade da situação econór ca e da situação social.

A via de saída, penso, se não desprezar as tendências as correntes que até aqui ram um papel fundamental n te processo. Não as podem marginalizar de maneira n nhuma, pois marginalizá- em favor de uma maioria es tica é um erro muito grave. outro lado temos que integ todas estas pessoas, tem haver um certo entendime entre as pessoas mais afecti em todo este processo para elas de facto consigam interp tarum bocado a realidade país para se fazer avançar a volução. Claro que este enter mento, esta linha política c recta, é sempre difícil de contrar e até aqui nós ai não o conseguimos. Ao fi o cabo o problema que se p é o da direcção política da volução, que nunca foi reso do e continua a não estar res vido. Portanto, a via de sa

Entrevista de **RIBEIRO CARDOSO**

A REVOLUÇÃO E GOVERNO...

o
te
ue
o-
m-
m
de
so
m
as
es
e
er
m
é
ti-
s,
te
e
a
de

para a crise terá que passar pela resolução do problema da direcção política do processo e isto não pode ser resolvido, nem pouco mais ou menos, só com os militares. Até aqui o M.F.A. tem tido o papel de vanguarda, o papel de motor, mas isto também não corresponde à realidade. A direcção política terá que ser essencialmente uma direcção na qual os militares tenham uma representação forte, mas que inclua igualmente forças civis comprovadamente revolucionárias e progressistas. Enquanto nós não encontrarmos esta solução e depois construirmos uma estrutura adequada que a suporte, teremos muita dificuldade em avançar».

em
, é
nto,
cer,
ro-
ma
in-
hei-
ões
for-

ter-

mi-
bo
de
ser
r a
mi-

erá
s e

es-
hos
ne-
las
stá-
Por
rar
que
nto
vas
que
re-
do
Re-
ndi-
or-
en-
nda
m e
põe
re-
lvi-
sol-
ida

OS S.U.V. VÃO AJUDAR A ENCONTRAR A SOLUÇÃO

E em jeito de «saída» para tudo quanto tinha dito, concluí o comandante Martins Guerreiro:

. — «O aparecimento dos S.U.V., por exemplo, é um elemento novo que vai ajudar provavelmente a encontrar a solução. A própria formação da F.U.R. também parece funcionar nesse sentido. Agora temos realmente é que criar entre as forças progressistas que estão interessadas na construção de uma sociedade socialista (civis e militares) uma estrutura adequada, o órgão de direcção política que possa encaminhar este processo na direcção correcta, tendo depois a confiança não só de minorias, de pessoas muito activas, mas também de uma base maior de apoio — e isto sem que se tenha de pôr em causa as suas posições, mesmo que elas sejam um bocadinho de espera e de consolidação. Se a gente tiver garantido que aquele compasso de espera que se faz é para depois se avançar não temos que ficar muito preocupados; agora se não temos confiança na direcção política e se fizermos uma paragem sem saber se a seguir vamos dar um passo para a frente ou para trás, bom...»

. — *Há pouco o senhor comandante falou de uma ligação de militares com «civis comprovadamente revolucionários». Ora bem, em ponho agora duas questões: falou dos militares como se fossem um todo homogéneo, quando no meu entender, é entre eles, mais do que em qualquer outra parte, que é necessária uma clarificação, uma definição de quem «é comprovadamente revolucionário». Por outro lado, como se compreende que as FF.AA. estejam a colaborar e a servir de suporte — de certo modo — ao VI Governo, que tem uma forte representação de forças que defendem o regresso de militares aos quartéis, a dissolução do M.F.A. e do próprio Conselho da Revolução?*

. — «É verdade que não analisei a questão militar muito profundamente. Estava a encarar os militares já organizados de uma maneira política revolucionária, que poderia ser um bocado a estrutura do M.F.A. dentro das FF.AA. sendo essa estrutura que entraria depois em ligação com as tais forças civis progressistas. Claro que esta estrutura já está posta em causa em todo este processo e temos que resolver paralela e simultaneamente a questão dentro e fora das Forças Armadas. É por isso até que eu digo que os S.U.V., nesse sentido, podem ser um contributo extraordinariamente importante para ajudar a clarificar a situação política e o problema da sua direcção, pois à medida que se vai clarificando dentro das FF.AA. também se pode e se vai clarificando fora delas. No entanto — acrescentou o comandante Guerreiro — é por isso mesmo que eu penso que essa solução não é imediata, não é muito rápida, e é nesse sentido que eu julgo que o VI Governo tem uma missão, pois ainda não e. iste concretamente alternativa em termos organizados, embora exista em termos de, digamos, de ideia. É necessário, contudo, estruturar melhor tudo isto para encontrar a alternativa correcta. É evidente que isto passa um bom bocado por dentro das Forças Armadas e nestas há sectores que não estão interessados nisso e que, portanto, se vão opor. Como é que o problema vai ser resolvido, bem difícil é responder. Vamos ver.

O VI GOVERNO NÃO SE PODE CONSIDERAR REVOLUCIONÁRIO

— *Não respondeu à segunda questão... Como conciliar o suporte das FF.AA., ou melhor, do M.F.A. (ou do que resta dele...) ao VI, quando há lá dentro quem defenda a dissolução do próprio M.F.A. e do Conselho da Revolução?*

. — «Bom, parece-me que o combate a essas forças políticas, em termos ideológicos, deve ser feito essencialmente pelas outras forças políticas civis, e não propriamente pelo M.F.A., ou pelos militares. Pela nossa parte, quando o M.F.A. é atacado, temos que dar uma resposta, mas dadas as nossas dificuldades internas por vezes ela não surge de uma maneira adequada, e valha a verdade, temos que reconhecer também a existência de certas contradições. Realmente este VI Governo não se pode considerar

Continua na pág. 15

RETRATO EM LISBOA, COM ESCRITOR

HEINRICH BÖLL VEIO VER COMO ISTO VAI

Ex-soldado, ex-marceneiro, Prémio Nobel da Literatura em 1972, Heinrich Böll chegou a Portugal para uma curta estadia e tem passado razoavelmente despercebido, como aliás parece gostar. É mais um grande escritor interessado no fenómeno político português. Não trouxe ideias feitas, mas sabe como um país pode mudar a agulha e avalia os riscos implícitos nesse processo. No seu itinerário figuram o Porto, Coimbra, Fátima. Irá de comboio.

Böll recebeu-nos no «hall» tépido de um hotel do centro. Retornados conversavam por ali, bebiam cafés ociosos. Um deles, quando o repórter se afastava em direcção às escadas, sussurrou para outro:

. «O gajo é americano.»

. O escritor é alemão ocidental, tem 57 anos, uma voz algo rouca, um sorriso bom e muitas histórias de guerra e privação, que conta de enfiada. Esta, por exemplo:

. «Estive na **Wehrmacht**, fui ferido...»

. «Duas vezes, diz aqui uma badana de uma tradução sua.»

. «Mais, mais. Às tantas desertei, mas depois pus-me a pensar e disse comigo que estava mais seguro no Exército, no que restava do Exército. Alistei-me de novo, e assim fui feito prisioneiro pelos americanos. Ah, não, não era oficial, era soldado raso! **Plain soldier!** Quer saber o que a gente fazia para comer? Ia pelas quintas, pedia leite, pedia coisas...»

Durante a guerra escreveu poemas, contos, muitas cartas.

«Os americanos tinham alguma ideia de que o senhor fosse escritor?»

«Nenhuma. Nem os americanos nem eu.»

Entre 1955 e 1958, não sabe precisar, tornou-se autor profissional.

Vive disso.

«À LA MINUTE» COM UM «CATÓLICO»

De Heinrich Böll há várias traduções para Português. Tudo começou com a teimosia de um licenciado em Germânicas, Mário Vilaça, no ano antepassado de 1960: **Os Hóspedes Inesperados**, feixe de contos saído na colecção Autores Estrangeiros da Arcádia. Pouco depois, com o rótulo de «católicos», iam para os escaparates dois romances: **Bilhar às Nove e Meia** e **E Não Disse Nem Mais uma Palavra.** Vieram seguidamente **Casa Indefesa** e, já no pós-Nobel, **Retrato de Grupo com Senhora**, ambos romances, e o último traduzido por Maria Adélia da Silva Melo, irmã do homem de teatro Jorge da Silva Melo e, coincidência (ou não), prefaciadora da versão pioneira de Vilaça.

Quando lhe enumerámos todos estes desdobramentos da sua obra, Heinrich Böll abriu dois olhos espantados e quis averiguar que autores mais (alemães, entenda-se) haviam passado recentemente para Português.

«Você é mesmo católico?» — perguntámos a meio da bica.

O romancista deixou a questão um pouco em suspenso. Mais à frente utilizaria o adjectivo «cristão». Resposta?

Mas o tema tinha pano para mangas, e a breve trecho ... istávamos a seguinte reflexão:

«Por mim creio que os países católicos possuem um progressismo latente: a Espanha, o Portugal de antes de 25 de Abril...»

Católico, ele?

«As minhas obras têm sido traduzidas na Rússia. Traduzidas em milhões de exemplares. Não me importa o sítio, o país nde as lêem, contanto que as leiam. Uma vez perguntaram-me como deixava eu que os espanhóis me traduzissem. Ah! Não acha a pergunta estúpida? Claro que nem respondi. Católico, eu? Digo-lhe uma coisa: falar de um autor católico é quase tão complicado como falar de um autor comunista.»

. Em 1972, de visita à Grécia, publicaram-lhe uma tradução nessa altura. A Grécia dos coronéis, onde ele acabava de falar com escritores em dificuldade — censura, repressão, medo...

«E fiquei afinal contente ao ver o livro. Numa obra há sempre... As pessoas lêem, conhecem-me, são pessoas sensíveis, não acha? Há pessoas sensíveis, pessoas destas, em todos os países que têm uma forte tradição cultural. O resto é...»

Acessório — repusemos.

E ele:

«Não gosto de excluir nenhum possível leitor.»

Ele ainda:

«Mesmo nas piores ditaduras pode ler-se um romance!»

O Nobel alemão com a tradutora portuguesa

O PERIGO DA ARROGÂNCIA

A entrevista falhou quando Böll deixou de ser entrevistado para vestir a pele contrária: requisitório cerrado, memória de «Baedecker» político na ponta dos dedos.

«Que escrevem vocês? Escreve-se sobre a guerra colonial? Há bons escritores africanos de língua portuguesa? E os brasileiros, vocês lêem-nos sem problemas? Amado, Rosa? Amado está um bocado velho, não está? E a propósito: Portugal é o Terceiro Mundo já, ou não? É ainda a Europa? Dei uma volta pelas livrarias e tenho visto política, política... Os editores não editam ficção, poesia?»

. Na Alemanha a Primeira Guerra Mundial levou mais de uma década a ser contada, primeiro com Remarque. A segunda foi-o logo em 1945, 1946 (com Böll, entre outros). Só agora se sucedem as obras documentais: quer dizer que ganhou a poesia, ganhou o conto, ganhou o romance!

«E vocês?»

Este homem curioso detesta visivelmente entrar em casa (literária) alheia. Arrancámos-lhe mesmo assim um pedaço de prosa coloquial:

«No meu país os escritores esquerdistas como Enzensberger» (mas, dois pontos, gosta de Enzensberger) «têm um perigo, que é o de serem arrogantes. À primeira vista sabem tudo, discorrem sobre tudo.»

Pausa.

«Os direitistas também.»

Pausa longa.

«Estou a lembrar-me do pós-guerra na Alemanha. Afinal só os homens que vinham da emigração é que sabiam coisas...»

Pergunta inevitável:

«E vocês, como é?»

O pai, entalhador de profissão, escultor por paixão, legou-lhe certamente esta interrogativa dolorosa ante os materiais.

Mobílias usadas

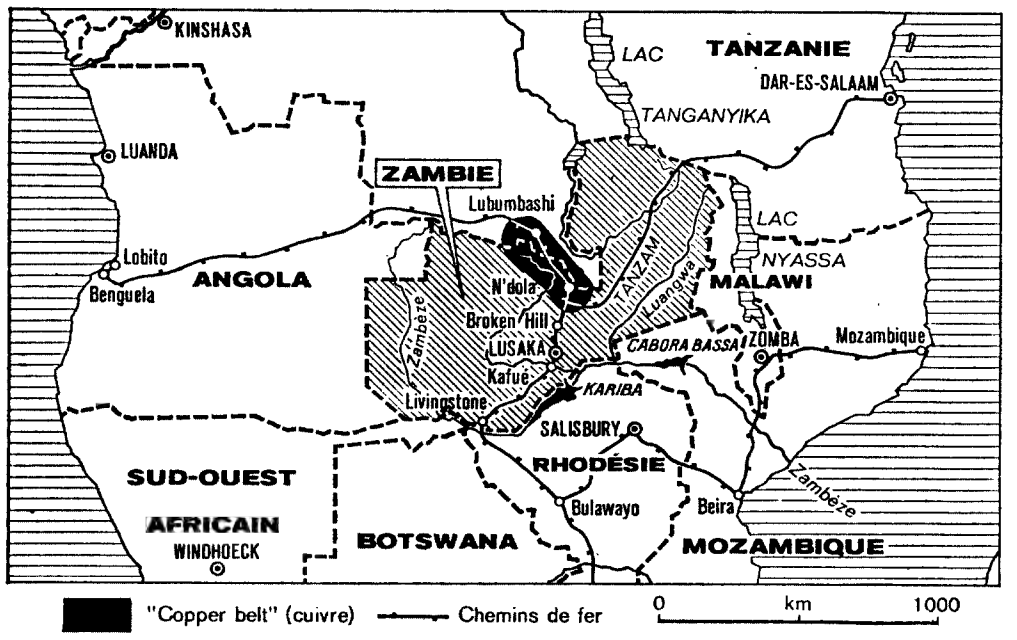
Por falta de espaço, vendo barato mobílias de casa de jantar, quartos, modernas, nórdicas, Q. Anne, D. Maria, Luís XV, Século XVII, roupeiros, maples, sofás-cama, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte da Igreja de Arroios).

Estrangeiro

ZÂMBIA

As dificuldades económicas encorajam os partidários de um recomeço do comércio com a África Austral

Por JEAN-CLAUDE POMONTI



LUSAKA A Zâmbia festeja o décimo primeiro aniversário da sua independência, com a inauguração do Tanzam, caminho-de-ferro construído pelos chineses e que liga Lusaca e os jazigos de cobre da Zâmbia, ao porto tanzaniano de Dar es-Salam. Apesar da festa, o presidente Kaunda tem graves dificuldades e sente-se preocupado.

A Zâmbia antiga Rodésia do Norte é antes de mais o **Copperbelt**, cintura setentrional do cobre, que fornece 90 por cento das exportações e quase metade dos lucros estatais. As minas são organizadas como na África do Sul: quadros europeus, mineiros africanos. É o sector moderno do país, industrializado e sem aldeias. É controlado por duas companhias, a N. C. C. M. (Nachanga Consolidated Copper Mines) e a R. C. M. (Roan Consolidated Mines), e provoca a explosão urbana (mais de um terço da população total de cinco milhões de habitantes vive nas cidades).

Fora disso é o mato africano, vastas extensões pouco povoadas, uma economia de sobrevivência. A missão evangélica está situada perto de campos agrícolas ainda nas mãos de europeus. O nivel de vida é talvez dez vezes mais baixo no campo do que na cidade.

A propsperidade relativa devida ao cobre desapareceu desde o ano passado. A queda vertical deste metal no mercado mundial (mais de 50 por cento) surgiu paralelamente à subida do preço do petróleo. Para mais, a Zâmbia está privada das suas duas principais vias de acesso ao mar. A fronteira rodesiana está fechada desde Janeiro de 1973, como represália contra o regime de Ian Smith. Em Março de 1975, a extensão tomada pela guerra civil de Angola cortou o caminho-de-ferro do cobre, que ia dar ao porto do Lobito. As duas sociedades mineiras foram obrigadas a diminuir as suas entregas em Setembro e em Novembro.

Embora a terra seja rica, a produção agrícola declinou desde a independência. O presidente Kaunda teve como objectivo conseguir em 1976 a auto-suficiência alimentar, mas a carne falta, e mais de metade do leite que se consome, é importado, principalmente da África do Sul. As importações de produtos agrícolas duplicaram de volume desde a independência, enquanto que só um terço das terras aráveis são cultivadas.

Durante uma alocução de seis horas, o presidente Kaunda anunciava, a 30 de Junho que a época do **deixar correr** tinha passado. **A sociedade está doente**, exclamava perante um auditório de funcionários emburguesados. **O nosso sistema jurídico**, acrescentava, **protege um sistema económico dualista em que o sector rural predominantemente africano serve e enriquece os enclaves urbanos dominados pela comunidade expatriada e certos zambianos duvidosos.** O presidente Kaunda não teria podido resumir melhor a situação.

Medidas que se seguiram a este discurso: controlo dos «mass media», corte de 60 por cento nas subvenções às empresas parapúblicas, municipalização dos terrenos urbanos, serviço militar nos campos para a juventude intelectual e no desemprego, suspensão de licenças de importação...

O «handicap» é, no entanto, pesado. A cotação mundial do cobre sobe dificilmente, em consequência dos «stocks» acumulados pelos principais consumidores, principalmente o Japão e a Grã-Bretanha. Com a actual congestão do porto de Dar es-Salam, será preciso esperar vários meses antes que a Zâmbia possa na verdade utilizar o Tanzam, em princípio capaz de evacuar metade das 50 000 toneladas de mercadorias mensalmente exportadas. Soluções como os portos de Nacala e da Beira em Moçambique, não bastam para substituir os caminhos-de-ferro da Rodésia e de Angola.

Militares, funcionários e mineiros foram vendo os seus salários aumentar, a fim de compensar a inflação. O Governo foi obrigado a aumentar os preços dos produtos de primeira necessidade tais como a farinha, o pão, o óleo alimentar ou o açúcar. Um relatório publicado pelos meios de negócios criticou o **clima de incerteza** criado pelas medidas do presidente Kaunda. Quadros europeus fizeram as malas ao saber que o Estado tencionava reforçar o seu domínio sobre as sociedades mineiras.

As medidas de austeridade chocam com os interesses da burocracia, que enquadra o partido único (o UNIP, partido da independência nacional) e dirige as empresas parapúblicas. A UNIP protestou contra a subida dos preços. Quando o **Times of Zâmbia** escreveu que havia dirigentes do partido e membros do Governo que pertenciam ao grupo dos poderosos proprietários agrícolas que recusam vender as suas terras, a UNIP acusou-os de violar uma regra de discreção que o presidente Kaunda impôs aos homens públicos. O chefe do Estado deve, de resto, ter em conta a força dos sindicatos, que se contam entre os melhores organizados da África negra. Kaunda não pode consentir que surja no Copperbelt um foco de desemprego.

Para mais, o chefe do Estado está submetido às pressões daqueles que camponeses, funcionários, mineiros desejam a reabertura da fronteira rodesiana e o recomeco das comunicações e do comércio com a África Austral.

Le Monde

A ESPANHA A FAVOR DA DEMOCRACIA

Por RAFAEL CALVO SERER

. No passado, dirigi-me por cinco vezes ao general Franco com quem mantive relações pessoais logo após a Segunda Guerra Mundial. Teria recomeçado hoje se ele não tivesse deixado de ser um interlocutor válido cuja obstinada recusa em abandonar o poder não deixa resolver na altura desejada e na calma, o grave problema da sucessão. O que teria gostado de lhe dizer agora, prefiro portanto exprimi-lo nestas colunas.

A minha primeira carta data de 1953: nós desejávamos, como grupo político aliado a D. Juan de Bourbon, pai do príncipe Juan Carlos, tenta evitar a destruição das bases ideológicas de um Estado que havíamos concebido como autoritário mas independente de toda e qualquer arbitragem pessoal. Essa tentativa foi em vão.

Em 1954 dirigi-me de novo ao Caudillo, a pedido do seu ajudante de campo político, o almirante Carrero Blanco. A guerra fria estava a chegar ao fim, e a expansão do comunismo estaliniano fôra detida. Era a hora da liberdade e a Espanha devia adaptar-se a ela. Mas foi então a cisão do movimento monárquico, parte do qual, que prepararia depois a chegada dos «tecnocratas» decidiu, com o apoio do próprio Carrero Blanco, apoiar uma estranha monarquia, mais próxima do franquismo do que da herança espanhola. Com efeito, como justificar uma monarquia encarnada por um príncipe, Juan Carlos, que se afastou do pai, autêntico representante da família Bourbon, e único depositário da coroa de Espanha?

. Em 1966 era possível construir em Espanha uma democracia. Nas páginas do meu jornal, «Madrid» tentei exigir as reformas que correspondessem à evolução do país e à nova mentalidade política e espiritual dos espanhóis. Propunhamos a liberalização no quadro de uma política moderada. Franco rejeitou de novo esta proposta.

Em 1968 encorajámos um armistício. Eu propunha ao general Franco que acietasse a reabertura do jornal censurado havia quatro meses. O jornal reapareceu mas durante pouco tempo.

Em Junho de 1969 erguemo-nos nas colunas do jornal, contra a designação do príncipe Juan Carlos como sucessor. Mas Franco não suportava a crítica, por mais leal que ela fosse. Em Novembro de 1971 proibiu o jornal e condenou-me ao ostracismo. Escrevi então a minha última carta. Condenado ao exílio, tirei as conclusões: após trinta anos de vida política, era impossível atingir a reforma sob a presidência de Franco. A liberalização era impossível.

Estas lutas não foram estéreis. Os franquistas, admitem agora a ideia democrática, sem o partido comunista. É indiscutível que na luta contra as ditaduras nazi e fascista, os comunistas tiveram um papel importante: provam-no os exemplos da resistência francesa e italiana. Porque entao esta exclusão? Como evitar o choque? Será preciso negociar; as forças armadas espanholas deverão tomar as suas responsabilidades.

Franco e os seus colaboradores são culpados do isolamento da Espanha. Como não exigi dos Estados Unidos, da Comunidade Europeia e do Vaticano, que rejeitem o compromisso com agonizantes?

. Cada dia que passa agrava a tensão. O abandono do Sahara espanhol? Anos precisos perdidos para uma descolonização razoável; repetem-se os acontecimentos vividos pela Guiné Equatorial.

No interior, outras responsabilidades: quanto aos acontecimentos do País Basco, por exemplo. As propostas de simples descentralização apresentadas pelos seus colaboradores, rejeitara-as Franco como separatistas. Não só no País Basco mas também na Catalunha, na Galiza, nas Canárias, em Valência, na Andaluzia.

Por fim, Franco é responsável pelos conflitos sociais que sacodem a Espanha e que endureceram devido à interdição do direito à greve e da perseguição aos sindicatos clandestinos.

Mas esqueçamos Franco. Na actual situação, as responsabilidades cabem aos franquistas. Em primeiro lugar a Juan Carlos.

A Junta Democrática de Espanha nasceu dessa situação sem saída, tanto no plano económico como no plano político. A Junta Democrática de Espanha acha que o povo espanhol não é de menoridade e que está pronto para a democracia.

Alguns dirigentes do partido socialista operário espanhol e da democracia cristã, que adiam a sua participação nos nossos esforços, atrasaram o restabelecimento da democracia em Espanha. Para justificar a sua atitude, afirmam que as forças armadas nunca aceitarão a existência do Partido Comunista, enquanto que eles admitem o reconhecimento dos outros partidos, inclusive o do partido socialista. A objecção é demasiado absurda para se aguentar. Na actualidade há quem afirme que as forças armadas espanholas aceitariam implicitamente a existência legal do partido comunista, desde que ele não tivesse papel político no Governo Provisório. Que democracia digna desse nome aceitaria eliminar um partido político ?

. O anticomunismo primário, que vem da guerra civil espanhola, desaparecerá, com todas as suas sequelas dessa guerra fratricida através da amnistia geral para vencedores e para vencidos. Os mais dinâmicos — operários, universitários e eclesiásticos — esqueceram essa guerra tão longa e cruel. Porque não a esquecerão as forças armadas?

. Não esperamos dessas forças senão que obedeçam ao poder civil e preencham um vazio, a fim de consentir que o Governo Provisório se forme. Elas podem exercer o seu direito e exigir a retirada legal e honrosa do seu chefe supremo, enquanto fôr tempo. Em todos os casos, a lei espanhola oferece-lhes diferentes recursos.

De onde virá a iniciativa da mudança?

. Penso que a via mais adequada é a mobilização de toda a população espanhola pelas forças políticas e sociais, a fim de mudar o sistema político, sem agitações sociais. As posições dos operários, do patronato, dos intelectuais, dos quadros, do clero, já são muito favoráveis à democracia. A greve geral das províncias de Biscaia e Guipuscoa provou-o a 11 de Janeiro de 1974. A Junta Democratica, no seu *Manifesto da reconciliação*, anuncia uma grande acção nacional que mostrará aos militares a incapacidade do Governo, permitindo-lhe tomar consciência das suas responsabilidades na saída pacífica para a democracia. Em 1951, em 1962 e em 1972, a Espanha manifestara-se opondo-se ao regime. Recentemente assistiu-se a greves políticas e a protestos pacíficos no País Basco, em Madrid e em Sevilha.

Os acontecimentos de 1968 em França e de 1974 na Grécia, na sequência de uma intensa acção de oposição democrática, provaram claramente a possibilidade desse tipo de acção. Na própria Espanha em 1931, uma situação análoga provocou a queda de Afonso XIII e a instauração de um Governo Provisório. Hoje, o herdeiro de Afonso XIII, Dom Juan de Bourbon, pai do príncipe Juan Carlos, cumpriu o seu dever do exílio do Estoril, em Portugal, pronunciando a 14 de Junho de 1975, um discurso que anula o plano de sucessão estabelecido por Franco. Don Juan define a monarquia democrática como uma solução de arbitragem, a fim de resolver as divisões políticas do país.

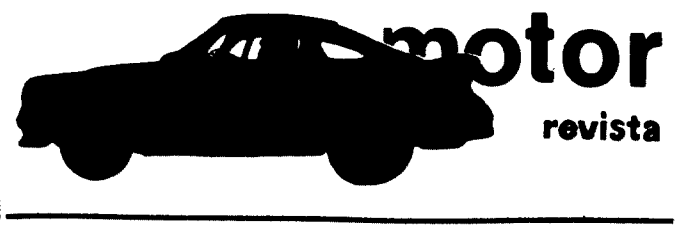
Se o príncipe Juan Carlos e os franquistas que o apoiam, não ouvirem este último apelo à razão, as desordens e a efusão de sangue são prováveis. Eles terão a responsabilidade de tudo isso, juntamente com os seus colaboradores económicos, militares, jornalistas, intelectuais, eclesiásticos.

Chegou a hora das negociações por que há tanto se esperava.

Não fujo às minhas responsabilidades para com o povo espanhol. Solidarizo-me com todos os democratas perseguidos, presos e torturados. Logo que termine a minha acção no exterior, regresso ao meu país onde um artigo intitulado «Também eu acuso», publicado a 11 de Novembro nestas mesmas colunas, me valem uma incriminação a sete anos de prisão. Nesse artigo eu pedia a demissão do almirante Carrero Blanco, que representava aos olhos dos espanhóis, o espírito da guerra civil e a manutenção da ditadura.

O tempo parece ter-me dado razão. A Espanha é a favor da democracia. Esqueçamos Franco.

(C) *Le Monde*



NOMEAÇÕES EM WASHINGTON

Rumsfeld — secretário da Defesa George Bush — director da C.I.A.

. WASHINGTON, 4 — (R.) — O presidente Gerald Ford afirmou que demitiu o secretário da Defesa, James Schlesinger, porque pretendia ter um homem seu no Pentágono e não por causa das divergências que aquele tivesse com o secretário de Estado, Henry Kissinger.

Ford explicou numa conferência de Imprensa, que concedeu ontem, à noite, e que foi televisionada, os antecedentes da remodelação no seu Governo e da demissão de William Colby do cargo de director da C. I. A., os serviços secretos norte-americanos, durante o que já se tornou conhecido como o «massacre da noite de domingo».

«Não existiam divergências básicas» — notou o presidente. «Queria a equipa que eu próprio escolhesse...»

. Os homens incluídos na nova equipa são:

. — O dr. Kissinger, ainda secretário de Estado, mas agora sem o título de conselheiro do presidente sobre questões nacionais.

— Donald Rumsfeld, o chefe do pessoal da Casa Branca, que passa a ser o novo secretário da Defesa.

— George Bush, agora chefe da missão diplomática norte-americana em Pequim, para director da C. I. A.

— Tenente-general Brent Scowcroft, actualmente adjunto de Kissinger, para presidente do Conselho Nacional de Segurança.

O presidente disse ainda que ia chamar de Londres Elliott Richardson, onde é embaixador dos Estados Unidos, para substituir o secretário do Comércio, Rogers Morton, que — revelou — pretendia abandonar a vida política.

Ford declarou também que o vice-presidente Nelson Rockefeller tomara a decisão de comunicar ontem que desejava abandonar o cargo que ocupava, a fim de ponderar sobre candidatar-se juntamente com o presidente às eleições de 1976.

Tanto Schlesinger como Colby foram nomeados para os cargos que ocupavam pelo antigo presidente Nixon. Foi também Nixon que deu ao dr. Kissinger o duplo papel de secretário de Estado e de principal conselheiro da Casa Branca sobre política externa.

KISSINGER VENCEDOR?

Antes da conferência de Imprensa, a interpretação dada geralmente às mudanças no Governo era a de que o dr. Kissinger vencera uma luta tremenda com Schlesinger.

Anunciou-se frequentemente que ambos discordavam sobre questões políticas, afirmando-se que Schlesinger era a favor de uma política mais dura do que o dr. Kissinger no capítulo das relações com a União Soviética e que tinha reservas acerca da proposta do secretário de Estado preconizando o envio de mísseis Pershing para Israel.

«A política externa do meu país acha-se em boas mãos, mas eu desejava uma equipa que fosse a minha... Esta equipa é aquela que penso poderá formular e executar uma política externa contínua com êxito» — frisou o presidente.

Noutra passagem das suas declarações, Ford aludiu à nova equipa como «os meus rapazes».

Havia acordo geral entre os observadores de que a decisão de Rockefeller de se demitir reforçara a posição do presidente junto de republicanos conservadores. Poderá também ajudá-lo a defrontar a ameaça representada pelo aguardado desafio à nomeação presidencial republicana do antigo governador da Califórnia Ronald Reagan.

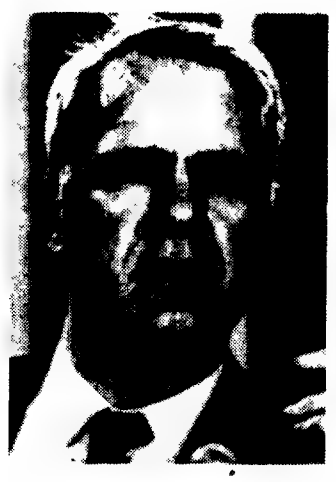
PREOCUPAÇÃO EUROPEIA

BRUXELAS, 4 — (R.) — A demissão do secretário norte-americano da Defesa, James Schlesinger, preocupa os aliados europeus dos Estados Unidos, porque ele era considerado como um enérgico partidário da sua maior ambição — a venda de mais armas e de equipamento militar a Washington.

A decisão do presidente Ford de substituir Schlesinger por Donald Rumsfeld lançará uma sombra sobre a sessão na Haia, amanhã, quando ministros da Defesa de dez Estados europeus da N. A. T. O. voltarem a martelar no argumento de que os norte-americanos deveriam comprar mais armas e equipamento europeus.

Schlesinger, que defendia firmemehte uma forte presença militar norte-americana na Europa, anuiu numa sessão dos ministros da Defesa da Aliança Atlântica, que se efectuou em Bruxelas, em Maio, que o comércio de armamento transatlântico deveria ser feito nos dois sentidos em vez de ser apenas dos Estados Unidos para a Europa.

O «Eurogrupo» da Aliança Atlântica — todos os 13 Estados europeus membros, excepto a França, Portugal e a Islândia — planeavam apresentar um projecto detalhado a Schlesinger numa sessão dos ministros da Defesa da N. A. T. O., que se realiza em Dezembro.



O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, segundo consta, teria saído vencedor de um confronto com James Schlesinger (à direita), afastado agora das funções de secretário da Defesa pelo presidente Gerald Ford. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Preparativos espanhóis para defender o Sara

. EL AAIUN (Sara Espanhol), 4 (R.) — A Espanha prosseguia hoje os seus preparativos militares neste território do deserto que disse que protegeria contra qualquer intervenção armada de Marrocos ou da Argélia.

Um informador militar declarou que a marcha de 350.000 marroquinos desarmados, agora instalados na fronteira prontos para atravessar e reclamar soberania, poderia começar amanhã. Todas as guarnições militares estavam alerta.

Com a população europeia a ser evacuada de El Aaiun, a capital parece agora um enorme campo militar.

Havia soldados em todas as esquinas e jipes de patrulha percorriam as ruas. Foi imposto um recolher obrigatório nocturno.

Foram instalados ninhos de metralhadoras nas estradas e acesso à cidade e em torno dos seus bairros árabes que se encontram cercados por arame farpado devido ao receio de acções de guerrilha.

No centro europeu de El Aaiun, o número de soldados ultrapassa agora o de civis. As poucas casas comerciais que restam estão a esgotar os seus artigos e a encerrar as portas.

Os 2000 europeus em evacuação formavam filas no meio de um desespero resignado para obter bilhetes de evacuação nas repartições do Governo e entregar os seus pertences às autoridades em centros especiais.

«Estive aqui 18 anos. Tudo o que tenho está aqui» — declarou Pedro Alonso, que dirigia um pequeno negócio de transportes. «Aos 42 anos de idade, pensa que tenho vontade de começar tudo de novo outra vez?».

Entretanto, não houve qualquer informação oficial em Madrid sobre o resultado das conversações ali efectuadas entre o primeiro-ministro marroquino, Ahmed Osman, e o chefe de Estado interino da Espanha, príncipe Juan Carlos.

Embora Osman permanecesse em Madrid, possivelmente para mais negociações, observadores políticos na capital espanhola disseram não acreditar que a Espanha cederia à pretensão de soberania marroquina sobre o Sara Espanhol.

A Espanha já efectuou um volte-face depois de aparentemente concordar na partilha do território entre Marrocos e a Mauritânia. Inesperadamente decidiu a semana passada entregar o problema às Nações Unidas.

Esta decisão seguiu-se a uma visita de três dias a Madrid pelo ministro do Interior argelino, Mohammed Benahmed Abdelghani, e a ameaças argelinas quanto ao fornecimento de petróleo e gás natural argelino à Espanha.

Os argelinos não desejam ver Marrocos tonar-se maior e mais poderoso — o que aconteceria se os seus já consideráveis depósitos de fosfatos fossem adicionados aos do Sara.

Para apoiar a sua posição, os argelinos teriam concentrado tropas ao longo da sua fronteira com Marrocos. Abdelghani, interrogado sobre isto quando deixou Madrid no sábado passado, não o desmentiu, dizendo apenas que isto era um assunto que envolvia os segredos de defesa da Argélia.

Caleidoscópio

■ ELIAT, 4 — (R) — A primeira carga israelita a passar no Canal de Suez, há 18 anos, chegou a Eliat às primeiras horas de hoje no meio de severo dispositivo de segurança.

O cargueiro grego «Olympus», de 8500 toneladas, transportando cimento ronemo para Israel ancorou neste porto quase depercebidamente e com a maior parte da cidade às escuras.

■ SALISBURY, 4 — (ANOP) — Chegou-se a acordo sobre alguns pontos nas conversações preliminares entre o primeiro-ministro rodesiano Ian Smith e dirigentes nacionalistas rodesianos acerca de possível conferência constitucional — revela um comunicado do Governo de Salisbury ontem divulgado.

As conversações entre Ian Smith e Joshua Nkomo, dirigente de uma facção do Conselho Nacional Africano, prolongaram-se por duas horas. Foi a segunda vez em quatro dias que os dois dirigentes se reuniram para debater o problema constitucional da Rodésia.

■ CIDADE DO MÉXICO, 4 — (ANOP) — Três mil camponeses ocuparam 14 propriedades agrícolas no Estado de Guanajuato — anuncia a União Geral de Operários e Camponeses do México.

O Exército montou um rigoroso serviço de segurança a volta das herdades ocupadas para evitar agressões dos agrários.

A ocupação de terras, prática desesperada a que recorreram diversas organizações de camponeses, já provocou a morte a pelo menos 20 trabalhadores agrícolas, nos últimos três meses, devido à reacção dos latifundiários.

■ SAN SALVADOR, 4 — (ANOP) — Oito emissoras foram tomadas momentaneamente por supostos grupos guerrilheiros em diferentes pontos do país — informou o Ministério da Defesa de El Salvador.

Segundo o Governo, os ocupantes radiodifundiram mensagens à população exortando-a a unir-se contra o regime.

Três das emissoras estão localizadas em San Salvador, outras três em San Miguel, uma das cidades mais importantes do país, uma em Usulutan e outra em Ahuachapan.

O Ministério da Defesa atribuiu a acção ao Partido Comunista (ilegalizado) e à União Democrática Nacionalista, na oposição.

Campanha no Peru contra a corrupção

LIMA, 4 — (R.) — Um cunhado do antigo presidente peruano Juan Velasco Alvarado procurou refúgio na Embaixada mexicana — anunciaram círculos da Embaixada.

Os referidos círculos acrescentaram que Luis Gonzalez Posada afirmou haver um mandato para a sua captura, desconhecendo no entanto as acusações que foram levantadas contra ele.

Gonzalez foi director do diário «Crónica», controlado pelo Governo, e conselheiro da corporação de desenvolvimento financeiro do Estado (Cofide) até 29 de Agosto, quando o general Velasco Alvarado foi derrubado num golpe sem derramamento de sangue, sendo substituído pelo general Francisco Morales Bermudez.

Um juiz anunciou ter dado à polícia um mandato de busca na residência de Gonzalez, que tem estado sob vigilância desde terça-feira.

Observadores afirmam que as medidas contra Gonzalez parecem estar relacionadas com uma campanha anticorrupção iniciada pelo presidente Morales Bermudez.

Círculos judiciais disseram que a polícia solicitou mandatos para investigar as alegações de desvio de fundos públicos contra vários outros altos funcionários do Governo de Velasco.

Franco sobreviveu a uma operação

.MADRID, 4 — (R.) — O general Francisco Franco, dirigente da Espanha, de 82 anos de idade, sobreviveu a uma operação para cessar uma intensa hemorregia estomacal, mas o seu estado continua grave — dizia um boletim médico às primeiras horas de hoje.

Os médicos decidiram arriscar uma operação ao general Franco, vítima de uma série de ataques cardíacos e complicações estomacais, devido a uma profusa hemorragia estomacal, segundo o boletim.

A operação durou três horas, durante as quais o general Franco recebeu uma transfusão de 7,5 litros de sangue.

Os médicos descobriram uma úlcera estomacal, que sangrava e duas outras úlceras incipientes nas paredes do estômago.

A sua respiração, pressão arterial e pulsação estavam normais, mas «o prognóstico é muito grave», acrescentava o boletim.

O estado de saúde de Franco tem-se deteriorado constantemente desde que o general teve o primeiro de uma série de ataques cardíacos em 21 de Outubro.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 111/75

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição - Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA DE RECONSTRUÇÃO DO COLECTOR E PAVIMENTO DA ESTRADA DE BENFICA 2.ª FASE (1.º, 2.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º TROÇOS)», com base de licitação de 12.403.042$00. Processo n.º 45/75 CP/DSTE.

O depósito provisório é de 310.076$10 e o definitivo de 5 %, da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na 1.ª Repartição — Construção e Reconstrução de Arruamentos da Direcção dos Serviços de Obras, sita na Rua da Palma, 169, das 9,30 às 12 e das 14,30 às 17,30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV e V Categoria ou 1.ª Subcategoria da IV Categoria e 4.ª Subcategoria da V Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 8 de Outubro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa

Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

Espectáculos

CINEMA DE PARIS J.A. FRANÇA

ACTRIZES E ACTORES

O cinema tem as vedetas de que precisa — ou precisou. O «star system» de Holywood encheu salas e enriqueceu produtores, pela Europa fora também, e foi prato de resistência de uma sociologia cinematográfica que deu ensaios e volumes biográficos, sem valer a pena lembrar aqui nomes luminosos que fascinaram as nossas noites antigas. Entre a vedeta e o actor estabeleceram-se diferenças, de atitude e de popularidade, com vantagem para a vedeta que foi o próprio cinema, monstro gerador de mitos, e nos deu a desejada imagem de sonhos paralisados pelo dia a dia. Heroísmos e luxos compraram-se a baixo preço, numa outra vida, saga ou «féerie», senão ópio do povo — ou da burguesia... A esta acção mágica da «estrela» respondia, porém, outra acção provada nas ambiguidades do quotidiano, ou de uma realidade realista, e conduzida por profissionais que se chamavam actores e actrizes. A vedeta é um profissional de si próprio, o actor um profissional dos «outros» que encarna — mas chamando sempre a atenção para si próprio. Essa, aliás a diferença que Jouvet um dia estabeleceu entre o actor e o comediante que se submete e anula no papel desempenhado.

... Categorias de um cinema passado, que vão perdendo curso em novas estéticas e, consequentemante, em novas normas de produção. Mas...

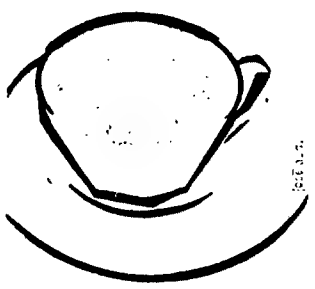
Por exemplo: duas actrizes e um actor destacaram-se de maneira variada em recentes écrans de Paris. Por talento próprio e por exploração comercial também — na medida em que a sua participação cinmematográfica é, ou continua a ser, altamente compensatória.

Há muitos e muitos anos (alguns, de idade, vai tendo...) que Michèle Morgan não aparecia na producão cinematográfica francesa. Ela explicou-se longamente e com o seu «charme» de outros tempos, em entrevistas que lhe prepararam a reaparição (ou aparição) num filme modesto e bem temperado, «Le chat et la souris». História policial habilmente fabricada, entre uma criminosa e um polícia que a persegue discretamente, não de todo armado contra o dito e antigo «charme» da actriz ressuscitada. A «grande dame du cinéma français» (longe vai «Le Quai des Brumes»!) voltou, como se não voltasse lembrança de saudositas de uma «certaine qualité» que o cinema francês dos anos 40 acarretou, e que não era qualidade certa... Outra actriz é Jeanne Moreau, em «Souvenirs d'en France», de Andre Téchiné — e aqui o cinema francês insistiu em outra feição dessa qualiadade tradicional e tradicionalista, com um formulário do naturalismo, bem lembrado de Zola e também de Flaubert, e ainda de Balzac, ou de Maupassant, que são muitas as referências literárias possíveis e necessárias. Uma história de «realismo familiar», algo sociológico, com luta abafada de classes em interiores burgueses, no interior da própria história da França, de 1936 (ou do «Front Populaire») para cá, desenvolve-se com uma inteligência narrativa eliptica e, sobretudo, um poder imagético raro. A Moreau, com o seu sentido agudo e grandioso da realidade interiorizada é a actriz real — e exacta. Que para isso os actores servem...

Um actor como Philippe Noiret, em «Le Vieux Fusil» de R. Enrico, tem o filme por si, mas serve-se indiscretamente dele. História de uma vingança implacável do proprietário de uma casa ocupada pelos «nazis» que lhe assassinaram a mulher e a filha, o seu desenrolar é matemático, com o «suspense» (e a simpatia) necessário. Noiret faz tudo quanto deve fazer um actor que não abdica da sua personalidade, de entre Gabin e Raimu («nous tenons notre nouveau Raimu», disse a crítica), e com algo de Harry Baur ainda...

... Mas temos também Glenda Jackson, no último Losey, «The Romantic Englishwoman», e com ela, uma actriz (de «Love») acede a uma difícil modernidade. Como se Katherine Hepburn viesse de novo, para novos tempos de drama e de amor...

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo a tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA
LISBOA ACORDOU
Poema Eduardo Damas, Carlos Coelho, Jose Vilhena
Música João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Paião
MILÚ ★ CARLOS COELHO ★
AIDA BAPTISTA ★ OCTÁVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atracção nacional
HELENA TAVARES
no «compère» CARLOS MIGUEL
O internacional VIP BALLET
10 escultorais bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)



adoça sem engordar
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

CASCAIS/JAZZ 75

CHARLES MINGUS NO TERCEIRO DIA

Charles Mingus estará em Cascais, no dia 23, última etapa das três que vai ter o Festival de Jazz deste ano. Quem é Charles Mingus?

Nasceu em Nogales, Arizona, a 22 de Abril de 1922. Foi criado em Watts, Califórnia, onde, aos 6 anos, o grande contrabaixista de «jazz», compositor e «leader», recebeu o seu primeiro instrumento musical, um trombone. Quatro anos mais tarde recebeu um violoncelo e, aos 11 anos, acompanhado pelo pai, trocou-o por um contrabaixo. Como salientou Red Callender, que veio a ser seu professor: num mundo branco, foi bastante mais fácil encontrar trabalho com um contrabaixo do que com um violoncelo. Durante 5 anos também estudou sob a orientação de H. Rheinschagen da Orquestra Filarmónica de Nova Iorque.

Mas a sua educação musical começou realmente na Igreja cantando no coro e em grupos e de Duke Ellington. Uma vez disse ao crítico de «jazz» Nat Hentoff «Toda a música que ouvi, quando era muito criança, foi música sacra. A primeira vez que ouvi um disco de Ellington na rádio, tinha 8 anos. O meu pai ia à igreja metodista, a minha madrasta levava-me à igreja Holiness. O meu pai não forçou a minha mãe a ir lá. As pessoas entravam em transe e a resposta da congregação era mais selvagem e mais desinibida que na igreja metodista. O «blues» existia nas igrejas Holiness gemidos em frases musicais repetitivas («riffs») e este tipo de comunicação entre a audiência e o pregador».

Embora tenha tocado na orquestra da escola, a Los Angeles Junior Philarmonic, em bailes e festas, a carreira profissional de Mingus começou em 1940, quando tocou pela primeira vez com Lee Young. De 1941-43, tocou com Louis Amstrong, depois com Kid Ory e Alvino Rey. Em 1946, foi vedeta numa orquestra que incluía Buddy Collette, Britt Woodman, Lucky Thompson e Spalding Givens no Downbeat Clube de Los Angeles.

De 1946 a 48, tocou com Lionel Hampton e nos três anos seguintes tocou com muitos dos gigantes do «jazz», incluindo Charlie Parker, Bud Powell, Art Tatum e Duke Ellington.

Em 1952, formou a sua própria companhia de discos «Debut» possivelmente o primeiro homem negro a tentar tal aventura — e, um ano mais tarde, fez história no «jazz» quando formou o Jazz Workshop, dando uma série de concertos e fazendo gravações. O objectivo da Workshop (que mais tarde adquiriu o nome do seu próprio grupo de músicos), foi dar aos músicos uma oportunidade de trocarem ideias e também de tocarem as suas próprias composições.

A capacidade de Mingus, como compositor, vem-lhe do seu primeiro e pouco conhecido concerto chamado «Hal Mast Inhibition», escrito quando tinha 17 anos e gravado quase 20 anos mais tarde por uma orquestra de 22 músicos, dirigidos por Gunther Schuller. Em 1957, escreveu um trabalho chamado «Revelations» para o 4.º Festival das Artes da Universidade de Brandeis, que o consagrou como um dos mais avançados compositores de «jazz», seguido de composições tão extraordinárias como «Ecclusiastics» e «The Black Saint e Sinner Lady». Como escreveu Whitney Balliet: «Mingus, como compositor de 'jazz', pede dos seus músicos, muito mais do que o compositor clássico dos seus — que eles transportem tanto a letra, como espírito das suas composições básicas, para as suas próprias improvisações, em vez de, convencionalmente, as usarem como arranque para as suas próprias locubrações».

Em 1964, tocou o inesquecível concerto em Monterey e iniciou uma companhia de discos, chamada «Charles Mingus Enterprises», a qual produziu as gravações deste concerto, sob o título «Mingus em Monterey». Foi também eleito o músico de «jazz» do ano, pela revista Downbeat.

Durante a sua carreira, Mingus trabalhou sobretudo com grupos pequenos, provocando os seus músicos a definirem-se musicalmente e a partir daí, tornarem-se grandes vedetas. As suas exortações apaixonadas e explosões vulcânicas são lendárias. As suas maiores orquestras foram constituídas sobretudo para gravações. Gravou mais de 40 álbuns sob o seu nome, tocou pelo menos em 100 e escreveu mais de 200 composições.

Mingus e os seus músicos fizeram a sua última «tournée» pela Europa em 1964. A sua presente viagem levá-los-á a Inglaterra, para a primeira exibição musical. Tocará no Ronnie Scott's Club de 9 a 30 de Novembro. Esteve anteriormente em Ingalterra, fazendo parte do elenco do filme inglês, de nome «All Nitght Along».

A sua impressionante e fantasiosa autobiografia foi adquirida por uma grande casa editora de Nova Iorque, Knopf, e aparecerá no princípio de 1971, com o título «Beneath de Underdog».

Depois da actual digressão pela Europa e da publicação do seu livro, Mingus fixará residência temporária na Universidade de Nova Iorque, em Buffalo, pela concessão da graduação da Slee Chair em Música, onde ensinará e comporá até à Primavera.

Como Mingus disse «A música é a linguagem das emoções: é uma experiência da vida... toda a gente reage à música de uma maneira diferente e toda a gente deveria ser capaz de o fazer por si mesmo — tocar e escrever a música da maneira que a sente. Se alguém quer ser de facto grande, tem que aprender a ser ele mesmo. Está sempre com os outros, mas acima de tudo, está só. Deve ficar só».

CONTRA O PROGRAMA MILITAR TRANSMITIDO PELA R.T.P.

No Plenário das Comissões de Moradores, de Trabalhadores e de outros órgãos da vontade popular das freguesias do Lumiar, Campo Grande, S. João de Brito, Ameixoeira, Alvalade e Charneca, realizado no passado dia 29 na E.P.A.M., foi deliberado repudiar o Programa Militar transmitido no dia 28 de Outubro pela RTP. Nesse sentido, foi feito o seguinte comunicado:

«As Comissões de Trabalhadores e Moradores e outros órgãos populares presentes na reunião alargada para a preparação da Assembleia Popular da 6.ª Zona na E.P.A.M. em 29/10/75 repudiam energicamente o Programa Militar reaccionário transmitido em 28/10 pela RTP, que consideram:

Uma tentativa para manipular os soldados (trabalhadores fardados), com o intuito de os separarem das lutas travadas pelos seus irmãos de classe. Uma clara manobra com o objectivo de destruir as organizações dos soldados revolucionários dentro dos quartéis.

Um preparar do terreno com vista a criar as condições subjectivas para o desencadear de uma ofensiva violenta contra o movimento de massas e as suas conquistas.

«Denunciam o carácter altamente demagógico do programa que, para tentar ocultar o seu carácter profundamente reaccionário e fascista chegou ao cúmulo de pretender confundir as massas populares com a exibição de um documentário de manobras militares realizadas num país socialista (Jugoslávia, 1971).

«Avisam solenemente os responsáveis da RTP de que não devem persistir em provocações deste género às organizações populares e às organizações de soldados que decerto saberão dar a resposta adequada a todos estes comportamentos reaccionários.

«Apelam a todos os trabalhadores da Televisão para que tomem rapidamente numa posição clara de solidariedade com os trabalhadores (fardados ou não) em luta contra o fascismo e toda a espécie de exploração, fazendo um controlo revolucionário sobre a programação da RTP não permitindo que esse órgão informativo esteja mais ao serviço dos interesses dos inimigos dos explorados e oprimidos mas sim ao serviço da classe operária e do povo trabalhador».

Geral

Governador de Setúbal "pelo Poder Popular"

«A Revolução Portuguesa aponta para três objectivos sintéticos _ descolonizar, democratizar e desenvolver». Sublinhou o ministro da Administração Interna, no acto de posse do novo governador civil de Setúbal, Hélder da Silva Nobre Madeira, que preenche a vaga criada pela exoneração do comandante Fuzeta da Ponte, a seu pedido.

Explicitando aqueles objectivos, o ministro afirmou:

. «Descolonizar tem um significado preciso para a esmagadora maioria do povo português: _ ver posto um ponto final, que as circunstâncias impõem que seja draconiano, numa luta que a cegueira de alguns e a abtusa pertinácia de outros desejaram perpetuar em nome de ideais que eles próprios, mais do que ninguém, sabiam caducos ou inteiramente carecidos de fundamento, justiça e viabilidade política.

Incapazes de superar as contradições em que estavam enredados, esses políticos sem escrúpulos arquitectaram alimentar a guerra, até ao último alento na vã esperança de que dos escombros de um país arruinado seriam ainda os mesmos extractos privilegiados da burguesia ponta de lança dos interesses internacionais mais vastos e complexos a reinstalar-se na condução da vida política e económica.

Relativamente ao segundo ponto democratizar aquele membro do Governo sublinhou:

. «O poder popular definindo-se como estratégia global de um pluralismo progressista que contemple toda a comunidade, se conseguir ganhar, significado político, isto é, se não for imolado pelo insaciável oportunismo das forças partidárias, deverá assentar em duas realidades básicas fundamentais que resulta uma, da identidade de interesses dos trabalhadores nos locais onde exercem actividade e por força dessa actividade; e outra da comunidade onde especiais e específicos interesses comuns devem dar lugar à criação de laços de solidariedade colectiva, concretizados através da criação de órgãos onde se não insinuem, para ou esterilizar, as confrontações partidárias.»

. E sobre o terceiro objectivo da revolução salientou a necessidade de promover o lançamento de acções como relançar e reordenar todo o aparelho produtivo, enveredando por um mínimo de planificação da economia.

PELO AVANÇO DA REFORMA AGRÁRIA

O novo governador civil, por seu turno, ao usar da palavra declarou, nomeadamente:

. «Sr.' ministro: A aliança Povo/M. F. A. será a orientadora de toda a difícil tarefa para que fui chamado. É ela que expressa os objectivos dos trabalhadores e dos progressistas em todo o País, com o fim de se atingir a sociedade socialista. Conto para isso com o total apoio da R. I. C. do distrito de Setúbal o que quer dizer das estruturas populares, para o êxito desta missão, o que muito me satisfaz.

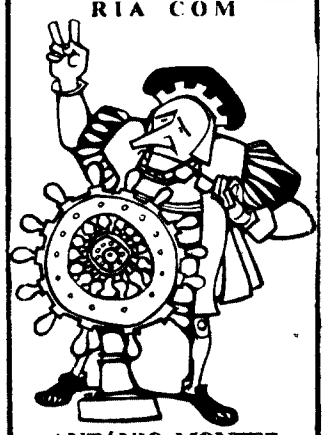
«Não queria terminar sem afirmar ainda o seguinte: o governador civil não deve ser só o representante do Governo no distrito ele deve ser o fiel transmissor e representante do Povo do distrito junto do Governo; e para isso ele tem de estar ao lado dos trabalhadores, pelo avanço da reforma agrária, das nacionalizações e do Poder Popular.»

Martins Guerreiro ao "DL"

Continuação da pág 10

um Governo revolucionário. E toda a gente pensa _ não é revolucionário, então não se apoia. Não é isso _ se encararmos a situação como eu referi atrás, se encararmos este Governo como de estabilização, com uma missão de digerir um bocado as conquistas já alcançadas, pois até com um outro elemento mais conservador isso talvez seja possível. O que é preciso é que se não desvie muito para esse lado conservador. Portanto a presença de elementos conservadores parece-me que não é um factor determinante. O sentido geral, esse sim, é que será determinante. Se as forças de esquerda, embora não estejam em grande força no Governo, tiverem processos e métodos de limitar um bocado essa possível tendência para a direita, até pode cumprir a sua missão. Claro, que se não existisse por parte das forças de esquerda fora do Governo possibilidade de limitar essas tendências ou fazer digerir as conquistas da Revolução, impedindo que se volte atrás, nessa altura então a questão era muito diferente».

teatro do bairro alto
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A, 1-B (ao Largo do Rato)
Telefone 66 15 15
teatro da Cornucópia
Pequenos Burgueses de Gorki
3.ª a Sábado, 21.15
Domingo às 18.30 h.
Não é permitida a entrada depois do início do espectáculo
Não ac. men. 13 anos

É SÓ BRONCAS!
NO
ADÓQUE grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
HOJE
Às 20.30 e 22.30 horas
A CIA DOS CARIBEANS
RIA COM

ANTÓNIO MONTEZ
em «VASCO DA GAMA»
Num teatro confortável, completamente remodelado
Bilhetes desde 30$00!
(Não ac. men. 18 anos)

Hoje

«Seara de Vento»

I PROGRAMA

19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.30 Série filmada **«Os Malucos do Circo»**
20.00 **TV Palco** um programa apresentado por Igrejas Caeiro.
20.30 **Telejornal** 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 Programa militar do Estado-Maior das Forças Armadas.
22.00 **Programa Musical**
23.00 **Telejornal** 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e um episódio da série filmada **«O Regador Mágico»**
21.30 **Telejornal** em diferido a edição do Telejornal transmitida às 20 e 30 no I Programa.
22.00 **Teatro** «Seara de Vento» de Manuel da Fonseca. Encenação de Artur Ramos. Cenografia de Moniz Pereira. Colaboração musical de Domingos Morais. Dramaturgia de José Sasportes. Intérpretes (por ordem de entrada em cena): Rui de Carvalho, Adelaide João, Lurdes Norberto, Madalena Braga, José Manuel, José de Castro, Armando Cortez, Arminda Taveira, Fernanda Borsatti, José de Carvalho, Carlos Veríssimo, Branco Alves, Andrade e Silva e Carlos Santos.
23.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Programa Musical (22.00)

II PROGRAMA

Teatro «Seara de Vento» (22.00)

••••

De «Guerlain», maquilhage para o Outuno: base adoçada, «rouge» «Mignon» e sombra de pálpebras «Chardon» (ou um verde esbatido com reflexos). Antes da base, «Magistral»

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

FINS-DE-SEMANA
ALGARVE — LAGOS

Hotéis	A.P.A.	M/Pensão	P/Completa
S. CRISTÓVÃO	220$00	340$00	440$00
MEIA PRAIA	—	350$00	450$00
GOLFINHO	—	400$00	500$00

Preços por pessoa c/taxas incluídas
Jantar na 6.ª feira, até almoço no Domingo

— DESCONTO 50 %, para crianças até 12 anos, dormindo no quarto dos Pais.
— GRÁTIS: Piscinas, Ténis e Ping-Pong.
— ENTRADA LIVRE: Boite do Hotel Golfinho, sem consumo obrigatório.
— Utilização de qualquer Restaurante destes Hotéis.

Informações e Reservas — TORRALTA
Av. Duque de Loulé, 24 — Telef. 571748 — LISBOA

CIRCO EM LISBOA
Av. da República, junto à Feira Popular
Pela 1.ª vez na Capital o CIRCO MEXICANO
Emp. Teixeira Codónis
Dia 7, Estreia com LEÕES, TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS e CÃES AMESTRADOS — DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS E AINDA O MAIOR VENTRÍLOQUO DA EUROPA JOSÉ FREIXO E SEU PATO DONALTIN
CIRCO MEXICANO O MAIOR CHAPITON PLÁSTICO CONSTRUÍDO EM PORTUGAL COMPLETAMENTE IMPERMEÁVEL

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** **12.45**: Abertura e encontro com o dr. Kurts, editor polaco; **13.15**: Telejornal 1.ª edição; **13.30**: «Os Robinsons Suíços»; **14.00**: Logo à Noite cartaz dos teatros e cinemas e da TV. **Ciclo Preparatório TV** **14.10**: Educação Musical (2.º ano); **14.45**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.00**: Educação Visual (2.º ano); **15.50**: Moral (2.º ano). **2.º Período** **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: Panorama; **20.20**: Vamos Jogar no Totobola; **20.30**: Telejornal 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: «Lucien Leuwen», **21.30**: A Gente que Nos Somos; **22.25**: Cinema Ano II; **23.00**: Telejornal 3.ª edição. **23.15**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e a série filmada «Os Robinsons Suíços»; **21.30**: Telejornal em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa; **22.00**: Concerto; **22.30**: «Callan» _ série de espionagem com alto teor de realismo, e na qual Callan é o espião de bons sentimentos. O actor Edward Woodward é o protagonista; **23.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

BENFICA EM BUDAPESTE

TUDO AZUL: ATÉ O DANÚBIO

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

BUDAPESTE, 4 — Sem sobressaltos, tal como estava previsto (escala em Zurique, jantar na capital hungara) cá está a caravana benfiquista, já sem se recordar do tremendo estrondo provocado pela explosão do petardo nas costas da bancada central do seu bonito estádio lisboeta nem, tampouco, a ligar qualquer pedaço de interesse à «goleada» propiciada ao Estoril Praia. E a continuidade na lista dos grandes favoritos à conquista do campeonato nacional de futebol é uma constante na vida dos futebolistas da «águia», agora os únicos desportistas praticantes que auferem proventos no clube dirigido por Borges Coutinho.

Viagem amortecedora de nervos, optimamente idealizada e perfeitamente realizada pelos homens-base da «Mercury» (Fausto Pires e Jaime Gama), o primeiro com a caravana oficial e o segundo a contas com centena e tal de adeptos benfiquistas que voaram até aqui em voo-«charter». Assim, pouco (ainda) para contar, em relação ao ineditismo que o leitor do «DL» esperava encontrar na primeira crónica remetida de sob a bandeira magiar.

Os jornais de Budapeste dão bastante destaque a este jogo, sem esquecer a intervenção do Vasas, em Alvalade, que é salientada em termos de certa confiança... para desconfiar. Falando do Ujpest-Benfica, salientam o facto de muitos benfiquistas estarem envolvidos nos trabalhos de selecção e, em todo o bloco que se deslocou, haver «internacionais» para os mais variados paladares.

Na primeira ronda desta competição europeia («Taça dos Campeões»), o Benfica saltou facilmente o obstáculo chamado Fenerbahce, **esmagando** na Luz os sonhos de Didi (que acabaria por ser destituído do comando técnico dos turcos, por via do volume do desaire na Luz). Desta feita, a vantagem que o Benfica carrega (três golos) é preciosa: será que chegará para ultrapassar a barreira magiar?

Em perfeita consciência, cremos que sim. Os benfiquistas possuem grande maturidade e enorme experiência internacional, habituados como estão a excursionar nos mais díspares paralelos, sob estados de espírito heterogéneos. Daí que este Ujpest Dozsa, mesmo pejado de bons valores e, certamente com apoio firme do seu público, apenas possa bater entusiasticamente o pé aos campeões portugueses: mas, nada mais conseguir que sair com brilho da «Taça» mais cotada no mundo europeu do chuto.

Já se conhece o nome do juiz da partida: será o italiano Lattanzi. E vem a talhe de foice salientar que nenhum árbitro português foi indicado para dirigir partidas desta prova, na sua eliminatória de amanhã. Tal e qual como sucede em relação à «Taça das Taças», com a honrosa excepção de César Correia «funcionan» como juiz no Brugeois-Ipswich, a jogar na cidade belga de Brugge, (para a Taça UEFA). Mais uma informação: tanto a «Taça dos Capeões» como a «Taça das Taças» só prosseguirão o seu ritmo em 1976, jogando-se a etapa número três da «Taça UEFA» a 26 do corrente e a 10 de Dezembro.

A "MERCURY" ACOMPANHA O BENFICA NA HUNGRIA

SÓ DE FUTEBOL

Este esgrimista do Benfica já tinha surgido, ante os «encarnados», em oitavos-de-final da «Taça dos Campeões». Aconteceu a 6 e 30 de Novembro de 1960. Em Lisboa: 6-2, para os lusos. Em Budapeste: 1-2, favorável aos magiares. Há dois anos voltaram a «chocar»: a 24 de Outubro, na Luz, empate (1-1); a 7 de Novembro, em Budapeste, derrota portuguesa por 0-2, com a turma a ser comandada por Fernando Cabrita. Porém, neste 1975, o pecúlio benfiquista é (aparentemente, pelo menos) de certo conforto.

Recorda-se que o Ujpest tem belas tradições no futebol húngaro: 16 títulos de campeão nacional e quatro triunfos finais na «Taça» local. Mas, no campo internacional e falando exclusivamente nesta temporada, está deveras oscilante: basta lembrar que, no primeiro degrau da «Taça dos Campeões-75», apenas suplantou o Zurique por um golito (4-0 em Budapeste contra 1-5 na Suíça). Aqui, num estádio com capacidade para 35 mil espectadores (lotação esgotada) irá para a «negra» com um Benfica altamente moralizado. Em 1960, fulgor rubro. Em 1973, tropeção da águia. Como será amanhã?

O Benfica a caminho de Budapeste

Três clubes dominam o panorama do futebol húngaro, através de uma história começada em 1901: Ferencvaros, MTK e Ujpest. Os rapazes da camisola «violeta» (este Ujpest que reune, pese a tudo, grande favoritismo dos seus adeptos para conseguir uma sensacional reviravolta na esgrima com o embaixador verde-rubro) conseguiram, em 1930, o primeiro título nacional. Uma característica do clube: fazer muitos golos. Contou (aliás) com uma figura quase lendária nesse capítulo: Gyul Zsengeller, com um quadrunvirato de triunfos como «melhor marcador do campeonato da Hungria». E, na actualidade, Antal Dunai (nascido a 21 de Março de 1943, 31 vezes seleccionado pela Hungria) já possue uma «Bota de prata» e uma «Bota de bronze», atribuídas «pela «Adidas») em Paris, tal como foi, três anos, o goleador magiar mais temível e certeiro. Outro parceiro contemporâneo deste Ujpest muito poderosos é o famoso Tesen Bené (nado a 17 de Dezembro de 1944, «apenas» 75 selecções no activo) que foi, também e já, cinco vezes o «atirador mor» do seu campeonato nacional. Isto diz qualquer coisa, realmente, se nos ativermos no potencial atacante do «team» com mais «internacionais» do futebol húngaro. Catorze, nada menos, no actual «plantel». No rol: Adan Rothermel, 11 (que nasceu a 14 de Junho de 1948); Laslo Harsanyi, 3 (13-3-49); Fozsef Hovtath, 9 (15-5-49); Peter Juhasz, 24 (3-8-48); Josef Toth, 7 (2-12-51); Endre Kolar, 4 (17-11-50); Ede Downai, 11 (14-6-49); Sador Zambo, 33 (10-10-44); Andràs Roth, 10 (5-9-5-); Lasilo Fazekas, 43 (15-10-47) e Laszlo Fekete, 5 (14-4-54) e Laszlo Nagy, 10 (21-10-49). Ainda outros elementos de primeiro relevo, na turma: o guarda-redes Karoly Szigfthy (17-1-49), o defesa Feno Kellner (13-1-50), o médio Adràs Asarlós (24-3-53) e o dianteiro Andràs Torocsik (10-10-55). Nenhum deles atingiu ainda a honra da camisola hungara em cotejos internações mas, por exemplo, Kellner e Torocsik são considerados imprescindíveis na melhor representação do Ujpest da actualidade.

O treinador Paul Vahlidi (41 anos) considera que o adeus de Eusébio à equipa em que foi a grande «estrela» ainda não se justificava: aliás (e por ser verdade) devemos acrescentar que ainda hoje o moçambicano conta, nesta terra bem actualizada em matéria de futebol, maior popularidade que todo o «team» benfiquista junto e a multiplicar por dois... Os pedidos de fotos dele e de notícias a seu respeito seguem-se em torrente: e apenas são atenuados quando o material de propaganda deste novo e ambicioso Benfica voa de mão em mão.

Uma curiossidade: o nome do Ujpest Dozsa é oriundo de um bairro de Budapeste, onde está instalado o campo do clube (o Maqyeriut com capacidade para 48 mil espectadores).

O Ujpeste sempre fez parte da primeira divisão do futebol da Hungria, desde a rodada inicial do campeonato local. E, voltando a mencionar números (as estatísticas falam como gente...) vale a pena dizer que o clube já participou sete vezes na «Taça dos Campeões», tendo aí assinado, até ao momento, 27 espectáculos. Na «Taça das Taças», actuou por duas vezes (onze jogos) e na «UEFA» esteve em seis ocaiões (28 jogos cumpridos). Alto traquejo nestas andanças, como se nota mesmo com vista desarmada.

Não é de esquecer que foram os hungaros (Szabo, Siska, Biri, mais modernamente Fabian, Hrotko) responsáveis pelo incremento do futebol português na sua época heróica. Todos os praticantes profissionais são dotados de elevada técnica e de apuradíssimo sentido táctico, aliando a estes apetrechos uma condição física esmerada, fruto de (desde petizes) beberem leite, comerem carne, meterem no bucho proteínas e vitaminas, em vez de encherem o «paiol das migas» com empaturradelas de feijão e massa, com pratalhadas de batatas e litros de cerveja. Disciplinadíssimos (na rua, no comportamento social como em sua própria vida particular) de uma força de vontade espartana e de uma tenacidade e fevor patriótico a toda a prova, os hungaros transportam consigo uma das mais belas histórias da civilização europeia, com especialíssimo destaque para o lugar que as Artes (Teatro, Ballet, Música, Cinema) ocupam nos instantes de ócio ou para «hobby». Cultos, de educação acima da normal craveira de um Povo, os hungaros manifestam, amiúde, um conhecimento perfeito do que está a passar-se em Portugal, dando prova isenta de como seguem os acontecimentos que conduziram a uma pedra sobre o fascismo e ao nascimento de um socialismo ainda de berço mas «espera-se) vigoroso e eterno. Os nomes de muitos portugueses do pós-25 de Abril são aqui moeda corrente nas conversas: prova-provada da documentação hungara a respeito da «Revolução dos carvos» e etapas sequentes, nem sempre vividas sem sobressaltos, não poucas vezes desenroladas à custa do apear de mitos ou fantasmas...

REGRESSO À BASE

Futebol: pois é, é o Ujpest-Benfica. Campeão da Hungria com campeão de Portugal. Uma incógnita, sempre que estão em paridade equações de valor semelhante. Ujpest em força, decidido, ainda a imaginar numa reviravolta no «placard». Benfica calmo e sereno: a imagem (afinal) do seu treinador, nos tempos em que pontapeava o esférico e desconcertava, do outro lado da barricada, os colegas de festa. Benfica que se apresenta com o potencial normal, se esquecermos Messias (ainda a convalescer de uma lesão) e de Romeu (também a dizer adeus à infelicidade dos primeiros chutos na Luz).

Vale (aqui) uma palavra de lembrança para o grande ausente: Hamilton Marques da Pena. O competente massagista, que goza do maior prestígio entre os jogadores do clube que serve há mais de uma dezena de anos, foi recentemente operado a um tendão de Aquiles. Daí a sua (momentânea) substituição pelo colega João Palhinhas, outro óptimo profissional que se revelou nas andanças da selecção militar (tempos de Otto Glória e Lobo da Costa) e, depois, ganhando «carta de alforria», foi ampliando conhecimentos a ponto de se poder considerar, hoje, elemento imprescindível no posto médico da Luz. Não será por falta de apoio deste sector (citação perfeita ao mérito do clínico dr. Vieira da Fonseca, que também está aqui, em Budapeste, ao nosso lado) que a comitiva terá qualquer sobressalto.

CIRCULAR INFORMATIVA PARA O SECTOR METALÚRGICO

1 — **Dada a grave crise que afecta o sector metalúrgico e tendo em vista a estruturação do respectivo sector, no que respeita às pequenas e médias empresas do País, reuniram-se no dia 22/10/1975, nas instalações da Escola Académica, no Largo Conde Barão, Lisboa, as Comissões de Trabalhadores das empresas: METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, CASA CAPUCHO, TONUS, METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, SONORTE, MOALI, FERUNI, CORAME, HANDY, D.M.C., MEVIL, UNIÃO DAS COOPERATIVAS METALO-MECÂNICAS, assim como representantes da COORDENADORA DA METALO-MECÂNICA PESADA e do SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA, que apoia desde a primeira hora esta iniciativa.**
Da ordem de trabalhos destacamos o 3.º ponto — «apresentação do Anteprojecto que regulará a actividade do sector metalomecânico e metalurgia ligeira». Nessa mesma reunião foi formado um grupo de trabalho provisório, no sentido de organizar uma futura coordenadora do sector (Pró-Coordenadora da Metalo-Mecânica Ligeira).

2 — **Este grupo de trabalho, já em laboração plena, está a fazer o levantamento do sector que, de início e como arranque, englobará três zonas objectivamente ligadas: Lisboa, Setúbal e Santarém.**
Como, fazer o levantamento do sector, implica um salutar recenseamento ao nível do mesmo, foram elaboradas fichas de inquérito, nas quais constarão as possibilidades técnicas, humanas, capacidades de fabrico, áreas coberta e descoberta, potencial (máquinas, aparelhos de elevação, etc.), de modo que este grupo de trabalho possa ter uma panorâmica real e concreta de todo o sector a coordenar.
A Coordenadora do ramo metalúrgico, que abrangerá as pequenas e médias empresas, será constituída para entre outras medidas que favoreçam os trabalhadores, elaborar a planificação e distribuição de trabalho pelas empresas, segundo as suas necessidades e respectivas capacidades técnicas potenciais e humanas.

3 — **Em seguimento a estas informações, que julgamos imprescindíveis, apelamos para que todos os trabalhadores das zonas atrás mencionadas, por intermédio das suas comissões, se manifestem no sentido da defesa dos seus reais interesses, tais como: direito ao trabalho e controlo da produção, fortalecendo a posição das grandes massas trabalhadoras e da respectiva economia nacional delas dependente.**

4 — **De igual modo incentivamos, como passo inadiável para a organização nacional, os trabalhadores das restantes regiões a organizarem-se imediatamente e no mesmo sentido, para que todos juntos consigamos pôr efectivamente este ramo de actividade no lugar que lhe compete, ao serviço da sociedade que o nosso povo exige.**

CAMARADA, PARTICIPA
DIVULGA ESTA INICIATIVA
CONTACTA CONNOSCO, DURANTE TODO O DIA
ESTAMOS PROVISÓRIAMENTE NA CALÇADA DE SANTOS, 3-2.º, LISBOA
PROCURA CONNOSCO A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO SECTOR
PELA ORGANIZAÇÃO E UNIFICAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES METALÚRGICOS!
EM FRENTE PELA COORDENAÇÃO SECTORIAL!
SAUDAÇÕES DO GRUPO DE TRABALHO

Lisboa, 29/10/75.

Pelo SECRETARIADO

TOTOBOLA
Jogue connosco

Fafe - Feirense	1
Alba-Espinho	X
Régua-Paredes	1
Salgueiros-Varzim	X
Lourosa - Gil Vicente	1
Marinhense - Famalicão	X
Penafiel - Covilhã	1
Sintrense - União Leiria	1
Juventude - Montijo	2
E. Lagos - Oriental	X
U. Montemor - Caldas	2
Peniche - E. Portalegre	1
Barreirense - Portimon.	X

CONCURSO N.º 9

Foram apuradas 761 apostas com treze resultados certos, cabendo a cada uma o prémio de esc. 5689$70 (valor provisório).

Com doze resultados certos foram escrutinadas 14 065 apostas, correspondendo a cada uma o prémio de esc. 307$80 (valor provisorio).

Nacional

SPÍNOLA AFIRMA CONTAR COM O APOIO DO P.S. E P.P.D.

Em declarações à revista italiana «Settimanale» António de Spínola afirma dispor, para as suas actividades políticas, do apoio do P.S., do P.P.D., de todos os partidos não marxistas e principalmente da opinião pública e dos militares que recusam o comunismo.

A propósito das Forças Armadas o ex-general diz que a sua «sovietização» está a ser «coordenada» directamente a partir de Moscovo.

Acerca do Governo português avoluma críticas. Esta, a certo passo: o chefe de gabinete de Pinheiro de Azevedo seria Ramiro Correia, ex-chefe da 5.ª Divisão, «departamento que dirigiu directamente toda a acção comunista nas Forças Armadas». O chefe do gabinete de Pinheiro de Azevedo, pequeno lapso, é Rui Montez.

CARLUCCI: «NENHUM APOIO AO SPINOLISMO!»

PORTO, 4 — «O facto de ir ao Norte nesta altura não tem qualquer significado especial» — declarou o embaixador norte-americano a jornalistas após a sua chegada a esta cidade ontem à tarde. O embaixador Frank Carlucci avistou-se com o governador civil e com o comandante da Região Militar do Norte, em visita de cumprimentos. Durante a conversa com o dr. Cal Brandão, Carlucci interessou-se, nomeadamente, por conhecer a situação do Concelho Municipal do Porto. O embaixador segue hoje para Viseu, após o que se seguirá Vila Real, Chaves e Braga, devendo nesta cidade fazer visitas de cumprimentos às autoridades civis e religiosas, estando previsto o seu regresso a Lisboa no próximo sábado. A visita de ontem nesta cidade foi rodeada de forte dispositivo de segurança. Carlucci afirmou ainda ter «confiança no povo português», acrescentando ainda aos jornalistas que são especulações tudo quanto se possa dizer acerca do seu apoio ao spinolismo.

TRONI CONTINUA A VISITAR KAULZA

...«Ora a verdade é que sou amigo do general Kaulza de Arriaga. Visita do general na Trafaria, também sou e tenciono continuar a ser, enquanto disso não me impedirem» — afirma o general da Força Aérea na reserva, Henrique Troni, numa carta enviada ao nosso prezado colega «Diário de Notícias» a pretexto de esclarecimento das acusações que lhe foram feitas pela Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas, segundo as quais estaria envolvido «na preparação de uma acção contra-revolucionária, um novo 11 de Março que seria levado a cabo por sectores da Força Aérea». «Assim, por exemplo ao atribuir-me o qualificativo de «visita assídua do general Kaúlza na Trafaria» é óbvio que se pretende uma associação política dos nossos dois nomes» — continua o general Troni, que logo a seguir considera que «pretender tirar ilações políticas dessa amizade é francamente abusivo, pois, como bem sabem as pessoas que a ambos conhecem, os laços de amizade que construímos e mantivemos não são o resultado de quaisquer interesses ou ligações políticas, inexistentes, mas antes de uma franca colaboração no plano técnico-militar».

Como se sabe, toda a actividade militar do general Kaúlza foi sempre isenta de quaisquer conotações políticas...

5.ª-FEIRA NO PORTO

Manifestação contra "viragem à direita"

PORTO, 4 — Depois de amanhã, efectua-se nesta cidade, às 19 e 30, uma manifestação convocada por trabalhadores «contra a viragem à direita» que se está a verificar no País.

Eis na íntegra o texto do comunicado, a esse propósito, da Comissão Concelhia do Porto do P. C. P.

«A Comissão Concelhia do Porto do P. C. P., tomou conhecimento de uma manifestação unitária convocada pelas comissões de trabalhadores da Secca e da Alumínia e pela comissão de rendeiros de Rio Tinto, contra a viragem à direita, contra a política seguida pelo ministro do Trabalho, contra o patronato, pela realização da Reforma Agrária e cumprimento da Lei do Arrendamento, de apoio aos justos objectivos da luta dos soldados.

«Tendo em conta que tal manifestação se insere na actual ofensiva popular contra a viragem à direita e pelo avanço da Revolução, a Comissão Concelhia do P. C. P. afirma o seu total apoio a esta manifestação e apela para as organizações populares e políticas no sentido do seu mais amplo e unitária apoio.»

A concentração está marcada para a Praça Humberto Delgado.

Teatro não comercial em conflito com o M.C.S.

Dez grupos de teatro independente, reunidos na mesma luta, deram ontem, à tarde no Teatro Vasco Santana, em Lisboa, uma conferência de Imprensa na qual deram conta da sua actual situação, acusando o Ministério da Comunicação Social de, à semelhança do que tem feito com outros trabalhadores de actividades dele dependentes, os querer colocar em situação «provisória e precária».

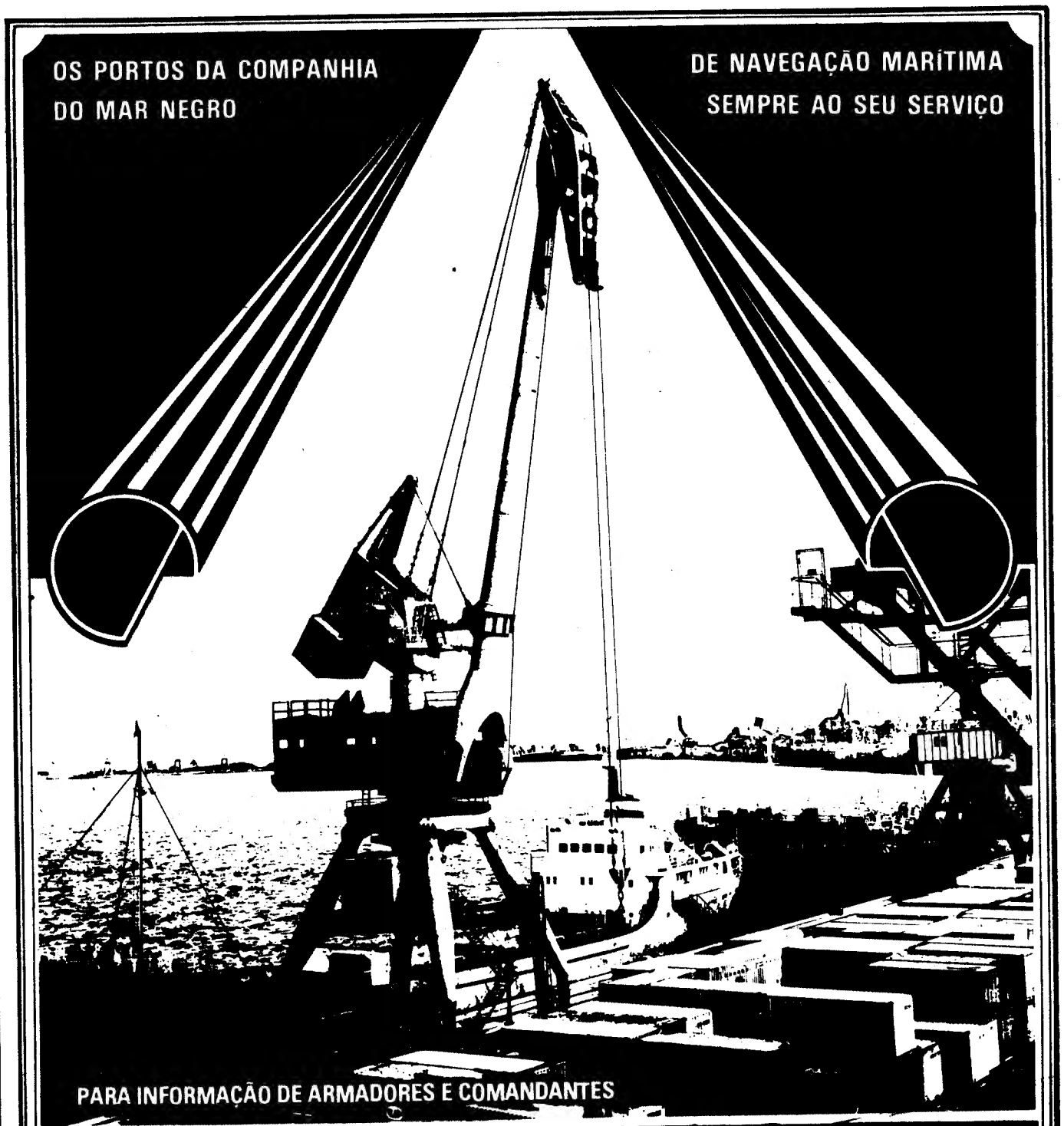
Três comunicações foram lidas nessa conferência de Imprensa. Na última delas, afirma-se nomeadamente, que não há, da parte do M. C. S., uma política de teatro, fundamentada, mas uma ideologia que pretende colocar as «liberdades de expressão e a dignidade profissional» dos grupos de teatro subsidiados «na dependência económica e ideológica do Governo».

A causa próxima desta tomada de atitude do Teatro da Cornucópia, «Os Bonecreiros», «A Comuna», «Cómicos», Grupo de Teatro Proposta, Companhia Rafael de Oliveira, Teatro Estúdio de Lisboa, Grupo 4, Trabalhadores da Casa da Comédia e Seivá Trupe foi a decisão tomada pelo ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, de não respeitar as decisões da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais, concedendo o subsídio sem garantias de continuidade e de mês a mês, o que provoca a tal situação precária que impossibilita a prossecução de um trabalho em profundidade e ligado aos órgãos de Poder Popular, como é vontade dos grupos em questão.

Com estes dez grupos solidarizaram-se, ainda, mais três: «O Bando», «A Barraca» e o Teatro Experimental de Cascais.

Por manifesta falta de espaço, não damos mais pormenores, hoje da conferência de Imprensa, em questão. Prometemos fazê-lo nas nossas edições de amanhã com o pormenor possivel dada a importância de que esse encontro com os órgãos de Informação se revestiu.

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE



Nos portos da COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO MARITIMA DO MAR NEGRO, em qualquer altura do ano ou a qualquer hora do dia, SÃO-LHES GARANTIDAS UMA CORDIAL RECEPÇÃO E UMA ASSISTÊNCIA POR PESSOAL QUALIFICADO!

Os principais portos da Companhia de Navegação Marítima do Mar Negro são: ODESSA, ILITCHEVSK, BELGOROD-DNIESTROVSKI, CHERSON.

Todos os portos da C.N.M.M.N. estão equipados com instalações de elevado rendimento e possuem cais especializados. OS GASTOS NOS TRABALHOS DE CARGA E DESCARGA SÃO REDUZIDOS AO MINIMO!

As agências INFLOT executam DE MODO RAPIDO E QUALIFICADO pedidos relativos a serviços de pilotagem, transporte e reboque, fornecimento de água, de combustível, de géneros alimentícios, pedidos relativos a diferentes casos de reparação e de reequipamento suplementar de navios e a serviços de natureza cultural respeitantes à tripulação.

TODAS AS OPERAÇÕES DE ABASTECIMENTO SÃO REALIZADAS NO DECORRER DOS TRABALHOS DE CARGA E DESCARGA!

NOS ESFORÇAMO-NOS PARA QUE A SUA PERMANÊNCIA NOS NOSSOS CAIS FIQUE NA SUA MEMÓRIA COMO UMA AGRADAVEL RECORDAÇÃO!

TOME NOTA DA NOSSA DIRECÇÃO:

Companhia de Navegação Marítima do Mar Negro

A principal agência marítima de Odessa [illegible]

INFLOT

Os portos do Mar Negro da Nossa Companhia de Navegação dão-lhe as boas-vindas!

Geral

PORTUGAL E A F.A.O.

Decorrerá em Roma, de 8 a 27 de Novembro, a 18.ª sessão da Conferência da F. A. O. que terá a participação de uma delegação portuguesa presidida pelo ministro da Agricultura e Pescas, eng. António Lopes Cardoso.

Entretanto, está a decorrer na mesma cidade a 67.ª sessão do Conselho da F. A. O., sendo a delegação portuguesa composta pelo dr. Mário Oliveira Ruivo, dr. Leonardo Mathias e eng. João José Pereira Reis Junior.

Boll na A.P.E.

O romancista e contista alemão Heinrich Böll, Prémio Nobel da Literatura, será recebido amanhã à tarde (18 e 30) pela Associação Portuguesa de Escritores. Sessão no 2.º piso da Rua Loreto, 13.

Böll, de quem publicamos nesta edição algumas breves declarações recolhidas em exclusivo, será saudado na A. P. E. pelo respectivo presidente, José Gomes Ferreira.

Hoje na Gulbenkian

JORNALISTA FRANCÊS ABORDA RELAÇÕES LESTE-OESTE

No âmbito do intercâmbio cultural com a França, hoje, às 18 e 30 horas, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, o conhecido jornalista francês André Fontaine, chefe de redacção de «Le Monde», profere uma conferência sobre o tema «A Europa e as relações Leste-Oeste depois da Conferência de Helsinquia».

Jornalista de grande experiência (os nossos leitores conhecem-no...), profundo conhecedor dos problemas do mundo actual, André Fontaine, que nasceu em Paris, é licenciado em Letras e diplomado em estudos superiores de direito público e de economia política.

Foi secretário de redacção do «Temps Présents» e do «Le Monde», chefe do serviço estrangeiro, sendo actualmente chefe de Redacção deste último jornal, cargo que desempenha desde 1969.

André Fontaine é autor de diversos trabalhos de carácter político, entre os quais figuram «A Aliança Atlântica na Hora do Degelo», «História da Guerra Fria», «A Guerra Civil Fria», etc.

O povo absolveu na rua

Continuação da pág. 1

pulares, todos se opuseram e, em nome da Comissão de Moradores, alguém usou da palavra para, primeirameme, serenar os ânimos já bastante excitados; e, depois, para pôr à aprovação uma medida tendente a solucionar a questão. A «assembleia» vetou qualquer das medidas, porque não permitia que a ré fosse julgada naquela sala, nem tão-pouco, que só os representantes da comissão de moradores assistissem à sessão (a aludida sala tinha espaço, quando muito, para duas dezenas de pessoas).

Maria Rodrigues estava entre os manifestantes e levantou o braço quando a chamaram. Mas ninguém deixou que arredasse pé do seu lugar. As testemunhas de defesa já tinham tomado assento na sala. E seis agentes da P.S.P. mantinham, porque as pessoas nem estavam ali com intenções provocatórias a «ordem».Aliás, José Moutinho, ex-preso político e membro da Comissão de Moradores da Penha de França, quando os manifestantes, ruidosamente, classificaram aquele tribunal de burguês e fascista («ao serviço do capital e da reacção»), interveio para aconselhar mais calma e respeito — o que até àquele momento não tinha faltado — pelos agentes presentes, «que têm a infelicidade de servir as leis burguesas para sobreviver».

Mais uma proposta, mais um elemento da C. M.' s a usar da palavra e, por fim, a decisão de convocar um Tribunal Popular para resolver a questão, uma vez que a sala era pequena e que o julgamento «legalista» não era mais que uma tentativa de afastar o povo e os trabalhadores da ré e, assim, julgá-la à porta fechada. «Está na hora» (eram 10 e 30), gritou alguém, e foi então dado ao juiz o espaço de 5 minutos para, ante a impossibilidade de julgar a Maria Rodrigues, transferir a resolução do caso para outra sala ou para o pátio. Claro que o dr. Orlando Melro não aceitou a sugestão e, por considerar a «falta da senhoria», adiou o julgamento.

Alguém, gritou ainda que não era crime, antes da chegada de um capitão dos «Comandos» e que outro dos presentes denunciasse o comportamento da P. S. P. da Penha de França, que parece ter levado a Maria Rodrigues, casada e mãe de um filho «que tem na terra», a abortar, em Julho deste ano, com duas crianças no ventre. Terá sido como consequência de todos os problemas surgidos com a ocupação de uma casa que nem legal era?

Procedeu-se, finalmente, ao julgamento popular da ré, tendo-se constituído um júri para presidir aos trabalhos. Após algumas intervenções e «alegações», Maria Rodrigues foi «absolvida» e mandada em «paz».

A Comissão de Moradores da Penha de França adiantou que manterá um serviço de vigilância para defender Maria Rodrigues do capital e dos provocadores.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado no Interior e muito nublado na faixa costeira ocidental onde havia neblina ou nevoeiro e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	12º
FARO	19º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **25,5º**

Fiqueira de Castelo Rodrigo
Mínima **6,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16,6º
Atmosfera 12,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.13	4,4 m	9.57	0,4 m
16.38	4,3 m	22.16	0,5 m
Dia 5			
4.57	4,4 m	10.39	0,5 m
17.24	4,2 m	22.56	0,7 m
Dia 6			
5.41	4,3 m	11.22	0,7 m
18.09	40 m	23.36	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado no Interior e com perídos de muito nublado nas regiões do Litoral Oeste. Vento fraco prodominando do Quadrante Norte; neblina ou nevoeiro matinal em especial no Litoral Oeste.

AMANHÃ

NASCER ÀS 8.07
OCASO ÀS 18.33

DIA 10 — DIA 18 — DIA 26 — DIA 3

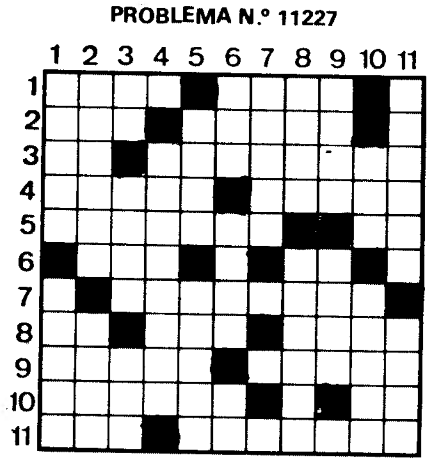
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11227

HORIZONTAIS

1 Aquele que. Educa.
2 Cantão da Suíça. Certo direito alfandegário que se pagava nas praças de Norte da Índia Portuguesa.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Atravessaram.
4 Relativo aos rins. Cidade do Japão.
5 Mamífero pinípedes afins da foca. Brisa.
6 Ovário dos peixes. Pertences.
7 Mofa.
8 Idem. Isolados. Arranca.
9 Ser necessário. Ordinário.
10 Prevenir. Nota musical.
11 Ver. Delicados.



VERTICAIS

1 Ordeno. Apelido
2 Género de aves de rapina da Austrália. Tem por obrigação.
3 Hospedaria oficial na China (inv.) Templo. Caminhar para cá.
4 Estacionasses.
5 Uma das Ilhas de Sunda. Enrubescem.
6 Uma das Espórades Estimas. Troca.
7 Zombarias.
8 Magnetes naturais. Educo.
9 Encoleriza. Fechar as asas para descer mais depressa.
10 Mau cheiro. Olhinho.
11 Município. Membros de aves.

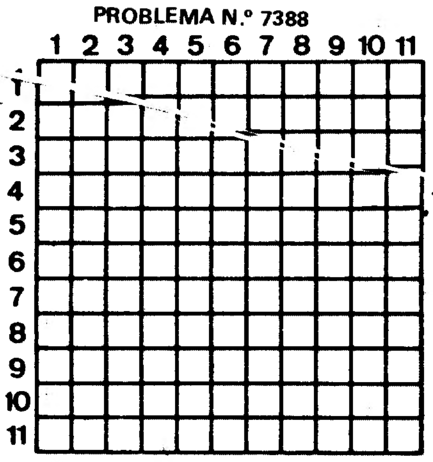
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7388

HORIZONTAIS

1 Palnície entre duas montanhas. Emblema.
2 Falda. Rio da Suíça. Ribeiro de Portugal.
3 Rádio (s.q.). Recues. Sódio (s.q.).
4 Velha. Apelido.
5 Curam. Castigos.
6 Criminosa. Érbio (s.q.).
7 Oceano. Pronome pessoal.
8 Nesse lugar. Resto. Sadia.
9 Larva das feridas dos animais. Magoa. Senhor em inglês.
10 Quinhão (pop.). Lugar de contenda.
11 Superfíciesplanasdelimitadas. Habitar.



VERTICAIS

1 Atravessas. Mulher que foi amada por Petrarca.
2 Sacudir. Encolerizar.
3 Nota musical. Rezem. Guarneça de asas.
4 Pega. Artigo definido. Centiare.
5 Aparceiras.
6 Embarcação grande. O lado do vento.
7 Replicavam.
8 Ecoe. O sono das crianças. Letra grega.
9 Tempo do verbo ser. Ligas. Ente.
10 Preparar. Fado.
11 Tribo indígena brasileira. Atravessar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11226

HORIZONTAIS:

1 Pá. Anafaras.
2 Etal. Rumor.
3 NÃO. Sala. As.
4 Ai. Romanos.
5 Rebanhos.
6 Cãs. Roa. Ès.
7 Postais. Amo.
8 Sapata. At.
9 Vare. NADA.
10 Amame. Marrã.

VERTICAIS:

2 Atai. Coavam.
3 Ao. Raspara.
4 Al. Restaram.
5 Sob. ATÉ.
6 Aramaria.
7 Fulanos. Fam.
8 AMANHÃ. Aida.
9 Ro. Oó. Atoar.
10 Arassem.
11 Somara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7387

HORIZONTAIS:

1 As. Babar. Cá.
2 Rocas. Somar.
3 Arais. Amara.
4 Balia. Saram.
5 Ao. Oc.
6 Pr. Aba. Op.
7 Ar. Atear. Ás.
8 Corre. Sorri.
9 Avia. As.
10 Nas. Cro. Asa.
11 Arões. Grã.

VERTICAIS:

1 Araba. Acana.
2 Sora. Provar.
3 Caiar. Riso.
4 Bailo. Ara.
5 Assa. Até. Cs.
6 Abé. Gr.
7 Asas. Aas. Vo.
8 Romão. Rol.
9 Marco. Aa.
10 Cara. Paras.
11 Aramá. Sisal.

Provérbio: **NÃO FIO NADA ATÉ AMANHÃ.**

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596º264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. Antó io Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Conjuntos
19.00 Informação de trânsito — Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de teatro, por Maria Cristiana e Damas Nunes
23.05 A grande música negra, por José Duarte
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 O compositor interpretando a sua obra
16.45 Duas cantatas de Scarlatti
17.15 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio musical
18.30 Gravacões históricas
19.00 Música sinfónica
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estereo

Programa em Onda Média 2 397 m 755 KHz

20.30 Orquestras de câmara
21.00 6.º programa da série sobre Schostakovich
22.00 Música de tecla
22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco
23.00 As grandes sinfonias
00.23 Obras de Machault e seus contemporâneos
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 290,13 m — 1034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 m — 782 KHz — EMISSÃO CONTÍNUA

Modulacão de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m 1286 KHz; Modulacão de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das **06.00** às **10.00** e das **14.30** às **17.00**

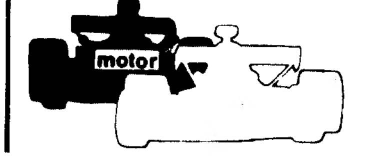
Rádio Graça
Das **10.00** às **12.00** e das **22.00** às **02.00**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **12.00** às **14.30** e das **17.00** às **19.30**

Rádio Peninsular

Das **19.30** às **22.00**



Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704).
ALVALADE
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (tel. 712070); Onilda, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848).
AVENIDAS NOVAS
Dalva, Avenida Duque de Ávila, 125 (tel. 45225).
BAIXA
Cortez, Rua S. Nicolau, 93 (tel. 325378).
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454).
BENFICA
Progresso, Estrada da A-da-Maia, 64-C (tel. 702226).
CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel. 840125).
LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-A/B (tel. 660720)
OLIVAIS
Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (Olivais Norte) (tel. 315539).
PICHELEIRA
Marluz, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)
REGO
Prates e Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728)

TURNO B-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quarteis, 25-27 (tel. 637777).
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro 36 (tel. 866126).
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515).
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (ao Bairro Social) (tel. 770324).
AREEIRO
GASPARINHO; Rua dr. Gama Barros 54-A (tel. 710465)
ARROIOS
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33 (tel. 46843).
BAIXA
Brites Moita, Rua da Alegria, 33 (tel. 321149).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429-431 (tel. 780027).
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul 23-B (tel. 671667).
CONDE REDONDO
Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel. 42239).
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (tel. 790704).
POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B (tel. 382180)
S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (tel. 679453).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.930019); Flama, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); Confiança, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938551)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R.Ernesto Silva, 81 (T.212048)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839). Toda a noite
OEIRAS
Alcântra Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T.2430691). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391). Até às 22 horas
CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Até às 22 horas; Marginal, Av. Marginal (T.280078). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º, piso E (T.2768032)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Santa Marta, R.Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T.2072141)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes, 1 (T.2764466)
MOITA
União oitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Moder a, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Costa, L.da Misericórdia (T.22760); Brasil, P.do Brasil (T.24788)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 12

ATÉ ÀS 22 HORAS

Nacional, Rua Senhora da Luz, 156; Boavista, Rua da Boavista, 601; Cosme, Rua de Costa Cabral, 584; S. Diniz, Rua de S. Diniz, 428; Soeiro, Rua de Santos Pousada, 71; Vitália, Praça da Liberdade, 34; Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520; Antunes, Rua do Bonjardim, 485; Pereiró, Rua da Preciosa, 35 e Herculano, Rua Alexandre Herculano, 384.

A PARTIR DAS 22 HORAS

S. Diniz, Rua de S. Diniz, 428; Soeiro, Rua de Santos Pousada, 71 e Vitália, Praça da Liberdade, 34.

COIMBRA

Nazaré, R.Ferreira Borges, 135 (T.22605); Santa Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (T. 24916); Solum, R.Carolina Michaelis, 20 (T.22120)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»
COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo
VILLARET
21.30 (13 anos)
«Pascoal»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»
ÁDOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Os Contos de Canterbury»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Batalha de Neretva»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Nova Geração»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«O Regresso de Tarzan»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«O Desprezo»
Oxford
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»
ESTORIL
Casino
21.15 (18 anos)
«O Belo Monstro»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Gafanhoto»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Alberto
21.15 (18 anos)
«Revólver»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As Bailarinas»
ALMADA **Academia**
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«40 Anos, Idade Perigosa»

PORTO/Teatros

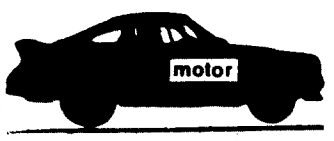
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

PORTO/Cinemas

CARLOS MANUEL
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»
OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A M[illegible] e a Puta»
S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Engrenagem»
COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«O Belo Monstro»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»
ESTÚDIO
221.15 (18 anos)
«A Máquina do Amor»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Matriarca»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«As Aventuras do Rabu Racob»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Cama com Música»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Primeira Noite»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Butch Cassidy e o Kid»
SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«Drácula Tem Sede de Sangue»



cinemas ● cinemas ● cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
4.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
12.ª Semana
Às 24.00 Grupo D (18 anos)
RUPTURA

ROXY
T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
15.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
[illegible] Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A TRAMA
Um filme de Don Sharp
Um ganster não faz amigos, mas os seus inimigos estão mortos!

NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
3.ª semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MADLY — A OUTRA MULHER
Nas sessões das 15.30 e 21.15 reportagem da visita do Senhor Presidente da República à Roménia
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

UNIVERSAL
T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SEIOS DE GELO
Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner

EDEN
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Grupo D - 18 anos
O novo tenómeno ao filme de acção
BIG BOSS
O IMPLACAVEL

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
«PAUL E MICHELLE»
2.ª semana
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O BELO MONSTRO

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.15
Grupo B - M. 10 anos
OS DEZ MANDAMENTOS

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
2.ª Semana

ROMA
T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 2.ª Semana

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DISTO É QUE EU GOSTO 3.ª Semana

SATÉLITE
T. 562832
Interdito a menores de 18 anos
Às 15.00 e 23.00 — **O VÍCIO**
Às 17.00 e 21.00 — **O CIO**
Às 19.00 — **O PROSTITUTO**

CARLOS MANUEL SINTRA
21.15
Não acons. a menores de 18 anos
REVÓLVER

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
Jerry Lewis é
O REI DO CIRCO
Um filme de Joseph Perney
2.ª Semana
Hoje às 19.00 Festival de Aniversário
Não acons. a menores de 13 anos
FERNÃO CAPELO GAIVOTA

CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
O PROFESSOR NUDISTA
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
Um filme de alto nível espectacular e passional
ISABELA DUQUESA DO DIABO
c/Brigitte Skav — a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
c/ Clint Eastwood
3.ª Semana

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 2.ª Semana

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.00
Interdito a menores de 18 anos
ARREFECIDO A 99%

CINEARTE
T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O CASO ODESSA

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BERNADETTE
Um filme de Gilles Carle

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA
T. 661016 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A BOFETADA
c/Lino Ventura e Annie Girardot

RESTELO
T. 610375 Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
A MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
VIRILIDADE
A ITALIANA O SEXO É SEXO...

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

O INIMIGO

Para os «ultras», o inimigo começava no Marcelo Caetano. Para os marcelistas, o inimigo começava nos «liberais» da Assembleia Nacional. Para os «liberais» da Assembleia Nacional o inimigo começava nos democratas que eram contra as guerras coloniais. Para os democratas inimigos das guerras coloniais o inimigo começava nos defensores do socialismo e assim por diante.

Quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre.

Para o ELP o inimigo começa no 25 de Abril. Para Spínola o inimigo começa no 26 de Abril. E dado que quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre, deu-se o 28 de Setembro e o 11 de Março.

Para a burguesia o inimigo começa na classe trabalhadora. Para a classe trabalhadora o inimigo começa na burguesia, mesmo aquela que finge de classe trabalhadora.

E se é certo que quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre, a dificuldade consiste em detectar claramente quem é o inimigo.

Quem é contra e quem diz que é contra?

Quem é a favor e quem diz que é a favor?

Quem é povo ou a favor do povo, e quem diz que é povo e que está a favor do povo?

Ser e dizer, eis a nova e eterna questão.

MANUEL DE AZEVEDO

PINHEIRO DE AZEVEDO EM FARO

Continuação da pág. 1

de autoridade democrática», o C. D. S. assumirá uma posição de apoio, à semelhança do que aconteceu no Porto. Não se sabe, contudo, se o presidente da Comissão Política, Diogo Freitas do Amaral, se deslocará, a Faro, a exemplo dos seus homólogos do P. S. e P. P. D.

M. D. P. DE FARO ALERTA

A propósito da manifestação a Comissão Distrital de Faro do M. D. P. / C. D. E., em mensagem enviada ao Primeiro-Ministro refere a actual situação que se vive naquela cidade e as implicações que podem advir da visita do almirante Pinheiro de Azevedo.

Em dado passo da mensagem afirma-se:

«A visita de V. Ex.ª neste momento, sabida a exploração que toda a direita fez da recente viagem ao Porto corre assim o risco de aparecer como uma cobertura ou um aval concedido à social-democracia e ao fascismo.»

E mais adiante:

«Receia o M. D. P. / C. D. E. que em Faro, V. Ex.ª se possa ver envolvido por forças que não são as suas a tentarem comprometê-lo num combate que não é o seu.

O M. D. P. / C. D. E. que tem presente as repetidas afirmações de V. Ex.ª de comprometimento no avanço da Revolução socialista não aceita que esta visita possa ser entendida como um apoio à contra-revolução.

«O Algarve necessita neste momento da paz e da segurança que as forças direitistas e reaccionárias lhe roubaram. Possa a vinda de V. Ex.ª a Faro contribuir para as restaurar e para terminar com a perseguição e os saneamentos das forças de esquerda.»

ANGOLA E TIMOR DEBATIDOS EM BELÉM

O presidente Costa Gomes, elementos do Gabinete de Angola, e os secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação discutiram ontem em Belém, conjuntamente, os problemas de Angola. O governador de Timor, coronel Lemos Pires, também foi recebido pelo general Costa Gomes, com quem trocou impressões sobre a situação naquele território. O chefe do Estado recebeu ainda o embaixador da União Soviética.

É URGENTE QUE O GOVERNO FIXE OS PREÇOS DO ARROZ

Os agricultores do Baixo Mondego, sobretudo os pequenos e médios, têm reivindicado, em várias reuniões e encontros efectuados naquela região, que o preço dos cereais, e em particular o do arroz, seja fixado pelo Governo antes do início das culturas. Só assim as culturas podem ser feitas com um mínimo de segurança. No entanto, apesar de reclamada, esta política de preços ainda não foi iniciada — e os preços, de uma maneira geral, têm sido fixados muito depois das culturas e, nalguns casos, até depois das colheiras. Precisamente no caso do arroz, já as colheitas estão feitas e o Governo não se pronunciou ainda sobre os preços. Apenas correm boatos, como aliás acontece sempre que não há informação esclarecedora.

No sentido de bem resolver o problema, o Organismo Distrital de Coimbra para o Trabalho Camponês preconiza um esquema de comercialização e fixação de preços idêntico ao que foi estabelecido para o trigo, por intermédio do Instituto de Cereais.

Segundo esse esquema, todo o arroz deve ser comprado pelo IC, que, posteriormente, o distribuirá de forma planificada. Deste modo, seria eliminada toda a especulação nos circuitos intermédios.

Deveria também o IC fixar o preço base por quilo, um preço justo que tenha em conta a diferença de produções específicas nas grandes, pequenas e médias explorações e nas diferentes regiões orizícolas do País. A este preço deveriam ser adicionados subsídios diferenciais consoante a produção (pequenos e médios agricultores deverão receber um subsídio por quilo dado que as suas pequenas explorações são menos rentáveis que as grandes explorações) e a região orizícola (deverão ser estabelecidos subsídios para os agricultores das regiões onde a produção de arroz por hectare é menor).

Enquanto preconiza este esquema que elimina especulações, pois a distribuição planificada é feita eplo Estado (Instituto dos Cereais), o Organismo Distrital de Coimbra para o Trabalho Camponês reivindica a imediata publicação dos preços do arroz pelo Governo.

CÓLERA AVANÇA

Seis mortos em Coimbra

A cólera já provocou seis mortos em Coimbra.

Admite-se que o surto de cólera alastre ao distrito da Guarda.

Entretanto, o Centro Hospitalar de Coimbra distribuiu um comunicado informando que a partir de hoje «se encontram encerradas as consultas externas do Hospital Geral de Covões», devendo «todos os casos de cólera serem encaminhados directamente ao Hospital Sobral Cid, onde se encontra já em funcionamento um pavilhão especificamente destinado ao internamento de doentes coléricos.»

Mais uma vez se alerta a população «para o cumprimento das regras de higiene individual e colectiva divulgadas pela Direcção-Geral de Saúde e nomeadamente para o não consumo de berbigão.»

ACORDADO EM ROMA

"Não" a intervenções estrangeiras em Timor-Leste

As conversações acerca do futuro da ilha de Timor, entre os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da Indonésia, Melo Antunes e Adam Malik, terminaram ontem em Roma, tendo os dois ministros decidido manter «em estreita cooperação» e concordado com a necessidade de se organizar um encontro entre Portugal e «todos os partidos políticos» da ilha.

Isto significa que Portugal, que reconhece os interesses da Indonésia em Timor, não lhe reconhece qualquer direito de intervenção, como pedia Jacarta. Significa também que Portugal não reconhece qualquer predomínio de um ou doutro dos partidos envolvidos na actual guerra civil, designadamente a Fretilin, a despeito do apoio que é dado a este partido por forças progressistas internas e internacionais.

O futuro da ilha, cuja independência estava prevista para 1978, continua a ser um assunto de Portugal, «na sua qualidade de autoridade legal do território».

Estas indicações encontram-se contidas no comunicado conjunto, publicado em Roma no final das conversações que começaram no sábado.

Tendo em consideração os recentes desenvolvimentos da situação em Timor português, os dois ministros acordaram na cessidade urgente de restaurar a paz e a ordem no território, de forma a permitir que as vpulações decidam livremente o seu próprio destino.

Com esta finalidade, os dois ministros acordaram na necessidade de realizar, no mais curto prazo de tempo possível, um encontro conjunto entre Portugal e todos os partidos políticos de Timor Português com vista à cessação da luta armada e à execução pacífica e ordeira do processo de descolonização de Timor português.

MINISTROS REGRESSAM

Melo Antunes e Adam Malik, que estiveram reunidos em Roma desde sábado, regressaram ontem aos respectivos países.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, ao regressar a Lisboa, fez declarações aos órgãos de Informação, nas quais frisou a certo passo:

«Penso que a iniciativa destas conversações contituiu uma medida positiva por parte de Portugal, porque nos permitiram conhecer, realmente, através de uma voz autorizada — a do ministro dos Negócios Estrangeiros Adam Malik — aquilo que o Governo de Jacarta pensa sobre o futuro de Timor e as formas de cooperação que projectava ter com Portugal para uma realização correcta da descolonização do território.

A primeira conclusão importante a que se chegou nestas conversações, que duraram muitas horas, foi que a Indonésia concordava com o princípio fundamental por nós sempre defendido no processo de descolonização, de que a vontade do povo de Timor quanto ao seu destino seria respeitada tanto por Portugal como pela Indonésia.

O segundo ponto importante é que tanto a Indonésia como Portugal — e aqui tem maior relevo a Indonésia — concordaram em que não havia possibilidade de uma solução pacífica e negociada para Timor sem que deixasse de haver interferências, quer políticas quer armadas. Entendemos que, sejam quais forem as potências que se considerem com direitos na área devem evitar toda e qualquer interferência militar em Timor».

Colóquio luso-húngaro sobre economia

No auditório da Feira Internacional de Lisboa, é inaugurado esta tarde o Colóquio Luso-Húngaro de Economia e Finanças. Haverá uma conferência, em francês, do dr. Siklos, vice-presidente da Câmara de Comércio da Hungria (entidade promotora do colóquio). Seguir-se-á, às 17 horas, a projecção de um documentário húngaro, e uma exposição, em inglês, o dr. Karoly Ravasz, sobre cooperação económica.

Amanhã, os trabalhos prosseguirão com conferências, seguidas de debate, do dr. Tarafas (sobre problemas de financiamento) e do dr. Ferenc Eross (sobre mercadologia e propaganda no mercado húngaro).

Sociedade de Ginecologia

Em assembleia geral que decorreu na Maternidade Bissaya Barreto, a Sociedade Portuguesa de Ginecologia elegeu a sua primeira comissão coordenadora para o triénio de 1975-78, à qual preside o prof. Henrique Miguel Resende de Oliveira, dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

AÇORES

Uma bomba

PONTA DELGADA, 4 (FP) Explodiu esta madrugada uma bomba de relativa potência no pátio interior do Comando Naval dos Açores.

A explosão partiu os vidros de todas as janelas do lado Oeste e Norte do edifício, bem como os de algumas casas vizinhas, mas não causou desastres pessoais.

A deflagração ouviu-se em quase toda a cidade, provocando a aglomeração de inúmeros populares junto do Comando Naval, onde compareceram as principais autoridades militares locais.

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se naTABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

nota

PÔR CONDIÇÕES E...

«Tinham-me perguntado se eu punha algumas condições para aceitar ser discutido para uma nomeação destas. Na altura não me lembrei de nenhuma, mas agora tenho uma condição a apresentar. O que sucede é que há duas hipóteses a considerar. Agora sou graduado; posso meter água de duas maneiras — uma é sentir-me ultrapassado pela dinâmica do processo e, às tantas, apeio-me do comboio. Convoco o pessoal que me pôs cá e informo que a partir deste momento não tenho pedalada para este comboio não aguento e saio. Portanto saio, serei desgraduado, voltarei a ocupar o posto que é o meu e continuarei na Força Aérea, noutras funções. A segunda hipótese é dar a tal barraca tipo 11 de Março. Ora se eu der uma barraca tipo 11 de Março, não mereço de maneira nenhuma que, pelo facto de ter sido promovido agora, a Força Aérea fique com um problema moral.»

Quem assim falava, por espantoso que pareça, era o er ão coronel-graduado Mora s e Silva, na Assembleia do MFA da Força Aérea que reuniu no Centro de Sociologia Militar a 13 de Maio de 75, para escolher dois novos membros do CR por parte da FA. Um dos escolhidos foi, com as condições postas (?), o hoje general de quatro estrelas graduado, Morais e Silva. O outro foi o major médico Manaças, que deveria substituir o gen. graduado Pinho Freire, então demissionário, o que nunca veio a acontecer.

COINCIDÊNCIAS

Será por coincidência que nos postos fronteiriços de Galegos, Elvas e Vilar Formoso, continuam a trabalhar, no turismo e outras repartições, as mulheres dos ex-«pides»?

Será que isto não tem nada a ver com a facilidade com que eles entram e saiem do País?

FABIÃO CRITICADO PELOS AMERICANOS

De acordo com informações provenientes de fonte muito ligada ao Senado americano soube-se que o general Fabião tinha sido muito criticado pela sua (correcta) atitude em relação ao caso RASP/CICAP.

Soube-se também que essa crítica ia ser feita sentir junto do nosso Governo.

Haverá alguma relação entre tais posições e a contestação que o CEME sofreu numa das últimas reuniões do Conselho da Revolução, em que nem sequer esteve presente?

Terão ou não os contestadores alguma coisa que ver com as vontades de Washington? Ou serão apenas coincidências?